

OS SIGNOS “NAÇÃO”, “ÓDIO” E “RESISTÊNCIA”: UMA ANÁLISE DIALÓGICA DE POSICIONAMENTOS POLÍTICOS BRASILEIROS

THE SIGNS “NATION”, “HATE” AND “RESISTANCE”: A DIALOGICAL ANALYSIS OF POLITICAL BRAZILIAN POSITIONS

Orientando: Fábio Augusto Alves de Oliveira

Orientadora: Luciane de Paula

RESUMO: Este projeto, cujo embasamento teórico-metodológico está calcado nos estudos bakhtinianos, volta-se a discursos veiculados nas redes sociais que refletem e refratam posicionamentos políticos, a partir dos signos ideológicos “nação”, “ódio” e “resistência”. O objetivo é compreender, por meio da análise desses três signos-chave, os embates oriundos de vozes sociais divergentes, no contexto da disputa política eleitoral de 2018 e início do recém governo federal, em 2019. Para tal, embasa-se nas noções de dialogia, signo ideológico, voz social, enunciado e translinguística. Os termos em questão são tomados como arena/discurso de digladição de juízos de valor. Por meio deles, pretende-se discutir como os processos de significação e valoração são construídos e materializados na/pela linguagem. Os três signos tomados para análise circulam nas redes sociais, e o *Facebook* e o *Instagram* são as plataformas de onde foram retirados, em virtude do grande número de visualizações e compartilhamentos. A justificativa desta proposta é a relevância social de se pensar sobre o quadro vivido e a contribuição teórica, uma vez que se propõe a refletir sobre fenômenos contemporâneos de linguagem e sobre sociedade, bem como compreender como o discurso político e suas formas de ressignificação surgem e tomam vida própria nas redes sociais e ultrapassam essa dimensão para, via ironia, sátira e outros processos discursivos, de certa forma, inferir na constituição de uma sociedade e de uma cultura inteira.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Bakhtin; Signo ideológico; Voz social; Dialogia.

ABSTRACT: This project, which theoretical-methodological basis is grounded on the bakhtinian studies, turns itself to speeches vehiculated on social networks that reflect and refract political positions, from the ideological signs of “nation”, “hate” and “resistance”. The objective is to comprehend through the analysis of these three key-signs the clashes raised by distinct social voices, in the context of the electoral political dispute of 2018 and of the beginning of the newly federal government, in 2019. Therefore, it is based on the notions of dialogy, ideological sign, social voice, utterance and translinguistic. The terms mentioned are taken as arena/speech of digladiation of value judgments. Through them, it is intended to discuss how the meaning and valuation processes are built and materialized on/by language. The three signs taken to the analysis circulate on social networks and Facebook and Instagram are the platforms where they were withdrawn, because of the great number of views and sharings. The justification of this proposal is its social relevance of thinking about the picture lived and the theoretical contribution, once it proposes to reflect about contemporary phenomenon of language and about society, as well to comprehend how the political speech and its forms of resignification arise and become living on social networks and

exceed this dimensions to, through irony, satire and other discursive processes, in a certain way, interfere on the constitution of a society and of a whole culture.

KEYWORDS: Bakhtin Circle; Ideological sign; Social voice; Dialogy.

INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Este projeto, fundamentado nos estudos bakhtinianos¹, propõe analisar os signos “nação”, “ódio” e “resistência”, valorados de maneira ambivalente na política brasileira, especificamente em momentos antes, durante e depois da eleição presidencial de 2018. Para tanto, mobiliza, em especial, a ideia de signo ideológico, de voz social, de enunciado e de dialogia e de translinguística. Tais concepções serão compreendidas em *posts* de redes sociais, particularmente, *Facebook* e *Instagram*, entendidos como espaços privilegiados, em que o eco, a ressonância e a ressignificação do signo ideológico, marcado historicamente por sua bivocalidade polêmica, revelam-se de modo expressivo e singular.

Ao tratar de tais valorações, o projeto procura compreender, assim, quais as noções de “nação”, de “ódio” e de “resistência” para grupos e vozes sociais envolvidos em um momento de polarização e tensão social: o processo eleitoral para presidência de 2018, no Brasil. A ideia, também, é refletir, a partir das análises, sobre a movimentação discursiva na esfera política e sobre as formas de ressignificação da palavra (signo ideológico), compreendida como local de confronto, de diálogo bakhtiniano entre sujeitos de linguagem, que remontam a construções histórico-sociais.

Os três termos discursivos (e suas plurissignificações) foram pensados como signos que tratam, por excelência, da polarização e que expressam bicovalidade enquanto acontecimento, porque trazem à cena concepções nodais e polêmicas do processo eleitoral: a ideia de “Brasil”, por exemplo, contida no *slogan* da campanha de Jair Bolsonaro (“Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”, em que há uma confluência entre nação e religião) e sua respostas; “ódio” (discurso de ódio), porque reverbera valores sobre direitos humanos e sobre uma noção de sujeito difundida e polemizada no processo eleitoral entre os variados grupos sociais; Por fim, “resistência” como compreensão do movimento (e do sujeito que resiste, bem como a quem resiste) em resposta às demais produções discursivas referentes à vitória da campanha de Jair

¹ Conforme dito no resumo, os conceitos, em especial, mobilizados para a investigação e processo de pesquisa são: dialogia, signo ideológico, voz social, enunciado e translinguística. Como característica da própria corrente teórico-metodológica, esses conceitos, por vezes, tocam-se porque se constituem mutuamente, evocando uns aos outros. Ao explaná-los e explicar como são compreendidos aqui, por vezes, destacamos essa relação íntima que os preceitos teórico-filosóficos da teoria bakhtiniana possuem.

Bolsonaro à presidência. Logo, os signos aqui compreendidos nascem no contexto político desse período, refletem e refratam a tensão polêmica de sentidos com valorações opostas e/ou ambivalentes, como forma de materialização do confronto de e entre grupos sociais. Com isso, pretende-se compreender o processo discursivo e a ideia de “Mito”, expressa, segundo a hipótese trabalhada aqui, nos três signos analisados.

Esta proposta discute o período da eleição presidencial brasileira de 2018 como um momento de tensão político-social, em que a dialética do signo torna-se mais afluada. Contudo, a política brasileira passou, antes, por acontecimentos cruciais e divisores. Em 2013, por exemplo, o Brasil assistiu às “Jornadas de Junho de 2013²”, manifestações de rua, meses antes de outra também polarizada eleição presidencial. “Quando ocorreram as manifestações de junho de 2013 e a popularidade de Dilma Rousseff despencou, as direitas começaram a conquistar mais adeptos e simpatizantes” (ROCHA, 2018, p. 51). Já no ano seguinte, com a tentativa de reeleição da atual presidente, houve, na política brasileira, ainda mais conflito e tensão. Rocha (2018) menciona o “Mensalão” (2005-2006) como momento de cisão, com críticas jornalísticas vorazes. Isso, segundo a autora, ebuliu em manifestações, anos seguintes, contra corrupção, com foco no PT, dando vazão a uma ideia “anticorrupção da pátria”. Após a reeleição de Dilma Rousseff, vem seu *impeachment* e toda a instabilidade ocorrida na política brasileira, juntamente ao governo de Michel Temer.

A operação Lava-Jato, iniciada em 2014 no Paraná, evoca um espírito anticorrupção e de justiça, colocado como um movimento moral, encabeçado por Sérgio Moro como herói. Com o processo e a prisão do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, o país assiste a mais um episódio de intensa conturbação política em poucos anos. 2018 chega com uma nova eleição presidencial nesse clima polarizado, com ódio instigado, nacionalismo exacerbado, saudosismo autoritário e resistência a esse movimento de direita conservadora crescente. Nesse cenário é que aparecem, de maneira expressiva, os temas “nação”, “ódio” e “resistência” como signos que, de certa forma, caracterizam esse tempo histórico da pós-verdade, marcada por *fake news* e pela política feita com *selfies* e *posts* nas redes sociais. A esfera política, oficial, passa a transitar e a se configurar pelas mídias, atingindo as esferas familiares cotidianas, via redes sociais (*Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e *WhatsApp*, em particular). Assim, o não-oficial se oficializa e uma outra ordem passa a dominar os discursos e as realções.

²Disponível em: <<https://www.nexojournal.com.br/expresso/2017/06/17/O-que-foram-afinal-as-Jornadas-de-Junho-de-2013.-E-no-que-elas-deram>>. Acesso em: 06.Out.2019.

Desse ponto de vista, estudar esses signos significa voltar-se às relações e à configuração enunciativa das práticas políticas e sócio-culturais brasileiras. A relevância deste estudo, então, é social, pois é essencial refletir sobre os processos de constituição da história brasileira contemporânea. E isso ocorre pela língua e pela linguagem.

Para compreender o momento referido, é preciso pensar sobre a história política do Brasil num tempo anterior, a fim de compreender o quadro que se delineou desde o começo dos anos 2000, período de início do governo do PT. A proposta, assim, contextualiza o processo histórico que culmina no quadro atual da política brasileira, a partir e por meio de *posts*. Com isso, além de situar os *posts* a serem trabalhados, o projeto pensa sobre os conflitos marcantes que influenciaram a política atual.

O processo de confronto ideológico, do qual o signo é palco, traz à tona diversas expressões que colocam em jogo forças centrífugas e centrípetas como modo de mobilizar, rebaixar, ironizar, satirizar, questionar e criticar valores em voga voltados a construções marcadas pelo nacionalismo, pela intolerância autoritária impositiva e/ou pela resistência, pois o “ódio” reflete e refrata valorações de grupos sociais heterogêneos, uma vez que, em cada posição ideológica, há um juízo modulador do que é “discurso de ódio”. Afinal, conforme aponta Volóchinov, “A *palavra é o fenômeno ideológico par excellence.*” (2017, p. 98, destaque do autor).

Como o signo, segundo Volóchinov (2017; 2013), nasce na interação social, tais noções, elencadas como mote de análise, adquirem sentidos e valores inseridos nesse contexto social de confronto político, que se materializa na linguagem.

Os posicionamentos, sempre axiológicos, tomados pelos sujeitos de linguagem nos enunciados (os *posts*) elencados são interações com propósitos, desejos e juízos de valor diversos. “É por isso que todas as ênfases ideológicas, embora feitas por uma voz individual (por exemplo, na palavra) ou por qualquer organismo individual, são ênfases sociais, que pretendem o *reconhecimento social* [...]” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 111, destaque do autor). A ideia de “nação” está ligada à expressão de um dado grupo social, da mesma forma que as noções de “resistência” e “ódio”, e suas ressignificações/polêmicas. Pensar os três signos (não separadamente e estranhos entre si) significa compreender a expressão da luta entre grupos e classes sociais e seus posicionamentos, mediados pela linguagem, em um momento de tensão social.

Bakhtin (2011) versou, nesse sentido, sobre a índole responsiva e responsável do enunciado, que vive na cadeia discursiva em contato fronteiro. Também considerou que a compreensão, tal como pensada por ele e pelo Círculo, só pode ser ativa, logo,

responsiva. Volóchinov tratou da temática do signo ideológico: “[...] a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos.” (2017, p. 95). Desse modo, “nação”, “ódio” e “resistência” se relacionam em um contexto de tensão política e arquitetam sentidos, calcados em narrativas de grupos sociais. Compreendê-los urge até como olhar metodológico a ponderação sobre o contexto e sobre as relações que mantêm com demais produções discursivas, no pequeno e no grande tempo da cultura. Por isso, o cotejo como procedimento do olhar dialógico é fundamental. Procedimento que necessita da contemplação de demais enunciados, de demais signos, a fim de compreender como o *corpus* se relaciona na correia dialógica discursiva.

Parte-se, assim, do pensamento bakhtiniano para discutir sobre o signo ideológico na tensão política. Com esse mote, tem-se a hipótese de que as palavras-*corpus* desta pesquisa condensam movimentos e posições axiológicas distintas, como a ideia de “Brasil” apegada a nacionalismo/ufanismo e a orgulho patriótico em oposição a construções que levam em conta tal ideia ligada a direitos humanos e valores de justiça social, conforme será analisado. Em outros termos, a ideia é compreender como os signos contemplam diversos valores acerca da “nação”, do “ódio” e da “resistência”. Nos três casos, há sempre um confronto que demarca no signo posições axiológicas. Quanto à “resistência”, mais em ebulição depois da vitória de Bolsonaro, aflora pelo e no confronto, em diálogo com diversas acepções de esferas variadas [desde o aspecto elétrico (“resistência de chuveiro”) até “resistência ao trabalho”, a uma lógica excludente e autoritária], como formas de ironia e ressignificação de “resistência política”, tal a *dialeiticidade interna* (2013, p. 200) do signo ideológico.

As considerações de Volóchinov nas partes iniciais de *Marxismo e filosofia da linguagem* compreendem o signo de modo ideológico, ou seja, relacionado à noção de reflexo e refração com a vida, carregado de significações. Nesse sentido é que o autor considera a concepção de signo. Afinal, para ele, a palavra está presente no *discurso interior*. O autor se volta à força da palavra na ciência das ideologias. O signo é social e desenvolvido pelo homem, que o constitui concomitantemente, tal o movimento dialógico entre “eu” e “outro” (sujeito e enunciado).

A ideologia, conforme os estudos do Círculo, materializa-se na linguagem. Para Volóchinov, “[...] toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais” (2017, p. 140). Tais

ênfases de que fala Volóchinov são os juízos de grupos e classes sociais. Como signo, a palavra é plena de valores, de vozes e ênfases sociais. Nesta proposta, discute-se a palavra enquanto signo socialmente desenvolvido, em que é possível analisar as vozes presentes e compreender os embates sociais.

No texto *A palavra e sua função social* (VOLOCHÍNOV, 2013), Volóchinov apresenta também a ideia da refração sígnica. Segundo o autor, os interesses distintos de classes e grupos sociais tornam a palavra plurivalente. Nos termos do estudioso: “O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante” (2017, p. 93). Em virtude das ênfases, das vozes sociais que recobrem e penetram o signo (palavra), este representa fenômenos da vida social, sempre de um modo socialmente orientado. Nos três signos a serem analisados e estudados, cruzam-se valores e realidades contrastivas. De acordo com Volóchinov, “Para ser exato, somente graças a esta refração das opiniões, avaliações e pontos de vista o signo é vivo e móvel e é capaz de desenvolvimento” (2013, p. 199).

Volóchinov conceitua ideologia numa determinada nota de rodapé, do artigo *Que é a linguagem?*: “Por ideologia entendemos todo o conjunto de reflexos e interpretações da realidade social e natural que *se sucedem no cérebro do homem*, fixados por meio de palavras, desenhos, esquemas ou outras formas sígnicas.” (2013, p. 138, destaque do autor). A noção aqui apresentada por Volóchinov abre margem à discussão sobre a materialização da ideologia, que ocorre pela linguagem, em formas e expressões diversas. Esse é um exemplo também de como os escritos do Círculo possibilitam uma ideia de linguagem verbivocovisual (PAULA, 2017a, 2017b, 2017c, 2019a). Ao se concretizar em uma forma material sígnica, a ideologia não é “falsa consciência”, mas uma interpretação da realidade, em que há um juízo de valor.

A noção de linguagem sustenta este projeto. Ela é entendida como histórica, social e ideológica: “A língua não é de modo algum um produto morto, petrificado da vida social: ela se move continuamente e seu desenvolvimento segue aquele da vida social.” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 157). Ainda que Volóchinov discuta “língua”, suas formulações embasam também o cerne da linguagem bakhiniana.

Além disso, há de se mencionar que os signos pensados aqui exploram a materialidade visual e também verbal, pois são construções enunciativas sincréticas, que abrem margem à ideia de linguagem como tridimensional, ou seja, formada a partir de um tripé verbivocovisual (PAULA, 2017a, 2017b, 2017c, 2019a). Tais materialidades

(visual, verbal e sonora) se concentram no signo como expressão da potencial linguagem (BAKHTIN, 2011) e se revelam em maior ou menor grau, a depender do projeto de dizer. Dessa maneira, pensar a linguagem arquitetada de modo social sob tal tripé contribui para a compreensão dos signos não somente regidos pelo verbal, mas também pelo visual e o vocal/sonoro. As cores, por exemplo, quanto à ideia de “Brasil” (verde e amarelo que, a depender da construção, evocam sentidos de um patriotismo conservador), desempenham papel fundamental, pois expressam valores juntamente ao componente verbal, na matriz enunciativa, de caráter responsivo e responsável.

A linguagem, segundo Bakhtin (2011), vincula-se a uma visão, a translinguística/metalinguística, sobre as ligações de sentido enunciativas: “As relações dialógicas (inclusive as relações dialógicas do falante com sua própria fala) são objetos da metalinguística” (BAKHTIN, 2010, p. 208). Esse é um modo de conceber a língua, sob a ótica da vida social e em funcionamento discursivo, além de constituir a proposta filosófica bakhtiniana de abordagem enunciativa (partir do linguístico para o translinguístico/metalinguístico). Nesse contexto, entra em jogo o contado entre enunciados, mas de maneira fronteira, construindo sentidos por meio da alteridade, da resposta. Por exemplo, no signo “resistência”, há uma exploração dos significados e da aproximação da palavra: ditadura e dentadura³. Como há uma semelhança fonética (a vocalidade composta na e pela verbalidade, da entoação prosódica à discursiva), há uma mudança que torna a “resistência” ridícula e passível de riso. Esvazia-se, pelo jocoso, construído linguisticamente, os sentidos da palavra, dando-lhe uma visão outra, a da contestação. Não mais resistir a ataques e jogos políticos, à opressão, ao silenciamento social, mas sim a uma “dentadura”, que cria um sentido (sempre responsivo) de comicidade, de hilaridade. Da materialidade linguística ao sentido social, da alteridade da palavra aos juízos sociais entre “eu” e “outro”.

O projeto procura compreender e analisar esses jogos da linguagem, esses embates de posições axiológicas. O foco se volta à alteridade da palavra, carregada de um juízo de valor, com as respostas de sua interação. Em outras palavras, esta proposta debate o aspecto bivocal e dialógico do signo, compreendendo, para isso, a relação entre “eu” e “outro” e suas ressonâncias. Nos termos de Bakhtin: “[...] a orientação da palavra

³ Exemplificação a partir de um *post* tomado como cotejo. Disponível em: <<https://www.facebook.com/CorrupcaoBrasileiraMemes/photos/a.226358571329060/314739409157642/?type=3&theater>>. Publicado em: 07 Jan 2019, às 10:00. Acesso em: 05 Out 2019. Apesar de o projeto citar somente o aspecto verbal, a visualidade do enunciado também constrói, dada a materialidade sincrética, o ridículo, como resposta e ressignificação de “resistência”.

entre palavras, as diferentes sensações da palavra do outro e os diversos meios de reagir diante dela são provavelmente os problemas mais candentes do estudo metalinguístico de toda palavra [...]” (2010, p. 232). O projeto se prende à plurissignificação do signo, oriunda do cruzamento das vozes que o constituem, de modo a analisar, como Bakhtin apresenta, a palavra em contexto discursivo, focalizada na alteridade.

Para ilustrar⁴ a movimentação e ressignificação de que fala este projeto, há aqui dois *posts* de *Facebook*: o primeiro, advindo da página “República de Curitiba – um novo conceito de jornalismo”, que se autodesigna “jornalística-patriótica” (uma página ativa, grande e intensa quanto ao conteúdo político, por isso a escolha); o segundo, retirado da página oficial da Estação Primeira de Mangueira (ao se levar em conta a circulação do *post*, a vitória da Escola no Carnaval do Rio de Janeiro de 2019 e o caráter político e social da festa é que se tomou a página como ilustrativa nesta proposta). Os exemplos compõem, respectivamente, parte do *corpus* e cotejo analítico. A importância da exemplificação se volta à compreensão da concepção de linguagem e à ilustração de tensão e ressignificação acerca da ideia de “nação”. Seguem os *posts*:



Fig. 1 – “Bora construir o novo brasil”⁵



Fig. 2 – “Índios, Negros e Pobres”⁶

⁴ Ao fazer esta breve análise, o projeto pretende debater os processos que menciona até o momento e esclarecer a forma de compreensão desta disputa política. A ilustração ocorre aqui porque, independente da bolsa, a pesquisa já tem sido desenvolvida, enquanto a reformulação foi amadurecida e rerepresentada.

⁵ Disponível em:

<<https://www.facebook.com/RepublicaDeCuritibaBR/photos/a.1719867821569247/2284673778421979/?type=3&theater>>. Publicado em: 20.Fev.2019, às 07:17. Legendado como: “Atenção Rede Globo, estamos construindo um novo Brasil, se atrapalhar vamos passar por cima. Assina: Brasileiros de bem”. Acesso em: 05.Out.19.

⁶ Disponível

em:

<<https://www.facebook.com/GRESEPMangueira/photos/a.526582800737183/2305948722800573/?type=3&theater>>. Publicado em: 09.Mar.2019, às 13:43. Legendado como: “Alô Nação Mangueirense, a concentração da Estação Primeira de Mangueira, será meia-noite, do lado do prédio Balança Mas Não Cai. #MangueiraCampeã #Carnaval2019”. Acesso em: 01.Out.2019.

Os signos aqui trabalhados são sociais e valorados a depender da entonação, da voz social que os cobre e os faz soar de determinada forma axiológica. De acordo com Volóchinov, “Uma mesma palavra, uma mesma expressão, pronunciadas com uma entonação diferente, toma um significado diferente” (2013, p. 174). A discussão e a breve análise aqui com “nação” são um exemplo do modo como se darão as análises e reflexões em toda a pesquisa, com os três signos já traçados.

No primeiro *post*, o convite a uma construção de “o novo Brasil” exalta quatro sujeitos, que seguem uma direção, um caminho de “construção” (com a população, os “brasileiros de bem” ao fundo, vibrando/torcendo): Jair Bolsonaro, à frente e líder maior em posição mais alta que os demais; Paulo Guedes, com a bandeira do Brasil e ministro da economia desse novo país; O ministro Sérgio Moro representa a justiça dessa nova formação nacional; e Olavo de Carvalho, como pensador e formador intelectual do projeto de construção. Faz-se necessário destacar Enéas Carneiro, influente conservador já falecido, colocado como anjo, abençoando os quatro cavaleiros/desbravadores expostos como heróis/salvadores da pátria. A ideia (signo ideológico/palavra) de “nação” aparece tanto na expressão verbal (a palavra “Brasil”), que também é vocal (uma vez que a entoação constitui o verbal), quanto na dimensão visual (a bandeira nacional erguida). Por isso, ao trazer a concepção verbivocovisual da linguagem estudada por Paula (2017a, 2017b, 2017c, 2019a) como possibilidade de interpretação de linguagem do Círculo, o foco é discutir como o signo se manifesta de modo plural, explorando as materialidades que o constitui. Este projeto compreende “nação” por meio dessas materialidades e de tais representações (“Brasil” e sua bandeira, “patriótico”, “nacionalista”, as cores verde e amarela, “brasileiro” etc.)

Os dois *posts*, nesse sentido, tratam da “nação” por uma expressão verbivocovisual: a bandeira, os escritos e a entoação vocal prosódico-discursiva inscrita no verbal. É certo que a bandeira nacional é um signo. Ela compõe o conjunto de representação nacional. Conforme se verá, ao tratar de “Brasil”, há uma subversão do que é “ser brasileiro” e das narrativas (sempre em embate) históricas e nacionais.

No próprio *post*, há uma ideia de embate: os heróis acima, carregados de inspiração nacional e imbuídos do fervor de construção. Abaixo, cores mais escuras, a insígnia do PT – Partido dos Trabalhadores, um exemplar da revista *Veja* e o povo, com destaque para alguns vestidos de azul, verde e amarelo, que vibram e enaltecem os sujeitos que neles pisam, também vestidos com as cores da bandeira.

Durante a investigação e preparo do projeto, foi possível ver outras alusões ao PT, não só no âmbito da “nação”, mas também na “resistência” e no “ódio”. Pressupõe-se que o “antigo Brasil” é marcado pelo governo petista. Como na obra romântica de Delacroix, tanto aqui quanto em *La liberté guiant le peuple*, os heróis estão à mostra e centralizados, junto à bandeira nacional e também voltados a uma construção de “nação”. Esse “novo Brasil” a ser construído se opõe, em especial, a um partido político (PT) e às mídias, bem como se auto-intitula “liberal” e conservador.

A imagem no peito de Bolsonaro é da página que publicou o post (“República de Curitiba”) no *Facebook*. Fato relevante, dada a movimentação conservadora sulista e o processo com o ex-presidente Lula. O *post* centraliza a ideia de identidade. Na legenda, há a assinatura de “Brasileiros de bem” (os que concordam com a construção proposta, colocados como defensores da pátria). O “brasileiro de bem” forma, junto à equipe de governo eleita para administrar o Brasil, uma identidade correlata à ideia de “Pátria”. Construído na interação social, o sujeito (“brasileiro de bem”) se coloca em defesa e como corpo unificado/coletivo. “República de Curitiba” apresenta, nas fotos de perfil, uso predominante de verde, amarelo e azul, em alusão à bandeira nacional. A página explicita o seu intuito de “novo conceito de jornalismo” e apoio à Lava-Jato.

Outra página publicou o *post*, chamada “SomostodosBolsonaro⁷” (também grande, destinada a eleitores de Bolsonaro). Ambas as páginas marcam uma identidade de sujeito aliada à imagem de Bolsonaro (seu “outro”) e seu posicionamento ideológico. Há uma forte formulação de unidade: a primeira pessoa do plural (“Somos”) é utilizada como uma estratégia de integrar o “eu” e o “outro” na concepção de “brasileiro” (todos, um só, a nação). Os perfis das duas páginas apresentam a bandeira do Brasil (seja na foto seja como capa), o que remete novamente a um espírito nacionalista e de renovação, calcado nas ideias de um herói maior, o “Mito” Bolsonaro.

A legenda traz a ideia de processo contínuo (marcado pelo uso do gerúndio) de construção da “Pátria” e revela a relação polêmica com a “Rede Globo” de televisão. Como ícone do meio tradicional de comunicação, a mídia é colocada ao centro e, de certo modo, ameaçada pelo projeto de novo “Brasil”, que não aceita obstáculos e

⁷ Link da página outra que publicou, da mesma forma, o *post* analisado: <<https://www.facebook.com/SomostodosJairMessiasBolsonaro/photos/a.534495846882039/1095362084128743/?type=3&theater>>. Postado em: 22.Out.2019, às 22:40.

Ambas as publicações com mais de 10 mil curtidas/*likes*/reações, o que denota a circulação da imagem, construindo vários enunciados. Acesso em: 05.Out.2019.

“atrapalhos”. Assim, o projeto de “nação” se coloca como uma ameaça aos meios de comunicação e às opiniões divergentes e conflitantes ao projeto hegemônico em voga.

Ao fazer este breve esboço de análise, o projeto foca na potencialidade da linguagem, especificamente do signo “nação”, que contém a ideia de “Brasil” e seus heróis, uma identidade de sujeito, de partido e de “inimigo da pátria”. Nesse sentido, conforme pensa Volóchinov com relação à realidade e à linguagem: “Cada homem, ao conhecer a realidade, a conhece de um determinado ponto de vista” (2013, p. 198). É possível ver como os signos se entrelaçam, pois, para compreender a “nação”, é preciso também discutir o “Mito”, o “novo”, o “brasileiro de bem”. Todos os signos, nessa relação (valorativa), arquitetam uma “verdade”, tensionada a axiologias específicas.

O segundo *post* materializa o “Brasil” por meio da bandeira nacional, mas de um modo ressignificado. Muda o verde e amarelo para as cores da Estação Primeira de Mangueira, o verde e o rosa; modifica a frase “Ordem e Progresso”, incutida no centro do enunciado, dando um sentido outro à estampa nacional. Nessa direção, Volóchinov, ao se referir à noção de signo ideológico, palavra e voz social, afirma que “[...] *uma mesma* palavra nos lábios de pessoas de classes distintas reflete também pontos de vista distintos, mostra relações diferentes com a mesma realidade, com o mesmo fragmento de realidade que constitui o tema daquela palavra” (2013, p. 197, destaque do autor).

A “nação”, agora, volta-se aos direitos humanos, aos esquecidos, marginalizados, apagados e desapropriados, com uma identidade íntima aos valores da Escola, principalmente ao tema do Carnaval de 2019: “História para ninar gente grande⁸”, que conta a história do “Brasil” por um outro viés, que inverte o sentido histórico de construção nacional. Por isso, a ressignificação do que é “Brasil”, contado não sob a ótica de “Ordem e Progresso”, mas sim de “Índios, Negros e Pobres”.

Ao substituir o escrito de cunho positivista, a Mangueira discute a história e a formação do “Brasil”. Não mais os heróis políticos, homens, brancos e poderosos (tal qual Moro e Bolsonaro) são exaltados, mas sim grupos e classes sociais oprimidas e desprestigiadas. A estratégia é a da inversão: pautada justamente em seu tema de Carnaval, a Escola coloca no centro uma visão de denúncia social. O “Brasil” construído aqui difere do apresentado no *post* anterior porque divergem valorativamente ao que concerne à concepção de “sujeito brasileiro”: um, “de bem”, conservador e discípulo dos cinco heróis representados; outro, dizimado, explorado, escravizado,

⁸ Letra disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/sambas/mangueira-2019/>>. Acesso em: 02.Out.2019.

apagado, assumido como o herói da “nação”. O sujeito brasileiro, estampado na bandeira, é aquele oriundo de luta, de marcas históricas, de apagamento e violência física e simbólica, como aponta o samba-enredo. Trazê-lo à discussão é uma forma de demonstrar como o cotejo, procedimento metodológico aqui adotado, funciona e coopera na compreensão dos signos e da movimentação discursiva.

Duas realidades de “Brasil” são apresentadas: uma, em construção e renovação, com heróis e seus discípulos, os “de bem”; outra, a subversão da história oficial do país, com os oprimidos como heróis identitários da “nação”.

A mudança das cores também é um juízo de valor. Não mais o verde e amarelo, típico da campanha de Bolsonaro e ícone dos “de bem”, mas sim verde e rosa, marca da Escola que canta a história apagada, de sujeitos brasileiros cravados na luta.

Na letra, o verso “Brasil, teu nome é Dandara” apresenta também uma subversão histórica. O nome, a identidade, o caráter da “nação” é o de uma mulher negra. Pela inversão da narrativa histórica do país, a Escola esboça uma outra concepção de “Brasil”. Esse embate demonstra uma ideia subversiva e crítica de “ser brasileiro”, de “herói”, de “História”, tudo arraigado ao signo “nação”. Como aponta Volóchinov, a compreensão sógnica é relacional. Assim, para discutir “nação” é preciso atentar-se a outros signos que lhe são concatenados. Em “resistência”, por exemplo, essa marca de “ser brasileiro”, apresentada pela Mangueira, possui regularidades e semelhanças, pois estão presentes justamente tais classes e grupos sociais (índios, negros, pobres, mulheres e a comunidade LGBTQ+). São eles a “resistência”.

Na cisão histórica de que fala a Mangueira, nascem concepções axiológicas de “Brasil”. Isso revela que toda narrativa nacional desenvolve uma visão ideológica que exalta, esquece, omite determinados pontos e fatos históricos. Há, na linguagem, a materialização sógnica dessas narrativas, reflexo e refração de aspirações sociais, ou, como afirma Volóchinov, “[...] as palavras do falante estão sempre embebidas de opiniões, de ideias, de avaliações que, em última análise, são inevitavelmente condicionadas pelas *relações de classe*. ” (2013, p. 196, destaque do autor). Os signos constroem uma realidade, uma noção de sujeito, de “nação” e de “História”.

A legenda do *post* evidencia uma convocação pelo uso de *tags* sobre a vitória e também os sentidos de “nação” (Mangueirense). O “Brasil” campeão do Carnaval do Rio de 2019 é o da inversão, da luta, da subversão. Não à toa, é a “nação” que brilha na grande festa. A comemoração da Escola é também a exaltação da história que contam, materializada no samba-enredo e na bandeira aqui contida. Justamente no Carnaval,

nesse espaço-tempo de festa popular, ocorrem a vitória de um “Brasil” outro, diferente do ganhador das eleições, e também marchinhas, cantos, expressões, movimentos de subversão. Novamente, há um embate, um jogo de significações sobre o signo: o “Brasil” das oficialidades, das instituições e o do Carnaval, da subversão, popular.

Os *posts* revelam uma construção axiológica e material de linguagem. Nos termos de Medviédev, ao que se refere à concepção de enunciado: “Qualquer enunciado concreto é um ato social. Por ser também um conjunto material peculiar – sonoro, pronunciado, visual –, o enunciado ao mesmo tempo é uma parte da realidade social.” (2012, p. 183). Os *posts* (enunciados concretos) trazem ao centro signos que expressam vozes sociais. Em sua constituição, ocorre, como já mencionado, uma síncrese verbivocovisual. Desde o início, ao discutir o que é palavra para o Círculo, esta proposta pontuou que compreende a linguagem como verbivocovisual. Isso se evidencia nos signos, expressos nos *posts*. Em ambos, a construção de “nação” se desdobra não somente no plano verbal-vocal, mas também no visual.

Como dito anteriormente, o projeto se propõe a discutir como ocorre a “dialeiticidade interna do signo” e as formas de ressignificação que o constituem no seio social. Segundo Volóchinov, “[...] *classes distintas* utilizam a mesma língua. Em consequência, como já vimos, em cada signo ideológico interpenetram-se relações de classe orientadas de maneira distinta” (2013, p. 199, destaque do autor). Tendo em vista essa questão, a proposta deste projeto é, como dito, discutir como tais aspirações sociais penetram o signo e este passa a ser a arena, o palco de embate entre vozes sociais.

Tendo como contexto as eleições presidenciais ocorridas no Brasil em 2018, um momento de tensão social e política, a dinâmica sógnica torna-se mais aflorada, justamente pelo teor de efervescência social. Esse momento, como aponta Volóchinov (2013, p. 200) é o mais propício à análise, à contemplação do embate, da dialética do/no signo. Por esse motivo, centraliza-se o período referido para análise e discussão.

A questão de pesquisa deste projeto se centra na *dialeiticidade*, encarada como expressão do signo, especialmente em momento de tensão política e social. A hipótese que o projeto se dedica a debater é a da arquitetura do sujeito “Mito”, em relação aos signos “nação”, “ódio” e “resistência”. Em outras palavras, esses signos refletem e refratam imagens e valores. Parte-se da ideia de que, nos *posts* em que os três signos ideológicos estão expressos, há uma construção de herói como signo e como sujeito. Ao mesmo tempo em que o projeto se propõe a discutir os signos, também se volta à transgrediência dessa ideia (do linguístico – signo – ao translinguístico – discursivo):

como o “Mito” se encontra e se constitui nos signos. No decorrer da pesquisa, a preocupação será também refletir sobre essa indagação.

A justificativa deste projeto é, como exposto, refletir sobre parte do funcionamento do discurso político na contemporaneidade, delimitado pelos signos “nação”, “ódio” e “resistência”, extraídos de *posts* do *Facebook* e do *Instagram*. Ao colocar no centro da pesquisa a dialética do signo, compreende-se, a partir do *corpus*, como há confirmações, indagações e críticas na linguagem, que, histórica, marca valores e vozes sociais em embate, no jogo da existência enunciativa. Afinal, na arena sónica, a polêmica (velada e aberta) se constitui como reflexo e refração, por meio de forças centrífugas e centrípetas que compõem a palavra (como fenômeno ideológico).

Além disso, este projeto se justifica pela discussão teórica que propõe: a filosofia da linguagem bakhtiniana, desenvolvida na Rússia do século XX, frente a questões políticas do Brasil contemporâneo. Em outras palavras, discutir como o pensamento do Círculo auxilia a compreender questões sociais como fenômenos de linguagem.

Ao enxergar a materialização do signo, em sua expressão tridimensional, conforme debatida, refletir sobre a possibilidade teórico-metodológica de se estudar esferas, enunciados, signos e discursos variados na contemporaneidade, tendo como foco a relevância política e a urgência da reflexão proposta, este projeto se justifica pela contribuição que pretende compreender a movimentação social desta “nova era”.

OBJETIVOS

Os objetivos deste projeto podem ser descritos da seguinte forma:

Objetivo Geral

. Analisar *posts* de *Facebook* e *Instagram*, entendidos como signos ideológicos, tomados como arena de embate de vozes e valores sociais, como forma de compreender o funcionamento discursivo referente à política brasileira (2018-2019).

Objetivos Específicos

. Refletir sobre os signos ideológicos “nação”, “ódio” e “resistência” e sobre a bivocalidade polêmica que os constitui no cenário político contemporâneo, bem como a arquitetura de suas relações quanto ao signo “Mito”.

- . Pensar sobre a relação entre linguagem e história/sociedade, a partir do signo ideológico, que integra a cadeia discursiva de modo responsivo e responsável, como menção material de um ponto axiológico;
- . Buscar compreender a dialeticidade sígnica materializada no jogo da linguagem de maneira tridimensional, em enunciados verbivocovisuais.

CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

A pesquisa tem seu plano de trabalho organizado em 6 meses (julho de 2019 a janeiro de 2021) e as atividades estão divididas em 3 bimestres:

- . Primeiro bimestre: Fundamentação teórica, estudo contextual acerca do *corpus*;
- . Segundo bimestre: Continuação da contextualização e fundamentação, bem como análise dos *posts* (*corpus* com cotejo);
- . Terceiro bimestre: Análise dialógica dos *posts* e resultados, bem como elaboração e entrega do Relatório Final.

Os encontros entre orientadora e orientando acontecerão de modo semanal, assim como a participação do aluno no GED - Grupo de Estudos Discursivos, coordenado pela orientadora. Além disso, há o compromisso de expor os resultados da pesquisa em apresentações de trabalho em, ao menos, 2 eventos de expressão na área ao longo da vigência da bolsa, bem como, no mínimo, 1 artigo ou capítulo de livro com a divulgação/compartilhamento e os resultados de pesquisa.

Para melhor visualização das atividades, segue o quadro abaixo, em que as atividades não aparecem de modo estanque, mas sim de modo concomitante:

Etapas	1º Bim	2º Bim	3º Bim
Embasamento teórico	X	X	X
Contextualização	X		
Análise dos <i>corpora</i>	X	X	X
Publicações		X	X
Relatório FAPESP			X
Eventos	X	X	
GED	X	X	X
Orientação	X	X	X

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta proposta é de natureza bibliográfica, com caráter qualitativo e analítico, que se volta à bivocalidade polêmica do signo ideológico na tensão político-social, como forma de compreensão das valorações sobre “nação”, “ódio” e “resistência” e suas relações, tendo como norte a plurissignificação da linguagem.

A tensão político-social da eleição presidencial 2018 é o contexto no qual este projeto se centra. No cenário da pós-verdade, a esfera política adentrou as redes sociais e o oficial passou a ser produzido, veiculado e discutido nesse ambiente. Por isso, esta pesquisa está focada no *Facebook* e no *Instagram*. Essas redes sociais foram as escolhidas para a coleta do objeto de análise por serem as mais usadas pelos brasileiros⁹.

O critério metodológico de seleção dos *posts*¹⁰ se pautou em um recorte temporal (agosto de 2018 a março de 2019), temático (páginas do *Facebook* e perfis do *Instagram* de cunho político, sem vínculos oficiais explicitados com quaisquer partidos políticos – tanto de direita quanto de esquerda) e quantitativo (perfis e páginas com, no mínimo, 50.000 seguidores). Esses critérios foram pensados com vistas a contemplar o processo de movimentação de embate político nas redes, pela viralização (quantidade) de um determinado signo (tema) num período (tempo) específico (eleição presidencial brasileira de 2018), a fim de compreender a construção de uma imagem de “Mito” e os atos (responsivos e responsáveis) dos sujeitos envolvidos no processo enunciativo (eleitores e candidato/presidente) que extrapola as redes sociais.

O critério de seleção do período a ser pesquisado teve como datas inicial e final, momentos-chave do processo eleitoral: inicia-se a coleta de dados dos *posts* no mês limite para registro das candidaturas (15 de agosto de 2018), passa-se pelo mês central do processo, outubro (em que ocorrem primeiro e segundo turnos, dias 7 e 28, respectivamente), com data final no terceiro mês (março/2019) de governo do presidente Bolsonaro. A escolha por março ocorre em virtude de uma já estabilidade e confirmação do processo eleitoral, bem como período necessário de efervescência, especialmente, para a coleta acerca do signo “resistência”. Alguns exemplos de páginas e perfis que compõem o *corpus* são “Jornalistas Livres”, “Quebrando o Tabu”, “SomostodosBolsonaro” e “República de Curitiba”.

⁹ O *YouTube* figura em primeiro lugar, seguido pelo *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*. Disponível em: <<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/02/conheca-as-redes-sociais-mais-usadas-no-brasil-e-no-mundo-em-2018.ghtml>>. Acesso em: 03.Out.2019.

¹⁰ Por uma questão de limitação de páginas para a elaboração do projeto, conforme as normas da FAPESP, o *corpus* delimitado deste projeto se encontra num arquivo separado, anexo, incluído na aba “Outros Documentos” do SAGe, separado pelos critérios metodologicamente descritos.

A proposta deste projeto é analisar trinta *posts*: 10 *posts* voltados a cada signo (“nação”, “ódio” e “resistência”), sendo que metade (5 de cada signo, totalizando 15 *posts*) explicita posicionamento axiológico mais conservador, de apoio ao governo e a outra metade, em resposta, revela posicionamento oposto, de questionamento e crítica ao governo. Esse critério foi pensado para abarcar a bivocalidade polêmica, expressa na dialeticidade sîgnica em embate ambivalente valorativo contrastivo.

Focalizada na dialética do signo, esta proposta procura discutir o embate bivocal valorativo e a ressignificação da palavra e da linguagem. Apesar de, por uma questão isotópica, os três signos estarem separados, não há impedimento quanto à análise conjunta dos enunciados, uma vez que os *posts* relacionam os três signos em suas constituições, especialmente ao se considerar a produção da imagem de “Mito”.

O método de pesquisa fundamenta-se nos estudos bakhtinianos, logo, de vertente dialógica ou, para utilizar o mesmo termo de Volóchinov (2017), “método sociológico” que, segundo Geraldini (2012), calca-se no cotejo, uma vez que um enunciado só pode ser analisado a partir de sua relação com um outro (de mesmo ou outro gênero). Na interação é que sentido se constrói e os embates valorativos se explicitam. Por isso, Bakhtin diz: “Quanto a mim, em tudo eu ouço vozes e relações dialógicas entre elas” (2011, p. 409-410). Os enunciados são fragmentos ativos, únicos e responsáveis da cadeia discursiva, permeados de significação.

Amorim (2001) considera que, em uma pesquisa de cunho bakhtiniano, não há um objeto morto, mas sim um “outro” participante da vida social, com o qual o pesquisador interage. Nessa mesma obra, a autora afirma que “O objeto que está sendo tratado num texto de pesquisa é ao mesmo tempo *objeto já falado, objeto a ser falado e objeto falante*” (p. 19, destaques da autora). Há uma “relação de alteridade fundamental” (p. 31) na construção do saber. Nas palavras de Bakhtin: “Um observador não tem posição *fora* do mundo observado, e sua observação integra como componente o objeto observado” (2011, p. 332, destaque do autor). Nesse percurso metodológico, as produções coletadas são compreendidas como construções em plena interação social.

Na visão de Bakhtin (2011), as Ciências Humanas lidam com seres “expressivos e falantes”, que se exprimem em textos. Conforme o autor, “Estamos interessados primordialmente nas formas concretas dos textos e nas condições concretas da vida dos textos, na sua inter-relação e interação” (BAKHTIN, 2011, p. 319). Faz parte do modo como esta pesquisa é pensada, a busca pelas relações que fundamentam o enunciado, considerando que as produções estão historicamente situadas. Isso demarca o que

Bakhtin chama de translinguística: posição frente ao enunciado que considera não só o linguístico e que avança para as relações dialógicas que os engendram na vida social.

Tento como norte a ideia de que o enunciado é um “conjunto *de sentidos*” (BAKHTIN, 2011, p. 329, destaque do autor), o modo tomado para a compreensão é dialógico, pois centraliza as relações sem finalização das interações discursivas. Segundo Faraco, “Assim, na lógica de Bakhtin, não há (nem nunca haverá) um ponto de ‘síntese dialética’, de ‘superação definitiva das contradições’” (2009, p. 70).

Em conformidade com os estudos do Círculo, parte-se também do olhar denominado por Paula, Figueiredo e Paula (2011) como “dialético-dialógico”. As autoras consideram que, tal como Faraco, não há superação na síntese, pois esta transforma-se em nova tese, mediante a interação social, num movimento em espiral entre tese e anti-tese, sem cessar. Os preceitos dialéticos abarcam o complexo jogo responsivo enunciativo, pois demonstram o movimento e as relações da cadeia da interação discursiva, sem superação acabada e definitiva.

Bakhtin aponta ainda que “O texto só tem vida contatando com outro texto (contexto). Só no ponto desse contato de textos eclode a luz que ilumina retrospectiva e prospectivamente, iniciando dado texto no diálogo” (2011, p. 401). Pode-se dizer que o olhar bakhtiniano se volta às relações de sentido, nos variados níveis, pois compreende o sujeito como histórico e a dinamicidade social participa da cadeia discursiva. Refletir sobre qualquer enunciado (expressão material sígnica de realidade) requer a consideração do contexto da vivência social.

O entendimento e a nomeação do método como dialético-dialógico ocorrem porque a responsividade enunciativa não tem fim e integra a vida histórica da linguagem, no movimento de tese, antítese e síntese-nova tese. Nesse sentido, o papel da síntese é engatar o processo dialógico num outro nível e esse movimento é infinito.

A proposta bakhtiniana se volta à translinguística porque se atenta não somente ao linguístico, mas às bases filosóficas de uma compreensão da vida social pela linguagem, que compreende a vida relacionada intimamente com o enunciado.

Todos esses aspectos focalizam as relações dialógicas, as relações de sentido que arquetizam enunciados, que, por sua vez, constroem o sujeito de linguagem. Por isso, sujeitos dialógicos, de construção pela alteridade, revelam suas vozes pelos signos e é por isso que esta proposta de pesquisa é relevante. Ao se pensar o signo ideológico, não se pretende permanecer no nível linguístico, mas dele partir para se refletir sobre a vida

social e se compreender as construções de linguagem como reflexo e refração bivocal polêmica ambivalente do *modus operandi* vivido.

FORMA DE ANÁLISE DOS RESULTADOS

Os resultados oriundos da pesquisa serão analisados de modo qualitativo, a serem discutidos e expostos em artigos e eventos acadêmicos expressivos da área.

REFERÊNCIAS¹¹

- AMORIM, M. **O pesquisador e seu outro** – Bakhtin nas Ciências Humanas. Rio de Janeiro: MUSA, 2001.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Introdução e tradução do russo Paulo Bezerra. 6.ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- _____. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. São Paulo: Hucitec, 2008.
- _____. **Para uma filosofia do ato responsável**. (Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello e Carlos Alberto Faraco). 3.ed. São Carlos: Pedro & João, 2017.
- _____. **Os gêneros do discurso**. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.
- _____. **La poétique de Dostoievski**. Paris: Éditions du Seuil, 1970.
- _____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. (VOLÓCHINVO, V). **Le marxisme et la philosophie du langage: essai d'application de la méthode sociologique en linguistique**. Paris: Les éditions de minuit, 1977.
- BAKHTIN (VOLOSHINOV). **Discurso na Vida, Discurso na Arte** (Sobre a Poética Sociológica). Tradução para fins acadêmicos de Carlos Alberto Faraco e Cristóvão Tezza, a partir da tradução inglesa de I.R. Titunik. Mimeo, s/d.
- BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 2001.
- _____. (Org.). **Bakhtin: Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2005.
- _____. (Org.). **Bakhtin: Outros Conceitos-Chave**. São Paulo: Contexto, 2007.
- _____. (Org.). **Bakhtin e o Círculo**. São Paulo: Contexto, 2009.
- _____. (Org.). **Bakhtin – Dialogismo e Polifonia**. São Paulo: Contexto, 2009.
- FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. São Paulo: Parábola, 2009.
- GERALDI, J. W. Heterocientificidade nos estudos linguísticos. *In: GEGe. Palavras e contrapalavras: enfrentando questões da metodologia bakhtiniana*. São Carlos: Pedro & João. 2012, p. 19-39.
- HAYNES, Deborah. **J. Bakhtin and the visual arts**. Nova Iorque: Cambridge, 2008.
- HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.
- HARVEY, D *et al.* (Orgs.). **Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2013.

¹¹ As referências aqui contidas dizem respeito tanto ao arcabouço usado para elaboração deste projeto, quanto para o futuro desenvolvimento da pesquisa.

- JINKINGS, I; DORIA, K; CLETO, M. (Orgs.). **Por que gritamos golpe?** – Para entender o *impeachment* e a crise política no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2016.
- MEDVIÉDEV, P. **O método formal nos estudos literários:** introdução crítica a uma poética sociológica. São Paulo: Contexto, 2012.
- PAULA, L. de. **Verbivocovisualidade: uma abordagem bakhtiniana tridimensional da linguagem.** Projeto de Pesquisa em andamento. UNESP, 2017a.
- PAULA, L. de. O enunciado verbivocovisual de animação – a valoração do “amor verdadeiro” Disney – uma análise de Frozen. In: FERNANDES JR., A.; STAFUZZA, G. B. (Orgs). **Discursividades contemporâneas** – política, corpo e diálogo. Série Estudos da Linguagem. Campinas: Mercado de Letras, 2017b, p. 287-314.
- PAULA, L. de; SERNI, Nicole Mioni. A vida na arte: a verbivocovisualidade do gênero filme musical. In: **Raído**, Dourados, v. 11, n. 25, p. 178-201, jul. 2017c.
- PAULA, L. de; SILVA, Tatiele N. *Nerve* à flor da linguagem: arte e vida em jogo dialógico. **Diálogo das Letras**, Pau dos Ferros, v. 8, n. 2, p. 38-57, maio/ago. 2019a.
- PAULA, L. de; SIANI, A. C. Gênero, raça e classe em Harry Potter: a constituição dialógica de Hermione Granger e Belatriz Lestrange. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.47-74, 2019b.
- PAULA, L. de; FIGUEIREDO, M. H. de; PAULA, S. L. de. O Marxismo do/no Círculo. **Slovo** – o Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos. Curitiba: Appris, 2011.
- PAULA, L. de; STAFUZZA, G. **Círculo de Bakhtin - teoria inclassificável.** Campinas: Mercado de Letras, 2010. (Série Bakhtin: inclassificável, v. 1).
- _____. **Círculo de Bakhtin - diálogos in possíveis.** Campinas: Mercado de Letras, 2012. (Série Bakhtin: inclassificável, v. 2).
- _____. **Círculo de Bakhtin - pensamento interacional.** Campinas: Mercado de Letras, 2013. (Série Bakhtin: inclassificável, v. 3).
- _____. **Círculo de Bakhtin - concepções em construção.** Campinas: Mercado de Letras, 2019. (Série Bakhtin: inclassificável, v. 4).
- PINHEIRO-MACHADO, R. Luzes antropológicas ao obscurantismo: uma agenda de pesquisa sobre o ‘Brasil profundo’ em tempos de crise. **R@U: Revista de Antropologia Social dos Alunos do PPGAS-UFSCAR**, v. 8, p. 21-31, 2017.
- PONZIO, A. **A revolução bakhtiniana.** São Paulo: Contexto, 2008.
- ROCHA, C. O boom das novas direitas brasileiras: financiamento ou militância? In: GALLEGO, E. (Org.) **O ódio como política:** a reinvenção da direita no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018.
- STAM, Robert. **Bakhtin** - Da Teoria Literária à Cultura de Massa. SP: Ática, 1992.
- _____. **Subversive Pleasures** - Bakhtin, Cultural Criticism, and Film. London: Johns Hopkins University Press, 1989.
- VOLOCHIINOV, V. **A construção da enunciação e outros ensaios.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.
- _____. **Marxismo e filosofia da linguagem:** problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. São Paulo: Editora 34, 2017.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS DE ASSIS**

FÁBIO AUGUSTO ALVES DE OLIVEIRA

**OS SIGNOS “NAÇÃO”, “ÓDIO” E “RESISTÊNCIA”: UMA ANÁLISE
DIALÓGICA DE POSICIONAMENTOS POLÍTICOS BRASILEIROS**

Número do processo: 19/23742-9

Período de vigência: 01 agosto de 2020 a 31 janeiro de 2021

Período coberto pelo Relatório Científico: 01 agosto de 2020 a 31 janeiro 2021

Orientação: Dra. Luciane de Paula



Luciane de Paula



Fábio Augusto Alves de Oliveira

**ASSIS – SP
FEVEREIRO DE 2021**

RESUMO

Este projeto, cujo embasamento teórico-metodológico está calcado nos estudos bakhtinianos, volta-se a discursos veiculados nas redes sociais que refletem e refratam posicionamentos políticos, a partir dos signos ideológicos “nação”, “ódio” e “resistência”. O objetivo é compreender, por meio da análise desses três signos-chave, os embates oriundos de vozes sociais divergentes, no contexto da disputa política eleitoral de 2018 e início do recém governo federal, em 2019. Para tal, embasa-se nas noções de dialogia, signo ideológico, voz social, enunciado e translinguística. Os termos em questão são tomados como arena/discurso de digladição de juízos de valor. Por meio deles, pretende-se discutir como os processos de significação e valoração são construídos e materializados na/pela linguagem. Os três signos tomados para análise circulam nas redes sociais, e o Facebook e o Instagram são as plataformas de onde foram retirados, em virtude do grande número de visualizações e compartilhamentos. A justificativa desta proposta é a relevância social de se pensar sobre o quadro vivido e a contribuição teórica, uma vez que se propõe a refletir sobre fenômenos contemporâneos de linguagem e sobre sociedade, bem como compreender como o discurso político e suas formas de ressignificação surgem e tomam vida própria nas redes sociais e ultrapassam essa dimensão para, via ironia, sátira e outros processos discursivos, de certa forma, interferir na constituição de uma sociedade e de uma cultura inteira.

PALAVRAS-CHAVE: Círculo de Bakhtin; Signo ideológico; Voz social; Dialogia.

ABSTRACT

This project, which theoretical-methodological basis is grounded on the bakhtinian studies, turns itself to speeches vehiculated on social networks that reflect and refract political positions, from the ideological signs of “nation”, “hate” and “resistance”. The objective is to comprehend through the analysis of these three keysigns the clashes raised by distinct social voices, in the context of the electoral political dispute of 2018 and of the beginning of the newly federal government, in 2019. Therefore, it is based on the notions of dialogy, ideological sign, social voice, utterance and translinguistic. The terms mentioned are taken as arena/speech of digladiation of value judgments. Through them, it is intended to discuss how the meaning and valuation processes are built and materialized on/by language. The three signs taken to the analysis circulate on social networks and Facebook and Instagram are the plataforms where they were withdrawn, because of the great number of views and sharings. The justification of this proposal is its social relevance of thinking about the picture lived and the theoretical contribution, once it proposes to reflect about contemporary phenomenon of language and about society, as well to comprehend how the political speech and its forms of ressignification arise and become living on social networks and exceed this dimensions to, through irony, satire and other discursive processes, in a certain way, interfere on the constitution of a society and of a whole culture.

KEYWORDS: Bakhtin Circle; Ideological sign; Social voice; Dialogy.

SUMÁRIO

1. DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES E REALIZAÇÕES ACADÊMICAS.....	5
A) PALESTRAS, LIVES, DEBATES E DEMAIS EVENTOS VIRTUAIS.....	5
B) APRESENTAÇÕES DE TRABALHO	6
C) PUBLICAÇÕES RESULTANTES.....	6
INTRODUÇÃO	7
2. POR UMA FILOSOFIA DOS SIGNOS: MATERIAIS E MÉTODO	11
3. ENLAÇOS SÍGNICOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES	18
3.1 Os descompassos de nação.....	18
3.2 As faces do ódio	36
3.3 As ironias da resistência	54
3.4 MITO ou deus?.....	70
DIÁLOGO INCONCLUSO	72
REFERÊNCIAS	73
ANEXO - CERTIFICAÇÃO	74

Figura 1 -- designativista	13
Figura 2 – Humor político	19
Figura 3 – República de Curitiba	21
Figura 4 – Jornalistas livres	23
Figura 5 – Canal da Direita.....	24
Figura 6– Jornalistas Livres.....	26
Figura 7– SomostodosBolsonaro.....	28
Figura 8– Jornalistas Livres.....	29
Figura 9 - SomostodosBolsonaro	31
Figura 10 – Jornalistas Livres.....	33
Figura 11 - tercalivre.....	35
Figura 12 – Jornalistas Livres.....	37
Figura 13– Eu Sou Direita.....	39
Figura 14– Quebrando o Tabu.....	41
Figura 15– Corrupção Brasileira Memes	43
Figura 16– Jornalistas Livres.....	44
Figura 17 – Bolsonéas	46
Figura 18– Jornalistas Livres.....	47
Figura 19– Canal da Direita.....	49
Figura 20 – Burguesia fede.....	51
Figura 21 - direitadaopressao	53
Figura 22– Jornalistas Livres.....	55
Figura 23– Nordeste Livre.....	57
Figura 24 – Caneta Desesquerdizadora	58
Figura 25 – Quebrando o Tabu.....	59
Figura 26 – Canal da Direita.....	61
Figura 27 – Viola Davis.....	62
Figura 28– Jornalistas Livres.....	64
Figura 29– Rua Direita	65
Figura 30– Jornalistas Livres.....	67
Figura 31– Consciência Patriótica	68

1. DESCRIÇÃO DE ATIVIDADES E REALIZAÇÕES ACADÊMICAS

A vigência da pesquisa foi de 01/08/20 a 31/01/21, período afetado pela pandemia de Covid-19. Nesses meses, porém, foram desenvolvidas a pesquisa e as respectivas atividades. Os eventos e demais participações foram *online*, como a presença em eventos da área e palestras/conferências. Mesmo com o isolamento, foi mantido o compromisso de apresentação e de engajamento científico com a pesquisa.

A descrição abaixo atesta que houve diálogo em outras áreas discursivas, que contribuíram às análises na medida que auxiliaram a compreender a múltipla faceta do material analisado. Houve engajamento e aprofundamento teórico nos eventos, com as discussões de apresentações de trabalho, que contribuíram com referências bibliográficas pensadas ao longo da pesquisa. Segue, então, a descrição:

A) PALESTRAS, LIVES, DEBATES E DEMAIS EVENTOS VIRTUAIS

- *I Encontro Aberto do Grupo de Pesquisa PsiPoliS*, ocorrido no dia 26 de agosto de 2020, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

- *Mesa-redonda Mulheres na ciência: Linguística e protagonismo*, promovido pelo projeto de extensão Café com Linguística: diálogos em torno da linguagem humana e seu estudo científico, no dia 18 de setembro de 2020.

- Conferência: *Polifonia, com presença de Paulo Bezerra*. Encontros discursivos “Café com Tapioca”. Organização de GEBAK, GED, GEDIS, GEDISC e GELID.

- Palestra: *Diálogos sobre a leitura literária com Bakhtin e o Círculo*, com presença de Letícia Queiroz de Carvalho (IFES). Encontros discursivos “Café com Tapioca”. Organização de GEBAK, GED, GEDIS, GEDISC e GELID.

- *Ética, linguagem e comunidade constitutiva*: a proposta filosófica de Bakhtin, ministrada pelo Prof. Dr. Adail Sobral. Foi realizado na modalidade à distância, em 06/10/2020, e integrou o Ciclo de palestras do SLOVO - Grupo de estudos do discurso (UNESP/FCLAr).

- *Discurso e sociedade: reflexões sobre a intolerância, a mentira e a educação*. Aula magna proferida por Diana Luz Pessoa de Barros (Mackenzie/USP/CNPq). Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da FCLAraraquara/UNESP.

B) APRESENTAÇÕES DE TRABALHO

- “Nação”, “ódio” e “resistência”: uma análise dialógica da política brasileira (apresentação oral). XXXII CIC – Congresso de Iniciação Científica da UNESP, realizado nos dias 20, 21 e 22 de outubro de 2020.

- Notas bakhtinianas sobre as conflitantes identidades de “Brasil” (pôster). V SEDISC – Seminário Discurso, Cultura e Mídia. O evento foi promovido pela Universidade do Sul de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Estadual de Campinas, entre os dias 08 de outubro a 26 de novembro de 2020.

- As ironias da “resistência”: a política brasileira na ótica bakhtiniana (comunicação). I ELING – Escola de Estudos Linguísticos do GEL. Organizado pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) e realizado de forma remota entre 06 de setembro e 24 de outubro 2020.

C) PUBLICAÇÕES RESULTANTES

- Caderno de resumos I ELING – Escola de Estudos Linguísticos do GEL. ISBN: 978-65-86562-21-7. Publicação: Editora Letraria – Araraquara, 2020.

- Artigo completo da apresentação no V SEDISC (e-book). Em elaboração para envio até a data 13/04/21.

- Projeto de mestrado aprovado no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras (FCLAr) da UNESP. O projeto, que trata de política brasileira e jornalismo, é fruto do desenvolvimento desta IC FAPESP. Disponível em: [Informação nº 178/2006 – SPG/FCL/CAr \(unesp.br\)](#).

- Artigo completo em coautoria com a orientadora, publicado na Entrepalavras: PAULA, L. de; OLIVEIRA, F. A. A. de. A nação nas redes sociais e na política brasileira. Entrepalavras, Fortaleza, v. 10, n. 3, e1858, p. 1-23, set.-dez./2020. Disponível em: [A “nação” nas redes sociais e na política brasileira | Paula | Entrepalavras \(ufc.br\)](#). DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-31858>

INTRODUÇÃO

A política brasileira, nos últimos dez anos, passou por diversos eventos marcantes, como as manifestações nacionais de 2013¹, escândalos de corrupção, operação Lava-Jato e processo de *impeachment*. O governo PT – Partido dos Trabalhadores, iniciado em 2003 com a posse de Luiz Inácio Lula da Silva, é o “cenário” em que se dão tais episódios políticos, ora, na verdade, como sujeito, ora como signo. O fato é que todos os pontos de efervescência político-social dos últimos anos têm, direta ou indiretamente, ligações com o partido político. Em 2013, com as manifestações de junho, um desejo apartidário de combate à corrupção se ascende, conforme Rolnik (2013). A polarização entre grupos sociais adquire força diante dos protestos desta “Revolução” e passa, assim, a permear os debates políticos no Brasil, de 2013 até o corrente ano.

Eis que em 2018 apresenta-se uma forte divisão política. É neste contexto a que o presente trabalho se detém. Trata-se da política brasileira sob um enfoque linguístico, voltado à produção discursiva, especialmente no período de 2018. A partir desse contexto, dá-se o problema de pesquisa aqui discutido, referente aos valores, aos juízos de grupos sociais, no embate eleitoral, sobre três concepções basilares: nação, ódio e resistência. Estas três palavras, segundo a hipótese e premissa aqui assumidas, nortearam o grande debate político, de 2018 até então, porque envolvem aspectos nodais das narrativas políticas nesse contexto. A partir dos referidos signos, esta pesquisa busca a reflexão e análise do processo discursivo envolto das divergências sociais apresentadas. Em outros termos, o problema de pesquisa aqui discutido diz respeito à ampla valoração das concepções acima mencionadas. Preocupa-se, logo, em discutir as formas de ressignificação dos signos ideológicos em meio à polarização político-social.

Dado que a corrente teórica-metodológica que orienta este estudo é a filosofia da linguagem bakhtiniana, “nação”, “ódio” e “resistência” são compreendidos aqui como signos ideológicos, conforme Volóchinov (2013; 2017). Visto que refletem e refratam realidades diversas, tais palavras são um meio caro à investigação da política brasileira, tendo em foco o embate social materializado pela linguagem.

¹ Tem-se a opção metodológica de recortar, diante da viabilidade prevista para a Iniciação Científica, a política brasileira a partir das manifestações de junho de 2013. Este momento foi marcante no cenário político e social brasileiro tanto no período em que ocorreu, quanto em 2018. Há características e aspectos, como o apartidarismo, nacionalismo e o combate à corrupção, que permanecem e que marcam parte da polarização política atual, foco deste relatório de pesquisa.

Justamente em prol deste embate, a proposta se volta a concepções circulantes neste cenário. A nação, enquanto valor e sentido de Brasil, compõe este estudo, em virtude de contemplar as narrativas políticas e abarcar os projetos políticos na eleição: as vozes sociais que constituíam/constituem tais projetos políticos encenam uma perspectiva determinada de país e, assim, protagonizam a bivalocidade, a significação plural e conflitante de “Brasil”. De mesmo modo, com ódio e resistência: são concepções que, neste embate político, evidenciam a discordância, o diálogo. Busca-se, assim, compreender, sob enfoque linguístico-discursivo, quais são os juízos que constituem as visões de mundo residentes no signo, nas palavras aqui discutidas

Conforme aponta Volóchinov (2017), o signo, fenômeno ideológico, reflete e refrata, em virtude da disputa de classes, uma realidade outra. Com essa perspectiva o problema aqui é encarado: discutir o que é nação, resistência e ódio para os grupos sociais em interação na disputa eleitoral. Diante de todos os eventos vividos na política brasileira e brevemente mencionados, a motivação da pesquisa é compreender as formas de ressignificação do discurso político dadas nos signos *corpus* da pesquisa; e refletir sobre as maneiras com as quais determinadas vozes sociais satirizam, rebaixam e invertem o jogo político, a partir da linguagem.

A concepção de nação choca-se com outras, assim como a ideia de discurso de ódio e sua natureza e resistência se entrecruzam tanto com suas respectivas noções contrastivas quanto em si. No processo de levantamento de *corpus*, foi visível uma interseção entre tais noções: os sentidos de Brasil se entrelaçam ao de ódio, que, por sua vez, atinge as concepções de resistência. A partir desse problema de pesquisa, procurar-se-á debater como se dão as materializações de tais conflitos, tendo em vista que o signo abarca não somente a materialidade verbal.

A propósito disto, esta pesquisa é desenvolvida no GED – Grupo de Estudos Discursivos, da UNESP/Assis, consoante a demais pesquisas relativas à política brasileira. Motivada pela compreensão e análise de discurso político contemporâneo, esta pesquisa discute, a partir de publicações em redes sociais, a bivalocidade do signo. A opção por este tipo de *corpus* se deu pelo fato de as redes desempenharem um papel crucial na propaganda eleitoral. Crê-se que, em virtude de serem um espaço de confronto, as redes (*Facebook* e *Instagram*, trabalhados aqui) revelam a interação entre esferas sociais: a ideologia oficial em interação e retroalimentação com a do cotidiano,

respondendo ao diálogo político. Face a esta característica das redes, a pesquisa centra-se nelas para investigação. Os jogos políticos ganham, assim, um novo tom, líquido, pulverizado, digital.

Este relatório lida com a ideia de crise na política brasileira. Para Almeida (2019, p. 185), a crise brasileira se desencadeou em 2013, com os protestos de rua, foi polarizada em 2014 e aprofundada com o *impeachment* de Dilma Rousseff em 2016. Em 2018, para o autor, um desdobramento recente é a eleição da extrema direita. Os enunciados aqui expressam, direta ou indiretamente, os conflitos oriundos de tal crise. Portanto, a análise dos signos, conforme a própria teoria dos estudos bakhtinianos e teóricos políticos, trata da história brasileira e remonta a diversos eventos que, pouco a pouco, a impulsionaram.

Visto que este contexto histórico é, sobretudo, um momento de tensão social, a *dialeiticidade interna* (VOLÓCHINOV, 2013) revela-se de modo mais claro. As contradições do signo, ficam, assim, mais evidentes, conforme aponta o autor. Dado isso, são objetivos desta pesquisa refletir sobre as palavras “nação”, “resistência” e “ódio” enquanto signo ideológico e sobre a bivocalidade polêmica que as constitui no cenário político contemporâneo, bem como a arquitetura de suas relações quanto ao “mito”; pensar sobre a relação entre linguagem e história/sociedade a partir do signo.

A justificativa desta pesquisa é social, em virtude da abordagem de problema contemporâneo de linguagem, na política brasileira. Discutir processos discursivos que se arrastam até então e como isto influencia, além do próprio jogo político, a constituir “sujeitos-eleitores” e identidades políticas é foco deste relatório. Nessa direção, a hipótese é que os enunciados também trazem, além das noções citadas, a concepção de “mito”. Do mesmo modo, esse signo concentra as divergentes vozes sociais e se caracteriza pela polarização em torno da figura de Jair Bolsonaro.

Com vistas a cumprir o que se propõe no projeto (plano de trabalho), desenvolveu-se um panorama bibliográfico teórico de fundamentação para as análises empreendidas; uma coleta de dados do material, segundo critérios estabelecidos; e, por fim, a interpretação dos dados construídos, à luz dos estudos bakhtinianos. Como parte do desenvolvimento da pesquisa, os resultados foram divulgados na forma de apresentações de trabalho em eventos (1ª fase do CIC em 2020; Escola de Estudos Linguísticos do GEL, em 2020; entre outros).

Vale destacar que um dos resultados desta pesquisa se refere ao seu desdobramento, que originou um projeto de mestrado, pautado em estudos bakhtinianos, que versará sobre a valoração da política brasileira na *Folha de S.P.* e no *Le Monde*, importantes e influentes canais de imprensa. Aprovado no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCLAr/UNESP), o projeto discutirá, dando sequência ao debate político presente nessa pesquisa FAPESP, os embates entre o jornalismo e a política, a fim de discutir como são interpretados os eventos políticos no Brasil.

O relatório a estrutura da seguinte maneira: Introdução como primeira seção. Um debate teórico-metodológico sobre signo ideológico e dialética, principalmente em Volóchinov (2017; 2013), o método nos estudos bakhtinianos e a explanação dos critérios metodológicos que fundamentam a escolha do material desta pesquisa, na segunda seção. Na seção seguinte (a terceira), os resultados são apresentados, analisados e discutidos, retomando a relação entre a filosofia da linguagem e o problema de pesquisa trabalhado, assim como apresenta-se, ainda, a discussão sobre a hipótese aqui defendida: a arquitetura do “mito” face aos “Brasis”, em tensão “ódio-resistência”; e, por fim, os apontamentos finais do trabalho, de modo a retomar e orientar o estudo na interpretação e na análise aqui realizadas.

2. POR UMA FILOSOFIA DOS SIGNOS: MATERIAIS E MÉTODO

Esta pesquisa analisa publicações de redes sociais, em que circulam e se chocam valorações de nação, de ódio e de resistência, constituintes do signo ideológico, tal como pensa Volóchinov (2017; 2013). A partir desses enunciados, pretende-se discutir os valores e sentidos múltiplos que habitam os signos, em meio ao jogo político eleitoral de 2018 no Brasil. A coleta das publicações obedeceu a critérios temporal, temático e quantitativo e buscou evidenciar as polarizações discursivas da política atual. A discussão teórica incide sobretudo no conceito de signo ideológico. Para tanto, fez-se uma revisão bibliográfica de textos dos estudos bakhtinianos, especialmente de Volóchinov, autor que produziu sobre signo ideológico.

O critério metodológico de seleção dos *posts* se pautou em um recorte temporal (agosto de 2018 a março de 2019, já que cobre todo o processo de campanha eleitoral e os primeiros meses da posse da presidência), temático (páginas do *Facebook* e perfis do *Instagram* de cunho político, mas não aqueles oficiais) e quantitativo (perfis e páginas com, no mínimo, 50.000 seguidores/*likes*). Com este recorte, a pesquisa lida com um número igual² de publicações para cada signo e os analisa a partir do embate que representam. As relações de valor de cada signo, por vezes, estão presentes uns nos outros. Ao tratar de uma noção de resistência, há também uma representação de ódio, fato que deixa clara a construção relacional dos signos e de seus sentidos.

O método é desenvolvido no interior dos escritos dos estudos bakhtinianos e encara o texto com um olhar metalinguístico (BAKHTIN, 2011): da arquitetura de linguagem às relações dialógicas. “As relações dialógicas entre os enunciados, que atravessam por dentro também enunciados isolado, pertencem à metalinguística.” (p. 320). As análises desenvolvidas, então, se centram na materialidade linguística para discutir as relações de sentido (dialógicas) que constituem enunciados. Desse modo, parte-se das possibilidades do texto para construir análise e interpretação do fenômeno de linguagem em voga, a polarização discursiva das eleições em 2018 no Brasil.

O presente trabalho é baseado nos estudos bakhtinianos, aqui voltado à análise e à compreensão de publicações de rede social. O conceito fundamental é signo ideológico,

² O processo de recorte coletou 10 (dez) publicações para cada concepção. Desse modo, somam 30 (trinta) ao total. Em casa conjunto, há 5 (cinco) que concordam (sentido amplo de concordância) entre si e polemizam entre os demais. A ideia foi contemplar ao máximo a polarização discursiva tratada.

pensado por Volóchinov (2017; 2013). A parte I de *Marxismo e filosofia da linguagem* (2017) e o ensaio “A palavra e sua função social” presente em *A construção da enunciação e outros ensaios* (2013) são os textos selecionados nos quais a discussão de signo ideológico é mais evidente e apurada.

A concepção de signo para o Círculo, em especial Volóchinov, está fortemente associada à ideologia. “Tudo o que é ideológico possui uma *significação*: ele representa e substitui algo encontrado fora dele, ou seja, ele é um *signo*. *Onde não há signo também não há ideologia*.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 91, destaques do autor). Nesse pensamento o juízo ideológico é fundante para a existência do signo e não se trata, assim, de aspecto extralinguístico. A língua (e por consequência, a linguagem) é essencialmente ideológica, enquanto sistema vivo e histórico. Volóchinov (2017, p. 92), explanando a ideia de signo, exemplifica com a foice e o martelo, que passam a ter uma “significação puramente ideológica”. Nesse caso, os instrumentos de trabalho tornam-se signos e representam uma visão de mundo social.

A natureza da representação de que trata Volóchinov (2017; 2013) ao mencionar o signo diz respeito ao reflexo e à refração sociais de realidade. “O signo não é somente uma parte da realidade, mas também reflete e refrata uma outra realidade, sendo por isso mesmo capaz de distorcê-la, ser-lhe fiel, percebê-la de um ponto de vista específico e assim por diante.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 93). Em “A palavra e sua função social”, Volóchinov (2013, p. 195) compreende que os signos refletem e refratam fenômenos da vida social. Isto decorre, conforme o autor, da luta de classes, pois, no signo, enfrentam-se diversas aspirações ideológicas.

Na apresentação da ideia de signo, Volóchinov diz que “*A palavra é o fenômeno ideológico par excellence*”. (2017, p. 98). Tanto em *Marxismo e filosofia da linguagem*, quanto em “A palavra e suas funções sociais”, o autor reitera que a palavra é um signo muito particular, presente na comunicação cotidiana, nos atos ideológicos. Uma característica fundamental apontada por Volóchinov é a *neutralidade*. “Já a palavra é neutra em relação a qualquer função ideológica específica. Ela pode assumir *qualquer* função ideológica: científica, estética, moral, religiosa.” (2017, p. 99, destaques do autor). Como explicado pelo autor, a palavra não possui uma função específica dada e, por esse motivo, permeia todo e qualquer acontecimento ideológico, inclusive o discurso interior (VOLÓCHINOV, 2017). Neste ponto, é saliente tratar que tal aspecto da palavra é crucial

nessa proposta, uma vez que estão concentradas na palavra aspirações sociais distintas. Nesse jogo, a palavra não assume um tom específico único, mas se movimenta mediante os embates sociais dos quais é palco e arena.

Considerada assim o signo mais puro, representativo e neutro por Volóchinov, “[...] *uma mesma* palavra nos lábios de pessoas de classes distintas reflete também pontos de vistas distintos, mostra relações diferentes com a mesma realidade, com o mesmo fragmento de realidade que constitui o tema daquela palavra”. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 197, destaques do autor). Assim, ao tratar de “nação”, há um embate e disputa residente no signo, de mesmo modo em “ódio” e “resistência”. As publicações polemizam umas com as outras os sentidos próprios que atribuem e desenvolvem à concepção. É interesse da pesquisa, pois, discutir como se dá esse jogo, materializado na linguagem, de embates sobre as concepções tratadas.

A figura abaixo exemplifica como é compreendida a palavra³ (signo ideológico), porque traz o embate social de “nação”, mesmo não tendo, verbalmente, essa menção



Figura 1 -- designativista⁴

A ideia de “nação” é construída a partir das referências e ligações a outros signos (VOLÓCHINOV, 2017). “Democracia”, “presidência” e “armamento” são palavras (signos) que polemizam e constituem um sentido de “nação” e do cenário político brasileiro. Assim, é possível discutir os embates do signo, a partir da variada constituição: verbal, visual e sincrética.

³ A nota de rodapé 29 (p. 137) da edição de 2017 de *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, traduzido do russo por Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova, discute o que é palavra, diante as outras traduções. O termo em russo pode significar também linguagem verbal e discurso, conforme as tradutoras. Assim, nesse caso, não se trata de uma unidade lexical, mas de um aspecto discursivo.

⁴ Disponível em: [#DesignAtivista no Instagram: “Apenas passando para lembrar. . . . @adamscarvalho #DemocraciaSim #ViolênciaNão #MaisLivrosMenosArmas #Desarmamento #Illustration...”](#). Publicado em: 25. Mar. 2018. Acesso em: 02. Fev. 2021.

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov apresenta que “*Tudo o que é ideológico possui uma significação sgnica.*” (VOLÓCHINVO, 2017, p. 93, destaques do autor). Em outros termos, a ideologia se materializa na linguagem, no signo. Qualquer aspecto de juízo valorativo terá uma materialidade concreta enunciativa. Nesse quesito, está uma contribuição da presente pesquisa: ao pensar os signos ideológicos (palavras) “nação”, “dio” e “resistência”, não há exclusivamente análise do sistema verbal de linguagem, pois se compreende que as materialidades visual e vocal tmbem materializam o signo e os embates característicos que o constituem. Por exemplo, o signo “nação” é compreendido tmbem pela materialidade visual, como a cor verde e a amarela. Toda a composição de linguagem das publicações remete ao signo, cujos sentidos se dão de modo específico em cada enunciado concreto mobilizado para análise.

Ainda, nas publicações aqui trabalhadas, enunciados concretos, estão materializados, a partir de uma linguagem sincrética, noções, juízos de valor, aspirações ideológicas que se concentram nesses signos “nação”, “dio” e “resistência”. Ainda que não se tenha verbalmente a palavra, compreende-se que tais visões de mundo contemplam a dinâmica sgnica tratada por Volóchinov. Em suma, a proposta entende que signo ideológico não se materializa apenas no aspecto verbal da linguagem.

A conceituação de signo presente em Volóchinov (2013) compreende a palavra, dadas as particularidades que a fazem fenômeno ideológico, como “objeto basilar da ciência das ideologias” (p. 101). Por isso, ao mencionar o estudo de aspectos ideológicos, Volóchinov elege o signo como *locus* no qual os cruzamentos de interesses sociais se fazem, isto é, as ideologias diversas estão presentes e materializadas, sempre em contraste e conflitos ideológicos, oriundos da luta de classes.

Sobre o signo, Volóchinov ainda aponta outra característica. “Essa dialética interna do signo revela-se na sua totalidade apenas em épocas de crises sociais e de mudanças revolucionárias.” (2017, p. 113). Tal dialética diz respeito, conforme apresenta o autor, ao fato de o signo ser palco e arena de embates sociais. Considerando o contexto político do Brasil em 2018,  possível discutir que há uma crise social, cenário no qual a dialética, o embate e jogo desigual de forças sociais estão mais visíveis. Assim, as concepções aqui tratadas estão inseridas em um momento político de crise e são compreendidas justamente nesse aspecto dialtico do signo.

Ao final da parte I de *Marxismo e filosofia da linguagem*, Volóchinov aponta que a “introdução do método sociológico marxista” (2017, p. 102) nas estruturas ideológicas é possível apenas em visão de uma filosofia dos signos. No entendimento do autor, a ideologia, em um método sociológico, só pode ser compreendida plenamente no signo. “A filosofia marxista da linguagem deve se fundamentar no enunciado concebido como um fenômeno real da linguagem e como uma estrutura sociológica.” (2017, p. 223). Nesse sentido, Volóchinov compreende que o método sociológico só pode compreender a língua e a linguagem de modo histórico, situado e ideológico. Os signos, arena e palco de embates, é o espaço onde se cruzam as vozes sociais e é instaurado o jogo discursivo.

Fica evidente, pois, que a disputa social (luta de classes) é, para Volóchinov, fundamental na construção dos conflitos na linguagem. Esse entendimento está associado ao desenvolvimento de uma compreensão marxista da linguagem. Em *Marxismo e filosofia da linguagem* há uma discussão da ciência da ideologia em torno de correntes linguísticas e da psicologia. O autor tece críticas a vertentes contemporâneas e propõe: “Acreditamos que a mesma chave possa dar acesso a ambas as esferas. Essa chave é a *filosofia do signo*, ou seja, a filosofia da palavra como signo ideológico *par excellence*. O signo ideológico é o território comum tanto do psiquismo quanto da ideologia [...]” (2017, p. 127, destaques do autor). Para, contornar essa questão (a materialidade da ideologia e sua presença e constituição na consciência), Volóchinov compreende que é possível e necessária uma filosofia pautada no signo.

O autor russo está mais próximo do vocabulário e da visão marxista. “De fato, a humanidade conhece até hoje um único e importantíssimo motor da história social: *a luta de classes*.” (2013, p. 195, destaques do autor). Volóchinov realiza uma leitura marxista para a linguagem e compreende que a disputa social de classe também move a história e, por consequência, a linguagem. Dá-se, porém, destaque ao funcionamento do signo, em que se concentra a ideologia, interpretada como juízo de valor. Esta visão entra em contraste com corrente mencionadas, tais como o objetivismo abstrato e o subjetivismo idealista, com as quais Volóchinov discute de modo a construir uma visão outro de linguagem, ideológica e histórica.

Resulta, então, uma interpretação marxista, diante de problemas alegados por Volóchinov. Diante disso, é possível pensa em uma aproximação filosófica entre o marxismo e a constituição de linguagem do Círculo. Mas, conforme Faraco: [...] Bakhtin

não vincula seu pensamento a uma arquitetônica que se pudesse classificar de marxista.” (2009, p. 27). Diferente de Bakhtin, Volóchinov e Medvedev, conforme salienta Faraco, têm escritos voltados explicitamente ao marxismo, compreendendo-o diante a discussão filosófica, linguística e psicológica contemporânea.

A aproximação com o marxismo se dá em vários pontos. Como visto, a ideologia é um deles. Diferente de “falsa consciência” ou “falsa realidade”, ideologia é compreendida, grosso modo, como juízo de valor, sentido partilhado tanto por Volóchinov e Medvedev, quanto por Bakhtin. A dialética é outro ponto de contato. Para Paula, Figueiredo e Paula (2001), a dialética e o diálogo têm em comum o movimento: para a primeira, o jogo entre tese, anti-tese e síntese esboça uma superação; ao passo que o diálogo também os concebe assim, mas sem uma superação. “A contribuição do Círculo de Bakhtin à dialética materialista consiste em ter explicitado que o caráter fundamental da materialidade é a alteridade.” (2001, p.94).

Bakhtin diz: “A dialética nasceu do diálogo para retornar ao diálogo em um nível superior (o diálogo de *indivíduos*).” (2011, p. 401, destaques do autor). Esse movimento presente na dialética e no diálogo está presente nos escritos de Bakhtin quanto à constituição do sujeito. A alteridade, nesse mesmo processo, se orienta no embate entre os pontos valorativos “eu” e “outro”, distintos.

O movimento de luta de classes implica a dialética, em vista do inconciliável confronto de classes, orientado economicamente; e o diálogo, porque é o ponto crucial, para Volóchinov, da interação e movimentação histórica, refletidas e refratadas na linguagem. Tratando da diferença entre o “criador de gado” e o “homem do fim da época capitalista”, o autor considera que há conflitos de horizontes sociais entre tais sujeitos e que esse embate e ampliação de horizonte ocorrem dialeticamente. “Essa formação dialética se reflete na constituição dos sentidos linguísticos.” (2017, p. 238). Desse modo, a movimentação social repercute um movimento dialético de transformações de horizontes, que refletem na composição de sentidos, dialogicamente.

Diante do exposto, o método realizado se pauta, fundamentalmente, no movimento histórico e discursivo, em que estão localizados o material de análise, fragmentos de tais embates. Assim, ao longo do relatório, buscou-se manter essa visão sobre o *corpus*, compreendendo-o como fragmento discursivo de uma polarização

(movimento) no Brasil de 2018. Cada enunciado revela a interação e o conflitos ininterruptos, típicos da dialética e do diálogo.

O signo, para Volóchinov, é ideológico. Nesse ponto, compreendemos que “nação”, “ódio” e “resistência” são signos, porque apresentam a dialética (o eterno conflito de sentidos), a materialização sígnica, a “neutralidade” etc. Embora não haja verbalmente a referência, a pesquisa compreende que os conflitos oriundos desses signos são materializados de modos diversos, de tal modo que não é necessário haver a palavra “resistência” para estar presente o embate a ela referido. O ponto, portanto, é como se compreende o embate social presente no signo.

3. ENLAÇOS SÍGNICOS: RESULTADOS E DISCUSSÕES

Este capítulo esboça a análise e a interpretação do *corpus* de pesquisa, mediante a perspectiva teórico-metodológica adotada, o Círculo de Bakhtin. A noção de signo ideológico fundamenta essencialmente o percurso de análise desenvolvido de modo a discutir as polarizações nas três palavras, motes de pesquisa. Estão apresentados os resultados e as discussões da pesquisa, que se dedicou desde o princípio a discutir e contemplar as vozes sociais distintas que circularam (e circulam hoje) na época eleitoral. Este capítulo também se dedica à discussão da hipótese levantada de que há uma construção de “mito” compreendida como signo ideológico. Segue-se, assim, a relação do título aqui: nação, ódio e resistência.

Muito embora seja feita a distinção entre materialidades, não há essa diferenciação, porque se trata de uma síncrese enunciativa, em que os aspectos se constituem mutuamente. O procedimento de análise discute a composição de cada enunciado e quais os sentidos, construídos por estes ou aqueles mecanismos de linguagem. Interpretando os resultados pela teoria bakhtiniana, fica evidente que, em geral, e para os três signos principais, que o “Brasil” está em apuros, em uma situação acirrada e polêmica, entre “ódio” e “resistência”.

3.1 Os descompassos de nação

A análise dos enunciados elencados para “nação” trouxe a evidência de uma representação dicotômica, processo no qual a ideia de “nação” circula entre dois polos opostos, materializados principalmente como “verde e amarelo” e “vermelho”. Muitas narrativas e visões ideológicas sobre “Brasil” se apoiam nessa dualidade para argumentar e persuadir a favor desta ou daquela orientação social. É comum, portanto, a representação de sujeitos que são e personificam determinada ideologia. Presente nos demais signos, também ocorre aqui a corporificação, processo que constrói as visões sociais a partir de corpos.

O descompasse diz respeito à plurissignificação do signo “nação”, que envolve uma narrativa histórica, heróis nacionais e uma identidade de “ser brasileiro”. Todos esses aspectos são polemizados e entram em confronto, mediante as visões sociais conflitantes.

Desse modo, demais signos sofrem esse descompasso, ainda mais aflorado nessa dicotomia e polarização discursivas.



Figura 2 – Humor político⁵

No enunciado 2, a representação de nação é construída, neste enunciado, pela bandeira nacional, que estampa o fundo da tira e opera a crítica a um “Brasil verde e amarelo”. No primeiro quadro, a construção verbal “nossa bandeira jamais será vermelha”, muito difundida em 2018, é uma posição ideológica resignificada. Conforme tratam Paula e Oliveira (2020), tal construção, compreendida também como enunciado, é redefinida como palavra alheia. A crítica a esta concepção verde e amarela de “Brasil” e de “brasileiro” parte, nesse sentido, da interpretação feita de uma posição ideológica que nega o “vermelho” como forma de vida, posição política e projeto de nação.

Se tal enunciado circula como materialização de uma voz social que se opõe ao “vermelho”, aqui é resignificada a fim de evidenciar a contradição e a violência dos sujeitos que defendem o “verde e amarelo”. Trata-se, assim, de uma tira que encena a palavra outra objetivando a crítica política, a partir da corporificação de aspirações sociais. A ideia contida em “nossa” traz ao centro o sentido linguístico-discursivo de posse: é a bandeira, a nação do “nós”, distinta das de “eles”, de modo a fazer uma reivindicação da bandeira nacional própria a um grupo social específico. Instaura-se, pois, um jogo de pertencimento e exclusão. O advérbio “jamais” implica também a severidade imposta na negação e no tempo do desejo. Há, aqui, uma divisão ideológica de grupos sociais presente nos pronomes e advérbios da língua.

Stanley (2018), em *Como funciona o fascismo*, aponta que no cerne do fascismo está a lealdade à nação. Esse nacionalismo, conforme o autor, se opõe ao ideal democrático liberal. Trata-se de uma unidade de nação a partir da qual há estruturas de

⁵ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 12. Out. 2018. Acesso em: 02. Fev. 2021.

dominação, que não aceitam o contraste com o ideário religioso, étnico/racial e sexual/gênero hegemônico. A partir disso, é possível discutir como o sujeito “verde e amarelo” defende uma valorização de nação de um “outro” que lhe é diferente em prol de uma pureza da bandeira, metonímia de “Brasil”.

O sentido da agressividade do sujeito “verde e amarelo”, para a página que vincula o enunciado, expressa-se na feição do “brasileiro”, que estampa justamente as cores da bandeira nacional. O bastão e a investida direcionada ao “outro” articulam a agressividade que constitui o “verde e amarelo”. Não à toa, o objeto de ódio é o “outro vermelho”. A tira constrói e materializa vozes sociais a partir de sujeitos vestidos de cores que representam tais visões ideológicas conflitantes. “[...] as palavras do falante estão sempre embebidas de opiniões, de ideias, de avaliações que, em última análise, são inevitavelmente condicionadas pelas *relações de classe*”. (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 196). Toda a construção verbal do enunciado se pauta em um visão ideológica e compõe uma ressignificação, alusiva a embates de grupos sociais.

A ironia política, pois, reside no duplo sentido de “vermelho” expresso na tira. Ocorre, tal como “resistência”, uma exploração dos significados da palavra a fim de inverter e satirizar os sentidos anteriores. Primeiro, a negação de que a bandeira seja de tal cor, ao passo que, defendendo a referida afirmação, a bandeira se torna vermelha. Se antes era um vermelho aluviso a uma corrente ideológica, no segundo quadro representa sangue e violência do “brasileiro verde e amarelo”. Vale apontar, assim, que o sujeito que nega o “vermelho” por defesa à bandeira tem como marca identitária também a intolerância. É possível ver noções de “ódio” atreladas à “nação”, pois ao mesmo tempo que constrói um sujeito brasileiro também demarca um sujeito de ódio.

A legenda da publicação trata deste contato como expressão do “ódio”. Ainda característica do “brasileiro verde e amarelo”, a página imbrica o signo do ódio ao da nação. A alteridade dá o tom neste processo, visto que, para Bakhtin (2017), a diferença de lugar singular implica a constituição mútua do “eu” e do “outro”. A tira faz uma representação de “Brasil”, interceptado pelo “ódio”, pela agressividade de uma corrente ideológica face ao diferente, construído pela polissemia ideológica da palavra.



Figura 3 – República de Curitiba⁶

Na figura 3, ocorre um convite à construção de “o novo Brasil”, que exalta quatro sujeitos seguindo uma direção, um caminho de “construção” (com o público, o eleitorado ao fundo, vibrando/torcendo): Jair Bolsonaro, à frente e líder maior em posição mais alta que os demais; Paulo Guedes, com a bandeira do Brasil e ministro da economia desse novo país; O ministro Sérgio Moro⁷ representa a justiça dessa nova formação nacional; e Olavo de Carvalho, como pensador e formador intelectual do projeto de construção. Faz-se necessário destacar Enéas Carneiro, influente conservador já falecido, colocado como anjo, abençoando os quatro cavaleiros/desbravadores expostos como heróis/salvadores da pátria. O signo “nação” se dá tanto na expressão verbal (a palavra “Brasil”), que também é vocal, quanto na dimensão visual.

A construção enunciativa materializa um embate entre “Brasis”. A construção do “novo” se dá por meio dos heróis acima, carregados de inspiração. Abaixo, cores mais escuras, a insígnia do PT – Partido dos Trabalhadores, um exemplar da revista *Veja* e o povo. O “antigo Brasil” é marcado pelo governo petista. Esse “novo Brasil” a ser construído se opõe, em especial, a um partido político (PT) e às mídias, bem como se intitula “liberal” e conservador.

Hall (2011) aponta que, quanto à narrativa da cultura nacional, “Em primeiro lugar, há a *narrativa da nação*, tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular.” (p. 52). Isto significa, conforme trata o autor, que a identidade nacional é um ponto de conflito. Em termos bakhtinianos, é possível apontar narrativas distintas de “Brasil”, isto é, valorações ideológicas que ressoam na história, criando, como aponta Hall, mitos, verdades e tradições no tempo que constituem determinada identidade cultural. No enunciado, apresentam-se uma narrativa

⁶ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 20. Fev. 2019. Acesso em: 02 Fev. 2021

⁷ No período de coleta do *corpus*, as polêmicas entre Sérgio Moro e Jaír Bolsonaro não tinham acontecido. Ocorreram os conflitos em março/abril de 2020. Havia, ainda atrelada à época eleitoral, uma proximidade entre os políticos.

de nação, uma identidade de ser brasileiro, ao passo que há um movimento de construção do país. O “novo” instaura uma valoração quanto ao projeto político que o adota como perspectiva, quanto ao país “antigo” e de seu sistema.

Nessa direção, para Hall: “Uma cultura nacional nunca foi um simples ponto de lealdade, união e identificação simbólica. Ela é também uma estrutura de poder cultural” (2011, p. 60). A partir do enunciado e da voz social que o constitui, fica flagrante a concepção de nação: um estado de mudança e ruptura com o “velho”. A figura de Bolsonaro surge como centro da construção e renovação do país, que revela, portanto, uma disputa política de dominação na ideia de “Brasil”. Trata-se de um movimento e de uma polarização discursiva que, sobretudo, procurou definir e marcar o que é “nação” e ser “brasileiro”.

A imagem no peito de Bolsonaro é da página que publicou o post (“República de Curitiba”) no *Facebook*. Fato relevante, dada a movimentação conservadora sulista e o processo com o ex-presidente Luiz Inácio Lula, em Curitiba. Na legenda⁸, há a assinatura de “Brasileiros de bem” (os que concordam com a construção proposta, colocados como defensores da pátria). O “brasileiro de bem” forma, junto à equipe de governo eleita para administrar o Brasil, uma identidade correlata à ideia de “pátria”. Construído na interação social, o sujeito (“brasileiro de bem”) se coloca em defesa e como corpo unificado/coletivo. “República de Curitiba” apresenta, nas fotos de perfil, uso predominante de verde, amarelo e azul, em alusão à bandeira nacional. A página explicita o seu intuito de “novo conceito de jornalismo” e apoio à Lava-Jato.

A legenda traz a ideia de processo contínuo (marcado pelo uso do gerúndio) de construção da “Pátria” e revela a relação polêmica com a “Rede Globo”, pois ela é o vocativo com quem se fala e a quem a ameaça se dirige em partes. Como ícone do meio tradicional de comunicação, a mídia é colocada ao centro e, de certo modo, ameaçada pelo projeto de “novo Brasil”, que não aceita obstáculos. Assim, o projeto de “nação” se coloca como uma ameaça aos meios de comunicação e às opiniões divergentes e conflitantes ao projeto hegemônico em voga.

⁸ “Atenção Rede Globo, estamos construindo um novo Brasil, se atrapalhar vamos passar por cima. Assina: brasileiros de bem”



Figura 4 – Jornalistas livres⁹

O enunciado 4 constrói uma ideia de “nação” por meio de “deus brasileiro” e de aspectos da visão geral de “Brasil”. A crítica reside na constituição de um “mito-deus”, a partir de insanidade e estupidez. Assim, é possível compreender a situação da vida política da “nação” e as efervescências sociais quanto à valoração de “Brasil”.

Ocorre uma ideia de “mito” nesse enunciado. Na posição do Cristo Redentor, aspecto escolhido para dar um sentido de “brasilidade”, o “mito” é um “deus” minúsculo. O teor armamentista é apresentado, porém, é valorado de outro modo, negativamente, como expressão de “estupidez” e “ignorância”. A faixa presidencial também traz ao centro, assim como a configuração do cabelo, a imagem de Bolsonaro. A materialidade verbal, em caixa alta, exceto “deus”, inferiorizam a visão de mundo que constrói o “mito” como bravo e heroico.

Insanidade e estupidez são requisitos para a criação do “deus”. A situação do ser fora de si, fora de uma razão específica, é parte da identidade. Como o enunciado traz sempre uma valoração, a insanidade também aponta a um distanciamento de ideias, já que o sujeito “são”, de sanidade, não constrói “deuses”. Nesse ponto, há uma definição de “loucura” que permeia a criação de “deus-brasileiro”. Do mesmo modo, a estupidez se liga a uma noção de “inteligência”. A conjunção “quando” opera em um tempo e em uma condicionalidade de união entre os requisitos. O “até”, por sua vez, instaura um momento máximo e extremo, a criação do “deus”. É posição ideológica, portanto, o tratamento vocabular do texto, em que insanidade e estupidez são escolhidas como “ingredientes” para a construção de “deus”.

⁹ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 24. Out. 2018. Acesso em: 02. Fev. 2021.

A vestimenta militar, por baixo das vestes de “Cristo-deus”, é outro aspecto que se junta ao militarismo constituinte dessa visão de “mito”. A auréola é a imagem comercial do *WhatsApp*, que constitui uma face dessa identidade. “Merecem destaque nessa arena de interação política os efeitos crescentes da plataforma digital *WhatsApp*, por meio da qual circulam informações, *fake news* e memes em múltiplos grupos fechados que se sobrepõem às pequenas redes sociais [...]” (ALMEIDA, 2019, p 190). A construção enunciativa de “mito” polemiza a ideia de “deus”, visto como herói e bravo para vozes e grupos sociais, enquanto é valorado como resultado da “insanidade” e “estupidez”, escolhas lexicais que expressam uma visão de mundo. Assim, os enunciados também valoram a “nação”, respondendo, na cadeia discursiva, à polêmica e à polarização política no Brasil de 2018.

As plurais avaliações que repercutiram nos signos analisados se materializam na polêmica do “mito”, ora salvador da nação e resistente ao sistema política vigente, ora como fruto e resultado de ignorância. Desse modo, o valor de um sujeito “mito” é sentido na polarização e sofre as avaliações desse contexto. A cisão ideológica da representação do “mito Bolsonaro” também é reflexo e refração da vida político-social brasileira, em que os sentidos de “nação” são disputados.



Figura 5 – Canal da Direita¹⁰

Na figura 5, há uma representação do signo “comunismo” enquanto morte. Vermelho, nesse sentido, é a identidade da devastação. As entradas, que representam demais nações, são o modo como são construídos o impacto e a ação comunista. Após a passagem do “comunismo-morte”, os países sangram. A arquitetura de linguagem que

¹⁰ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 28. Out. 2018. Acesso em: 13. Nov. 2020.

concebe cada história da nação, bem como do comunismo, é ideológica e diz respeito a visões de mundo. Na história brasileira, remonta ao período ditatorial, em que a “ameaça comunista” era, entre outros pontos, cortina de discurso. Isto revela quanto o signo, a linguagem em geral, é histórica. A responsividade do enunciado traz à tona polêmicas mundiais, na polarização política em 2018 no Brasil

Motta, sobre o imaginário anticomunista no Brasil (1917-1964), aponta: “Essencialmente, o comunismo foi identificado à imagem do “mal”, tal qual as sociedades humanas normalmente entendem e significam o fenômeno, ligando-o à ideia de sofrimento, pecado e morte.” (2000, p. 72). Nesse ponto, o enunciado tece relações com esse período brasileiro, na medida em que constrói uma valoração de “comunismo” como “morte” a diversas nações. Contra esse “mal”, a figura de Bolsonaro, construído como herói militar.

O sujeito que defende toda a nação é o “mito”, figurativizado por Bolsonaro, que protege a “nação” contra o “comunismo-morte”. Nesse sentido, ressaltam-se a coragem e valentia nessa constituição de identidade, pois se trata de uma luta solitária. Só o “mito”, armado, protege a “nação” e muda a história do “Brasil”. Trata-se de uma visão de mundo que atribui a Bolsonaro características de um herói nacional. O armamento, nesse enunciado, tem valor positivo, pois é meio de proteção do “país”.

A ideia de “Brasil”, como os demais países, é um sentido frágil e refém do “comunismo-morte”. A associação do comunismo à “morte” também é uma posição ideológica no enunciado. Para essa visão social, o “Brasil”, como no enunciado 11, sofre a ameaça comunista, interpretada como danosa, ruim e mortífera à “nação”, que carece de defesa. Com tal narrativa, a proteção é Bolsonaro, construído como sujeito armado (que, sozinho, defende a “nação”).

A imagem do comunismo-morte está associada à do PT – Partido dos Trabalhadores. A identidade visual do partido também constitui a identidade do mal devastador. Nessa narrativa, o partido brasileiro é correlato ao comunismo, que, por sua vez, significa morte. Bolsonaro, a despeito de tudo, é o sujeito que defende a “nação” e se torna o herói nacional. A legenda¹¹, nessa direção, reitera a diferença entre as demais nações e o “Brasil”, protegido e seguro do “comunismo-mort-PT”.

¹¹ “Aqui é Brasil! 🇧🇷👉👉”

Como aponta Bakhtin (2011), o enunciado é elo, e a dialogicidade é perceptível entre os textos aqui analisados, por exemplo. O signo “comunismo” é palco e arena de embates e interpretações sociais conflituosas. Ocorre a identidade de “mito” para Bolsonaro, que combate o “mal”, rol em que o “comunismo”, a corrupção, o sistema político falho se encontram.

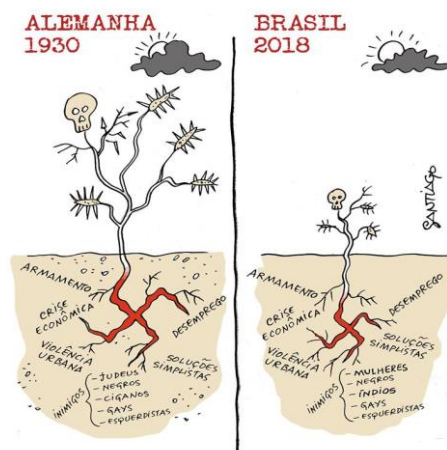


Figura 6– Jornalistas Livres¹²

Na figura 6, se antes havia a bandeira nacional ou mesmo a forma do território brasileiro, nesta publicação a palavra “Brasil” desempenha o papel de representar a nação, feito a partir de um estado comparativo entre Alemanha de 1930 e Brasil de 2018. A metáfora estabelece uma relação na qual o país é uma planta, cuja raiz centraliza a ponte de comparação e a crítica política.

No primeiro quadro, a Alemanha de 1930 é a linha de referência, arquitetada sob a imagem de uma planta seca e cinzenta. A caveira no extremo, enquanto signo alusivo à morte, denota a interpretação do cenário do ano vivido pelo país. A cor destoante é o vermelho, presente na descrição do espaço-tempo e na “raiz da nação”. O destaque da raiz pontua um momento histórico: em forma de suástica nazista, que se torna, assim, a base, o sustentáculo e, ainda, a maior característica da “nação”. Ao lado da raiz, aspectos que marcam tal ideologia e figuram no cenário no qual o partido nazista tomou poder na Alemanha. São estes os pontos elencados que articulam a caracterização ideológica nazista e a comparação com o Brasil de 2018. Questões sociais e econômicas, como alta

¹² Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 17. Set. 2018. Acesso em 07. Fev. 2021.

de desemprego, violência urbana e armamento, são debates centrais e constituem os países nesses momentos históricos.

Destacam-se, por causa da similaridade presente nas demais publicações elencadas como *corpus*, o armamento e os inimigos (judeus, negros, ciganos, gays e esquerdistas). Há enunciados que trazem ao centro, relacionando a “resistência” e o “ódio”, aspectos militares (armamento) em oposição a minorias (os inimigos elencados). Deste modo, ocorre uma relação entre os signos tanto no pequeno quanto no grande tempo da cultura. A colocação de tais componentes também em ascensão no “Brasil”, conforme mostra o enunciado, destaca, embora mais de 50 anos e as distintas culturas, cria uma paridade entre o nazismo em 1930 na Alemanha e o Brasil de 2018.

A recuperação histórica de regimes totalitários para caracterizar o Brasil contemporâneo é uma forma de crítica política. Tanto os preceitos nazistas, quanto o momento de regime militar no país são eventos históricos elencados. Destaca-se a historicidade do enunciado, situado socialmente. Assim, tal como pensa Bakhtin (2011), o enunciado é responsivo e responsável e se relaciona em uma cadeia discursiva.

No referido ano, a Alemanha teve eleições, em que o partido nazista conquistou diversas cadeiras e teve, assim, expressiva posição. Em 2018, no Brasil, eleições também ocorreram. O laço comparativo estabelece dois momentos dos países em que há uma ebulição social oriunda do processo eleitoral. Não somente, assemelha o Brasil, germinal no crescimento e desenvolvimento nazista. O signo ideológico (VOLÓCHINOV, 2017) traz cargas históricas, como visto. “Nação” faz um paralelo entre os contextos históricos para apontar uma característica no período de 2018 no Brasil. A comparação e a metáfora são, portanto, mecanismos discursivos a partir dos quais se estabelecem críticas e alertas a condições que levaram à ascensão do nazismo.

Conforme salienta Sbrocco: “Em meio ao caos que se instalou na Alemanha, por conta da crise de 1929, a esperança da população em reerguer o país se refletiu nas eleições parlamentares de 14 de setembro de 1930.” (2011, p.49). A comparação se concentra no abalo social (econômico) refletido em eleições, que colocaram em cena personalidade e ideologias totalitárias, com o objetivo de mudança. O juízo de valor tanto reside na comparação entre os países quanto no mote trazido como forma de contraste. Assim, a “nação” é compreendida como um germinal de regime totalitário, pautado nas características do nazismo.



Figura 7– SomostodosBolsonaro¹³

Em 7, a ideia de “nação” se materializa tanto pela expressão verbal quanto pela visualidade da bandeira nacional. As cores presentes permanecem na paleta da bandeira, modo também de criar a “atmosfera patriótica”. E ocorre uma condição que atrela um sentido de “nação” e de “amor” (nacionalismo). Tal visão joga com eventos políticos brasileiros para definir o verdadeiro sentimento pela “nação”, que, nesse caso, assume um tom de embate de narrativas políticas.

Na expressão verbal, há “nação” e “ladrão” em letras maiores, fazendo também, além da ligação sonora, uma visual. A oração estabelece uma condição e restrição, pois fixa um comportamento aceitável no entendimento de “amor”. Assim, por meio do termo “quem”, ao qual o sujeito que ama se encaixa, o enunciado materializa uma visão social que divide “amor” e “não-amor”, “ódio”. Essa divisão é ideológica e traz um valor de “nação”, na medida em que orienta o voto e constrói a identidade de “ladrão”. A posição de excluir e abarcar o “amor” à nação por meio do voto é uma estratégia de convencimento e persuasão, que coloca como centro o próprio “Brasil”, objeto de amor maior. Esse embate centraliza traz os signos na vida política. Assim, “amor” e “ódio” são polemizados na circulação dos jogos políticos. Em consequência, uma ideia de “nação” traz consigo “amor” e “ódio” em uma escala de persuasão e convencimento.

Nessa direção, o enunciado polemiza a ideia de “amor” ligado à “nação”, porque é um “amor” construído politicamente para convencer e potencializar votos de narrativas. A legenda do post é “#B17”, alusiva à candidatura de Jair Bolsonaro. Infere-se, pois, que o “ladrão” é o outro lado, o “ele” contra a “nação”. Assim, a concepção de “ladrão”, “amor” e “nação” são oriundas de tal ponto de vista, socialmente situado. “Em outras

¹³ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 10. Out. 2018. Acesso em: 02. Fev. 2021

palavras, *somente aquilo que adquiriu um valor social poderá entrar no mundo da ideologia, tomar forma e nele consolidar-se.*” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 111, destaques do autor). Tais valorações significam, porque estão inseridas em uma realidade social e partem desta em confronto. A forma da significação, nesse caso, é a síncrese enunciativa vista, que joga elementos visuais atrelados a verbais, para construir um pensamento de “amor” à “nação” e engajar voto e público.

O termo “ladrão” repercute na cadeia discursiva nesse momento, em que as narrativas principais se chocavam entre “Bolsonaro vs. PT”, como aponta Almeida (2019). As polêmicas envoltas de Luís Inácio Lula são um ponto nodal para a compreensão da ideia de “ladrão”, que, portanto, diz respeito ao oposto do bolsonarismo, nesse enunciado. Embora não faça alusão direta ao “não-ladrão”, o enunciado, pelas cores, pela página que o publica, pela legenda, constrói a imagem de Bolsonaro, aliados aos que “amam” a “nação”, como “não-ladrão”.

A condição e restrição para “amar” a “nação” passa pelo crivo do voto em “ladrão”. Só a ama quem não vota no perfil que o enunciado traz como “ladrão. Como grande objeto amado, o país funciona como ponto de forte de argumento, já que é maior e mais inatingível que o sujeito-eleitor. E excluindo o “ladrão”, constrói argumentos de voto para um determinado lado por meio da exclusão e restrição.



Figura 8– Jornalistas Livres¹⁴

No enunciado 8, “Brasil” é retratado como um momento de libertação, a partir da ideia de “sair do armário”. A síncrese enunciativa traz à tona o caráter da “liberdade” e quem são os sujeitos que “saem”, fato que constitui, nesse enunciado, uma visão de “Brasil” como lugar de extremismo e totalitarismo. A palavra-chave do enunciado é a

¹⁴ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 19. Out.18. Acesso em: 17. Jan.2021.

inversão de sentido em “sair do armário”. Ocorre, em uma interpretação bakhtiniana, uma inversão de sentidos da palavra-outra, a fim de criticar um período histórico no Brasil e perfis de sujeitos brasileiros.

A princípio, Sedgwick (2007) aponta que “O armário é estrutura definidora da opressão gay [...]” (p. 26). Em conjunto à perspectiva bakhtiniana, é possível pensar o armário, a partir da autora citada, como um signo ideológico, cujos sentidos, entre outros, giram em torno de “opressão” e “liberdade”. Histórico como demais signos, o “armário” é ponto de cruzamento de sentidos sobre identidade LGBTI+, pois representa, entre outros aspectos, prisão, normatividade e apagamento. Assim, a expressão “sair do armário” tem um teor ligado à liberdade e assunção de identidade LGBTI+ frente a ideologias conversadoras.

Dado isto, o enunciado faz uma alusão e reinterpretação de um discurso alheio para uma sátira política. Toma a ideia de libertação contida em “sair do armário” para apontar comportamentos que, no Brasil de 2018, “saem do armário”, ganhando liberdade. Para o Círculo (VOLÓCHINOV, 2017; BAKHTIN, 2011), os sentidos se renovam entre si, no grande e pequeno tempo. O processo de reinterpretação da expressão ocorrido no enunciado muda o sujeito que “sai” e, assim, altera todo o “sentido primeiro” da expressão: o “mal”, em vários sentidos” se liberta.

Na materialidade verbal do enunciado, há uma indefinição de “muita gente” que sai do armário, mas representada visualmente. O “saíndo” instaura um processo, também retratado no plano visual. A locução adverbial, “No Brasil”, coloca a “nação” em jogo, em espaço e tempo. Desse modo, é um ponto de identidade do “país” a libertação de “muita gente”. Na materialidade visual, ocorre a representação do movimento de saída de tais sujeitos, até então indefinidos. São sujeitos que refletem e refratam ideologias e identidades, cujos signos são bandeiras, formas, vestimentas etc.

Se há uma indefinição em “muita gente”, ocorre uma identificação dos perfis que “saem” e se libertam. Os primeiros (mais distantes do armário) são o sujeito da Ação Integralista Brasileira e o da suástica nazista. Em seguida, um sujeito que centraliza o falo e a ereção (a expressão se orienta a construir uma visão de violência sexual, em geral); e o sujeito *Ku Klux Klan*, em vista da vestimenta e objetos segurados. Por fim, o aspecto militar, representado pelo armamento. São essas as identidades que se libertam no

“Brasil” eleitoral, período em que se revelam sujeitos totalitários, extremos, intolerantes e criminosos.

Para “sair do armário” é preciso que haja uma força opressora. Quanto à população LGBTI+, a gama de ideologias e de valores patriarcais, entre outros, representa o aprisionamento. Para os sujeitos do enunciado, essa força não é explicitada, mas é tido que, nesse momento histórica, há uma libertação de “muita gente”, isto é, condições que possibilitam a “saída” de identidades que estavam “oprimidas”. A crítica no enunciado, assim, se pauta na representação das ideologias que circularam nesse período no “Brasil”, compreendido aqui como lugar de liberdade do extremo. A partir do sentido de liberdade LGBTI+, o enunciado representa identidades totalitárias em “saída”, por meio de uma inversão discursiva de uma expressão em que sentidos de reconhecimento, declaração e identidade se encontram.



Figura 9 - SomostodosBolsonaro¹⁵

No enunciado 9, a “nação” é compreendida como um livro, cujas páginas representam momentos da política nacional. Há um tipo de desenho que retrata o movimento de páginas e, por consequência, de períodos políticos. O sentido de “Brasil” construído está associado às cores da bandeira nacional, compreendidas como “verdadeira” identidade do país. O enunciado é sincrético e reúne materialidade verbal e visual: o período acima que implica uma finalidade e os termos no livro, que implicam uma ideologia à qual o “Brasil” deve se associar.

¹⁵ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 03. Set. 2018. Acesso em: 14. Jan. 2021.

A primeira página aparente, isto é, o primeiro momento político é uma página vermelha com uma estrela branca centralizada. Aludindo à identidade visual do PT – Partido dos Trabalhadores, o enunciado vai além. Das maneiras de representar o partido político, opta também pelas mãos brancas, abertas e algemadas. Denota-se parte do perfil de um “ladrão”, como visto anteriormente. A mão, representada no primeiro momento do “livro”, faz alusão ao ex-presidente Luís Inácio Lula, por causa do dedo mindinho esquerdo.

O “ladrão”, assim, é a figura do ex-presidente petista, que, para o enunciado, não é a identidade “verde e amarelo” do “Brasil”. A página seguinte, em azul, traz um tucano com cédulas nas pontas das asas e um lugar que simula bolso. Há referência, assim, ao PSDB – Partido da Social Democracia Brasileira, por conta também da identidade visual. Ocorre uma representação de “ladrão” quanto a esta página do capítulo político brasileira, isto porque as cédulas faz referência a escândalos de corrupção de políticos no/do partido.

A representação de ambos (em especial a do PT, por causa da presença de Lula), assim, implicam um perfil de “ladrão”. A voz social presente no enunciado constrói uma narrativa política do Brasil como uma história de corrupção, desvio de dinheiro e, principalmente, afastamento da identidade nacional, “o verde e amarelo”. A construção de linguagem aponta para uma visão social que compreende tais partidos como danosos ao “Brasil”. Conforme Volóchinov, “Qualquer fenômeno ideológico sígnico é dado em algum material: no som, na massa física, na cor, no movimento do corpo e assim por diante.” (2017, p. 94). A expressão ideológica do enunciado toma forma pelo aspecto verbal e visual. O vermelho em oposição ao verde e amarelo é a base da representação dicotômica. O azul aqui irrompe em partes, mas permanece ao vermelho, porque também se opõe ao verde e amarelo.

A nova página é justamente a volta ao “Brasil”. A mão branca e aberta (com aliança no dedo anelar) carrega os dizeres “Deus Família Brasil” e tem um nome específico: Jair Bolsonaro, 17. Trata-se da campanha eleitoral do então presidente, que, como identidade, usou verde e amarelo. A argumentação do enunciado se estabelece, então, no fato de que Bolsonaro traz a identidade “verdadeira” do “Brasil”, junto a aspectos, tais como religião e família.

A oração subordinada de finalidade (“Para o Brasil voltar a ser verde e amarelo”) implica, por causa da supressão da oração principal, voto, adesão e engajamento no

“verde e amarelo”, identidade do “Brasil”, nesse enunciado. Pode-se entender que a oração principal está materializada na página recente do “livro”, a qual denota uma identidade de “nação”, atrelada a um sujeito, que é chave para a “volta”. É flagrante a ideia de “Brasil” como verde e amarelo, contrário às páginas anteriores. O enunciado não explicita, mas há um momento outro de presença para haver uma “volta”, fato que traz a história social e política nacionais à tona.




“Nação”, pois, está relacionada, aqui, a uma “volta” ao “verde e amarelo”, ideologia que traz, a partir do sujeito representativo, Bolsonaro, acepções como família e religião. Em principal, ocorre um apartidarismo, que significa, nesse enunciado, uma identidade nacional, ideologicamente situada, já que “ladrão”, “não-Brasil” são acepções dos partidos políticos vistos.

A legenda¹⁶ instaura uma divisão e cria um perfil: “Brasil” para “brasileiros” e não “corruptos”. Ocorrem significações de todos esses signos, em conjunto, para afirmar a identidade de “brasileiro” em consonância ao “verde e amarelo”. Os corruptos, os partidos políticos representados, são parte do perfil de “ladrão”, à parte do “Brasil”. Além de corroborar as ideias da imagem, a legenda ainda cria um diálogo informal com os apoiadores, no qual um “eu” que chama o “outro”, vocês, a opinar e comentar.



Figura 10 – Jornalistas Livres¹⁷

No enunciado 10, o signo “nação” é materializado por meio forma do território brasileiro e do uso de signo verbal, como a palavra Brasil. O ponto de articulação sîgnica, isto é, local em que se nasce o sentido do enunciado, encontra-se no empréstimo ao

¹⁶  Um Brasil para os brasileiros, não para os corruptos!  Eu acredito! E você? Comenta aí! 

¹⁷ Disponível em: [Facebook](#). Publicado: 03.Ago.2018. Acesso em: 14. Jan. 2021.

folclore brasileiro, que, sob a imagem de Curupira, dá o tom de confronto: o “vermelho” e o “amarelo” e suas respectivas visões de mundo. Tal como a entidade folclórica das matas, o Brasil, aqui, tem pés ao contrário, que instauram, nas pegadas, o choque entre as aspirações sociais, já que cada uma enxerga e interpreta os passos do “Brasil” de determinada maneira, em consonância a seu campo de visão.

O diálogo entre as forças ideológicas distintas, representadas pelas cores estampadas na personificação, centraliza o duplo sentido do “avanço”. Uma, a amarela e verde, aponta, gesticula a fim de demonstrar (“Tá vendo?!”) a veracidade quanto ao caminho “certo” do país, à frente. A argumentação faz uso das pegadas com o intuito de comprovar ao diferente político que tais marcas demonstram um “avanço”, “caminho certo”. Interpretações estas à luz da própria condição ideológica do “amarelo e verde”. A empolgação (marcada nos olhos arregalados, nos braços esticados, na pontuação do diálogo) diz respeito, ainda, ao fato de que o Brasil estar no “caminho certo” é estar condizente à visão social representada pelo “amarelo e verde”. Assim, a perspectiva do sujeito no enunciado faz alusão ao direcionamento ideológico que representa.

Se o campo de visão deste primeiro é reduzido às pegadas, quanto ao “vermelho”, o alcance chega ao “Brasil Curupira”. Os passos que, para um, são sinal de “avanço”, para outro é a dúvida. Além de esboçar o contato entre essas aspirações ideológicas, o enunciado ainda evidencia a percepção de cada sujeito/voz social. Nesse sentido, a construção da realidade é diferente em cada visão ideológica representada. Há, também como estratégia de representação do embate, a personificação dicotômica da “nação”. Cada voz social toma caráter antropomórfico e se diferencia na interpretação de “caminho certo” e no campo de visão.

“Nação” se divide entre os sujeitos “verde e amarelo” e “vermelho”, principalmente quanto à ideia de “progresso”. Para Volóchinov, “A ideologia de classe entra para o interior (por meio da entonação, da escolha e da disposição das palavras) de qualquer construção verbal [...]” (2013, p. 190). Conforme o autor, o juízo ideológico faz parte da configuração enunciativa. Por esse motivo, são construídas distintas as visões dos sujeitos, já que ocorre um embate quanto à compreensão de “Brasil”. O enunciado, além de retratar uma ideia de “nação”, também constrói que o sujeito “verde e amarelo” não possui compreensão do rumo do “Brasil”.

A representação dicotômica ocorre por meio da disputa entre os sujeitos, pois a visão de “Brasil” se instala unicamente nesse embate: ou a visão de “vemelho” ou de “verde e amarelo”. Em sentido maior, “nação” também adquire esse sentido de cisão política, a partir de narrativas que enfatizam o contraditório e o inconciliável.



Figura 11 - tercalivre¹⁸

O enunciado 11 traz uma alusão à facada sofrida por Bolsonaro¹⁹. Como o enunciado é responsável, na acepção bakhtiniana, o evento da facada resultou, em termos de discurso, em uma polêmica, da qual este enunciado é fragmento. Nele, são interpretados os valores de “Brasil”, a partir de um sujeito, Bolsonaro. A representação da facada, nesse contexto, traz o sujeito que sofre e o que pratica, inseridos em uma narrativa política.

É representado o tronco de Bolsonaro, cujas mãos, arqueadas, dão o tom do evento. A camisa, que traz o *slogan* da campanha, é uma representação de “nação”, apunhalada. “Meu partido é o Brasil” é o período que define tanto uma visão de “país”, quanto de política. Como visto no enunciado 9, o do livro, ocorre uma aversão e negação a partidos políticos, representados como corruptos e ladrões. Assim, a estratégia de campanha, que traz uma ideia de “nação” ocorrida, é utilizar o “Brasil” como partido, como objeto de amor, maior e inalcançável, como visto no enunciado 7. “Brasil”, nesse caso, é, ao mesmo tempo, apartidário, porque os nega e partido, porque desempenha a função de um.

¹⁸ Disponível em: [Terça Livre TV no Instagram: “Refleta”](#). Publicado em: 07. Set. 2018. Acesso em: 14. Jan. 2021.

¹⁹ Disponível em: [Bolsonaro leva facada durante ato de campanha em Juiz de Fora - 06/09/2018 - Poder - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 14. Jan. 2021.

No ato da facada, portanto, Bolsonaro é atacado e, em última escala, o “Brasil”, pois, na lógica do enunciado, ocorre uma paridade entre o sujeito e a “nação”/partido. Há representação do ser agredido, do agressor e do motivo. A mão que realiza o ataque é vermelha, comunista e petista. A cor, a estrela e o conjunto de martelo e foice caracterizam o ator da agressão. O enunciado evidencia que, por trás do ataque, há uma motivação política e ideológica. O conjunto (vermelho, comunismo e petismo) acima mencionado é também sujeito que agride e motivação para tal.

A narrativa recuperada é o ataque comunista ao “Brasil”. A partir de Motta (2000) e Volóchinov (2017; 2013), é possível pensar que o fio discursivo anticomunista ocorre na história brasileira há décadas. O enunciado 11 recupera essa cadeia, que remonta, por exemplo, ao Regime Militar de 64. Assim como em outros períodos históricos, o comunismo (na compreensão aqui vista) é o inimigo da “nação”, pois a ataca e fere o “sujeito de mudança”, Bolsonaro.

Essa remissão histórica denota a característica social do signo e explana parte da lógica desenvolvida em campanha eleitoral. Ocorre também a divisão entre “nós” e “eles”, cujo ponto importante de disputa é a “nação”. O pronome possessivo, no sentido de discurso, implica, nesse enunciado, um confronto com o “ele”, identificado como agressor e inimigo.

Ainda, o enunciado dá um sentido específico para o evento da facada. Tal construção, em meio à polêmica, ocorre por meio das vozes ideológicas de grupos sociais. Há uma disputa de sentidos que se divergem e convergem: Almeida (2019) aponta que “A expectativa inicial, da esquerda à direita, era de que a facada o [Bolsonaro] vitimaria o suficiente para levá-lo ao segundo turno.” (2019, p.201). Assim, entre os sentidos desenvolvidos, o enunciado instaura o de ataque à “nação” a Bolsonaro, cometido pelo “comunismo” (e pelo “vermelho”).

3.2 As faces do ódio

Em muitos enunciados, ocorre o processo de corporificação do “ódio”, movimento discursivo que materializa o signo e seus sentidos na representação do corpo humano. Como em “nação”, o sujeito se torna o “ódio” e adquire características como agressividade e descontrole. O armamento, nesse sentido, é um ponto fundamental da

identidade. Mesmo que seja a mão ou mesmo arma de fogo, o sujeito de ódio está em uma condição de “poder fazer mal”, momento em que há um avanço negativo em relação ao “outro”, diferente. E nesse ponto, a ideia da diferença é mobilizadora, porque dá razão ao “ódio” e serve de pretexto à defesa do objeto amado.

A contradição e a hipocrisia são características identitárias presentes de modo explícito. As construções enunciativas diversas arquitetam um contraste entre o ato aparente (aquele veiculado nas placas, nas camisas, como o apelo por amor) e o ato prático (o que o sujeito realiza, a agressão física ou moral etc.). Ambos têm valor ideológico e se contradizem, justamente, para dar a ideia de hipocrisia. Assim, trata-se de um sujeito de ódio, que, apesar das divergências de visões ideológicas, apresenta características comuns, como as citadas.

Por esse motivo, a análise busca discutir quais as faces do “ódio”: quem é o sujeito que o pratica e o é; quem e/ou o que é o objeto de amor; contra quem se luta. As respostas colocam o signo “ódio” ao lado de “nação” por trazer narrativas semelhantes, pautadas em mesmos conflitos e divergências.



Figura 12 – Jornalistas Livres²⁰

No enunciado 12, a materialização do signo referido se dá de modo verbovisual e se concentra em um processo de corporificação. Presente em demais enunciados, esse processo diz respeito ao modo como as vozes sociais são textualizadas na construção do corpo humano. Como demonstrado acima em “nação”, um sujeito é marcado pelo “ódio”, e a representação das vozes, pois, são compreendidas na formação identitária desse sujeito em relação com o “outro” que lhe é diferente, via alteridade. Em relação ao enunciado 8

²⁰Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 19. Out. 2018. Acesso em: 10. Nov. 2020.

(“sair do armário”), pode-se relacionar a “máscara da democracia” como uma força opressora, sem a qual os sujeitos de ódio de libertam.

Aqui há uma dinâmica entre dois sujeitos, aquele do “ódio” e outro, que lhe aponta a contradição. O primeiro segura uma placa em que “apoio à tortura, ditadura, violência” e “ódio a gays, negros, mulheres, índios.” estão escritos. Esse jogo de afirmações, junto à máscara, denotam uma identidade, revelada nesse período histórico. A feição do sujeito de ódio também denota um espectro de raiva, com dentes à mostra e face fechada. O destaque permanece nos olhos nos quais há a suástica nazista.

Nesse momento histórico brasileiro, eventos mundiais, tais como a Alemanha nazista, são ressignificados em um embate típico da política brasileira e marcado pela polarização política. A conexão se enquadra na ideia de ódio a minorias, conservadorismo, apego ao militarismo. Essa conexão, fragmento explícito de interdiscurso, é nodal à composição do sujeito de ódio, pois tal meio de argumentação faz paralelo entre Alemanha nazista e Brasil de 2018. Além disso, faz crítica a uma visão totalitária que constitui o “brasileiro de bem” e que estava, até então, mascarada por um sentido e uma cortina de democracia.

O outro sujeito segura a “máscara democrata” caída, revelando a contradição que marca o sujeito de ódio. A “democracia” se torna signo, pois se incidem diversas valorações sobre o que é Estado democrático e os limites entre regimes totalitários. “[...] toda palavra é um pequeno palco em que as ênfases sociais multidirecionadas se confrontam e entram em embate. Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 140). A partir de Volóchinov, pode-se destacar como os signos “ódio”, “democracia” são povoados e plenos de sentidos diversos e polêmicos. Nesse caso, “democracia” é um aprisionamento do sujeito de ódio.

Tais construções se voltam à crítica desse sujeito e evidenciam uma dada hipocrisia revelada pela máscara. O alvo do “ódio” é a minoria, que evoca os sentidos de “resistência”. Nesse sentido, “ódio” e “resistência” estão intimamente ligados, de mesmo modo que “amor” também se relaciona nesse jogo de signos, pois as noções recuperam o “objeto amado”, por exemplo, a “nação” única e amada.

Tratar de ódio aqui implica antes pontuar que este está associado a outros signos, como já apontado. Tal relação sónica existe pois, como afirma Volóchinov (2017), a

compreensão se dá na relação, conforme analisados os enunciados nesse relatório. Um dos signos a que “ódio” se liga é a máscara de “democracia”. Além da relação entre “ódio” e “democracia”, tem-se ainda uma construção de identidade: o cidadão de bem. Estão expressos ainda os alvos do ódio, que retornam nas imbricações de resistência.

Bakhtin (2017; 2011) expõe que a construção do “eu” acontece por meio do contato com o “outro”, ambos em posições únicas e singulares. Nesse enunciado, tanto a máscara quanto o sujeito que a segura são um “outro” (entre si) que constituem o sujeito de ódio. “Quando contemplo no todo um homem situado fora e diante de mim, nossos horizontes vivenciáveis não coincidem.” (BAKHTIN, 2011, p. 21). As noções que a “máscara democrata” implicam constroem um momento em que a abertura ao “ódio” é possível. Nessa direção, ao haver o “sujeito de bem”, ocorre aquele que não se enquadra na identificação. O contraste do “bem” surge na interação pois é uma característica ideológica demarcada na oposição ao “não-bem”, como exemplo os alvos do ódio. Tal valorização “de bem” se polemiza no contexto político, pois a referência é construída a partir de pontos de vista em conflitos. O “bem”, nesse enunciado, é sinônimo de “ódio”.



Figura 13– Eu Sou Direita²¹

Na figura 13, o ódio se materializa também na corporificação, processo no qual as cores se tornam representações de vozes sociais. No primeiro quadro, ocorre a descrição do cenário, da contradição e do ódio. Segurando uma placa, há um sujeito de vestido, cuja estampa é a bandeira comunista. “Amor, tolerância e respeito” são os escritos que marcam

²¹ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 24. Out. 2018. Acesso em: 03. Fev. 2021. Em última visualização, o endereço da página, assim como o da publicação, não estava mais disponível.

ideologicamente, assim como o vestido, essa identidade. Próximo, há um grupo de quatro pessoas, que afirmam, em conjunto serem “de direita” (um unísono da diferença). Ocorre também o processo de corporificação, a partir do qual cores e marcas identitárias materializam vozes sociais. Nesse grupo, embora homogêneo na afirmação à direita, expressa especificidades identitárias distintas: um se difere em virtude da cor de pele, signo que se refere a uma diferença étnico-racial; do mesmo modo, o vestido rosa, tal como a estampa com bandeira LGBTI+, denotam uma posição identitária de feminino e diversidade de gênero e sexual.

No segundo quadro, com a mesma placa, o sujeito agora esmaga: imbuída de uma diferença ideológica para a agressão física do “outro” que lhe é diferente. O grito “FASCISTAAA!” expressa uma entoação social, marcada verbalmente pela caixa alta e por recursos gráficos. Nesse sentido, há uma correlação, na voz social compreendida no sujeito que agride, entre “ser direita” e “ser fascista”. O ódio e a contradição presentes nesse enunciado se estabelecem entre os distintos atos nos quadros. O sujeito que antes pedia “Amor, tolerância e respeito” agride o “outro”, que representa a diferença.

A inversão apresentada coloca as minorias como fascistas. Inversão, pois demais enunciados de “resistência” e “ódio” constroem minorias como resistentes à opressão totalitária (na qual o fascista se encontra). Como afirma Stanley (2018), a política fascista centraliza um conjunto de costumes a ser seguido, ao qual minorias não se adequam. A inversão serve como recurso de denúncia e sátira a grupos “comunistas” face à intolerância aos diferentes que, nesse enunciado, são as minorias identificadas como “de direita”. Comunismo, nazismo e fascismo são “ideologias” da história mundial extremamente politizados na polarização brasileira, ora para caracterizar grupos e visões que se enquadram nas ideologias respectivas, ora para satirizar todo esse processo de caracterização. Nesse enunciado, fascismo é interpretado em oposição ao comunismo, pois cada um caracteriza os sujeitos opostos.

A contradição é uma marca constituinte do sujeito de ódio, na dinâmica entre o ato aparente (amor ao igual) e o ato prático (ódio ao diferente). A placa, na qual se inscreve determinado trecho, funciona como instrumento de evidência da contradição e da intolerância. O “ódio”, nesse sentido, se atrela ao “amor”, ao passo em que determinado objeto de valor (inclusive, uma visão ideológica) se encontra em perigo em virtude do “outro”. Dado isso, é passível de agressão o diferente. O “de direita”

identificado como “fascista” não é digno, nessa construção enunciativa e a partir da voz social satírica que a arquiteta, de amor, tolerância e respeito.



Figura 14– Quebrando o Tabu²²

No enunciado 14, a noção de “ódio” se materializa em uma síncrese enunciativa, na qual a materialidade verbal traz identificações de sujeitos e uma finalidade, ao passo que a visual constrói uma representação bestial do ser de ódio. Há um sujeito de quem se fala, objeto de amor do sujeito de ódio. “Ele”, portanto, é a palavra-chave da origem de ódio, já que está na finalidade e motivação. Assim, o “ódio” aqui tem um perfil e uma origem específica, a partir de uma caracterização contraditória.

Como nos enunciados anteriores, há um sujeito que segura uma placa, mas, nesse caso, não ocorre uma contradição entre o dizer do cartaz e o ato do sujeito. Aqui, há uma definição ideológica, já que o “Ele não”²³ é um posicionamento político, contrário a Jair Bolsonaro. O enunciado, portanto, traz alusões sociais em sua constituição e está socialmente inserido.

O sujeito feminino, cuja vestimenta é roxa/lilás, cor usada no movimento, é o alvo do ódio, na medida em que se coloca contrário ao objeto de amor em questão, Jair Bolsonaro. Dessa forma, a não conciliação à ideologia do “candidato”, nesse enunciado, é a motor do “ódio”. Em outros termos, um não querer do objeto de amor causa o enfurecimento, de tal forma que ocorre uma representação de um eleitor de Bolsonaro como raivoso e sujeito de ódio.

²² Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 18. Set. 2018. Acesso em 18. Jan. 2021.

²³ Grande manifestação feminina contrária a Jair Bolsonaro. Disponível em: [#EleNão: A manifestação histórica liderada por mulheres no Brasil vista por quatro ângulos - BBC News Brasil](#). Acesso em: 19. Jan. 2021.

Alteridade entre os sujeitos é constituinte de sentidos. Conforme aponta Faraco: “É nessa atmosfera heterogênea que o sujeito, mergulhado nas múltiplas relações e dimensões da interação socioideológica, vai-se constituindo discursivamente, assimilando vozes sociais e, ao mesmo tempo, suas inter-relações dialógicas.” (2009, p.84). Na interação, tais sujeitos se confrontam e se compreendem distintos. O confronto representado no enunciado é mais que um embate de sujeitos, pois abarca toda uma rede de fios ideológicos em choque. Trata-se de um confronto de ideologias e aspirações sociais, materializado nesse embate “individual”.

As expressões são distintas: o sujeito feminino, com traços de firmeza e força; o de ódio, raiva e descontrole. Os recursos visuais contribuem para a constituição do “ódio”, já que a face deste sujeito tem dentes à mostra, boca espumante, pele e olhos avermelhados e mãos com veias aparentes. Tais recursos empregam um perfil raivoso e agressivo ao sujeito de ódio. Em questão verbal, há um conjunto de orações principais, cujos verbos se direcionam em sentido negativo quanto à integridade do “outro”. O crescimento das letras ao fim da fala representa uma exaltação. Hackear, expor, ofender e ameaçar são verbos, em futuro do presente, ditos no esquema de finalidade. Assim, atingir a integridade, a partir dos traços semânticos que cada termo traz, é um meio para algo, provar a não misoginia de “ele”, Bolsonaro.

A ironia, portanto, se dá, em conjunto à ameaça, pela ofensa “vagabun...!”. A tentativa de prova atesta, paralelamente, a misoginia do sujeito de ódio e revela um perfil de eleitor de Bolsonaro, para a visão materializada nesse enunciado. O sujeito de ódio, assim, é descontrolado, raivoso, contraditório e intolerante, como nos demais enunciados vistos. Nesse, porém, há uma identificação outra do alvo de ódio, o sujeito feminino, que se caracteriza por “Ele não”.

Legendado como “Brasil, eleições de 2018”, o post, oriundo de uma página que “questiona tabus”, traz uma reflexão sobre comportamentos, em período de eleições. Mesmo que haja, como traz Volóchinov (2017), uma voz individual, ocorre sempre uma ligação a um juízo social amplo. Trata-se, então, de uma crítica ao momento histórico, específico a um grupo eleitoral de Bolsonaro, que se torna também objeto de amor e razão de ódio. Nessa direção, o enunciado trava, em última instância, uma representação de conflitos políticos e de narrativas sociais.



Figura 15– Corrupção Brasileira Memes²⁴

No enunciado 15, ocorre uma estrutura que evidencia um caminho bifurcado. A tensão para a escolha traz ao centro uma incerteza entre valores. O “ódio” aparece como um ponto de contraste entre querer de um sujeito que representa a “esquerda”. Assim, trata-se de um apontamento crítico de atos da esquerda, que se revela em tensão, conforme a visão do enunciado analisado. Como em demais textos do *corpus*, este faz uma referência a uma vertente de espectro político, a esquerda, representando-a como sujeito, fato que expõe o processo de corporificação de visões sociais.

O primeiro quadro apresenta duas opções conflitantes: a morte de Bolsonaro ou o desejo por amor e menos ódio. A mão, com o movimento de ida/escolha, é o quê de sujeito nesse caminho bifurcado. Assim, o quadro de tensão implica uma não possibilidade de uma opção pela outra, de tal forma que optar a morte de Bolsonaro é escolher o ódio. Tal construção traz à tona a natureza do “amor” e do “ódio” de um sujeito ainda não identificado, nesse primeiro momento.

O segundo quadro, porém, o sujeito se identifica: a “esquerda” está em um momento de tensão entre querer de. A representação desta vertente também se orienta de modo social. A voz que compreende a esquerda em tensão representa, a partir de signos como o martelo e a foice, alusivo ao comunismo; como uma folha de *Cannabis Sativa*, a maconha; e como, principalmente, a placa de trânsito de vire à esquerda. Todos esses signos têm um valor específico nessa configuração enunciativa. A placa de trânsito, nesse

²⁴ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 31. Ago. 2018. Acesso em: 19. Jan. 2021. Em última visualização, o endereço da página, assim como o da publicação, não estava mais disponível.

contexto, representa uma posição política, refletindo e refratando aspectos e posições ideológicas compreendidos como “esquerda”.

Para Volóchinov: “Essa cadeia da criação e da compreensão ideológica, que vai de um signo a outro e depois para um novo signo, é única e ininterrupta: sempre passamos de um elo signo, e portanto material, a outro elo também signico.” (2017, p. 95). Com essa ótica, é possível compreender o fio entre “ódio” e “esquerda” e suas respectivas representações. Assim como “nação”, “ódio” e “resistência”, os signos aqui se agrupam e significam. A ideia de “esquerda” está associada ao “comunismo” e à “maconha”, signos outros, também vivos e polêmicos. É esta, portanto, a visão de “esquerda” representada no enunciado.

A crítica, então, se instala na indecisão frente ao caminho bifurcado. A feição do sujeito denota a dúvida e incerteza de decisão. A “esquerda” se debate, nessa tensão, entre o querer morte de Bolsonaro e o querer mais amor e menos ódio. A partir de outras referências, o enunciado constrói Bolsonaro como objeto de ódio da “esquerda”, ponto de conflito entre os querer e princípios. Como nos enunciados anteriores, também ocorre aqui a representação conflituosa do sujeito de ódio, cujas características exaltadas são a incerteza, tensão e contradição.

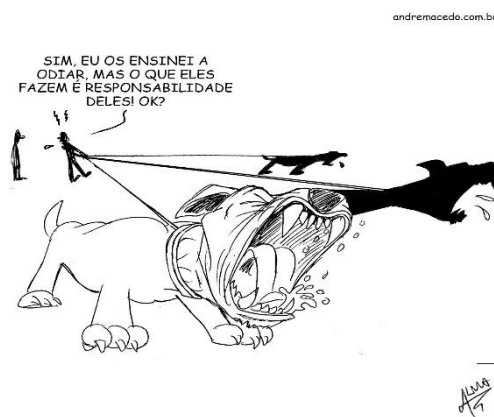


Figura 16– Jornalistas Livres²⁵

No enunciado 16, o signo “ódio” é compreendido por um sentido de “ensinar”. Dessa construção, são oriundos o sujeito que ensina e os que aprendem, ambos sujeitos de ódio, representados de modo bestial e animalesco. A crítica, porém, do enunciado

²⁵ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 16. Out. 2018. Acesso em: 24. Jan. 2021.

reside na valoração da “responsabilidade”, ao centralizar o processo de “ódio” ocorrido na política brasileira. Um ponto de relevância é o movimento de interação entre o que ensina e o que aprende, evidenciando ainda modos de funcionamento do “ódio”.

A perspectiva no enunciado constrói dois seres em preto, mais distantes, em um diálogo, em que um diz ensinar (pretérito perfeito) “eles” a odiar. Há uma afirmação clara, pautada pelo “sim”, porém um recuo ao destinar a “responsabilidade” a “eles”, fato a partir do qual se pode inferir uma hierarquia.

O sujeito maior é o que ensina a odiar e que tem uma forma humana, diferente dos aprendizes. Nesse sentido, “ódio” tem traço “+ ensinável” claro e um ponto irradiador, que influencia, constitui e impacta o “outro”. E isso denota uma hierarquia, já que os aprendizes funcionam como “subalternos” do sujeito de ódio maior e estão subordinadas a ele. A construção visual do enunciado representa os humanos em diálogo, ao passo que o sujeito de ódio está ligado aos aprendizes, por meio da coleira, fato que denota uma subordinação e relação.

Bakhtin aponta que “O princípio arquitetônico supremo do mundo real do ato é a contraposição concreta, arquitetonicamente valise, entre eu e outro.” (2017, p. 142). É possível destacar, dentre os direcionamentos de alteridade, a relação entre os sujeitos humanos (o de ódio incluso) e entre o que ensina e os que aprendem. São, portanto, vários “eu” e “outro”, dependendo do direcionamento. Para o sujeito maior de ódio, o “outro” humano é a quem dá satisfação e a assunção do ensinamento. Com os sujeitos de ódio, os aprendizes, é estabelecida uma relação de subordinação e ensinamento.

Embora haja o posicionamento de ensinar, o sujeito de ódio maior recua ao atribuir a “eles” a “responsabilidade”. O grau de afastamento é visível em “eles”, em que o grau de indefinição se encontra com a animalidade retratada. Tal procedimento, fruto da crítica, retira a imagem do ser que ensina do espectro de “ódio” e atribui a “outro”. Trata-se, portanto, de um desvio de responsabilização, conforme se compreende “responsabilidade” no enunciado. Do sujeito maior, que ensina, desvia-se para o menor. Nesse procedimento, o sujeito de ódio aprendiz é construído como um cachorro raivoso ligado ao que ensina, fato que atesta a característica de raiva, fúria e agressividade do ser de ódio.

Diferente de outros enunciados, aqui o sujeito de ódio adquire uma forma não humana. A representação do cachorro raivoso é a imagem que o caracteriza, com traços

de “+ animalidade” e “- controle”. Os dentes estão à mostra, com a boca aberta, na feição de ataque, enquanto saliva é expelida. Essa imagem, portanto, caracteriza o sujeito de ódio, nesse enunciado, que estão subordinados a um sujeito maior.



Figura 17 – Bolsonéas²⁶

No enunciado 17, ocorre uma significação da facada sofrida por Bolsonaro, como em 11. Porém, aqui, há uma especificação maior do cenário e dos sujeitos envolvidos. O embate de vozes sobre o signo “ódio” se materializa em questionamentos sobre a facada: Bolsonaro, de joelhos e ensanguentado, está diante de um outro sujeito religioso, que representa Jesus Cristo; em torno, demais outros, os sujeitos de ódio, que, contraditórios, questionam e duvidam de todo o evento da facada.

A fala do sujeito que representa Cristo faz alusão ao Evangelho de Lucas e, nessa configuração enunciativa, coloca Bolsonaro como vítima e alvo de “ódio”. A fala religiosa se pauta na bondade e no destino e atribui um quê especial oriundo da religião a Bolsonaro, sujeito que tem o apoio direto de Cristo, como representa o enunciado. O conjunto Bolsonaro e Cristo se apresenta como força e construção de uma identidade religiosa, benevolente e predestinada. O discurso religioso entra em jogo para argumentar em prol de Bolsonaro contra os “outros” que o atacam.

No outro enquadramento, Bolsonaro e os sujeitos de ódios, ocorre a caracterização hipócrita e perversa, pois se almeja a morte e questiona a facada. A construção

²⁶ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 25. Set. 2018. Acesso em: 03. Fev. 2021. Em última visualização, o endereço da página, assim como o da publicação, não estava mais disponível.

enunciativa traz quatro sujeitos: o primeiro, ao lado de Cristo, diz ser atuação, enquanto se veste de “menos ódio”. Vestido de vermelho, o sujeito de ódio critica e não crê. Ao lado, outro questiona o sangue, portando a mensagem “contra *fake news*”. Em seguida, representando o comunismo, outro sujeito de ódio lamenta que a facada não tenha matado. Por fim, o último despreza a facada, enquanto pede “mais amor”. Todos estão, em maior ou menor grau, em contradição ou inexatos com as posições que estampam.

Tal como em outros enunciados, o sujeito de ódio é compreendido na hipocrisia entre o ato aparente (“mais amor”, por exemplo) e o ato prático (“foi só um cortezinho”). Para a visão social materializada no enunciado, os sujeitos de ódio são os que estão contra Bolsonaro e, por consequência, distantes de Cristo, representando o “mal”. Tais composições funcionam de modo ideológico e tecem críticas aos sujeitos que relativizam a facada sofrida por Bolsonaro, marcando-os como sujeitos de ódio.

Para Volóchinov: “Em sua essência, *a palavra é um ato bilateral*. Ela é determinada tanto por aquele *de quem* ela procede quanto por aquele *para quem* se dirige.” (2017, p. 205). A partir do apontamento, é possível pensar que o enunciado analisado se orienta a um “outro” e polemiza o evento da facada, na cadeia discursiva. Assim, o “ódio”, cujo alvo é Bolsonaro, tem um teor de contradição, hipocrisia e de religião. Os sujeitos de ódio são os que se vestem de vermelho, nessa voz social, e “amor” e “comunismo” são signos também relacionados, que se polemizam.



Figura 18– Jornalistas Livres²⁷

²⁷ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 29. Ago. 2018. Acesso em: 20. Jan. 2021.

No enunciado 18, os sentidos de “ódio” estão atrelados a uma produção, marcada por três sujeitos. Nesse texto, ocorre a definição de imagens públicas como sujeitos de ódio. Ainda, religião, armamentismo e organização supremacista são pontos ligados, nesse enunciado, a “ódio”, que é oriundo de um grupo social definido. A estrutura enunciativa constrói uma alusão ao momento econômico no Brasil, contrapondo o funcionamento do “ódio” ao da economia.

Da materialidade verbal do enunciado, há três sentenças que balizam a narrativa: uma indústria do ódio que, a despeito da crise, apresenta vagas de emprego. O termo “indústria” para identificar o signo foco da análise tem traços semânticos como “+ produção”. Desse modo, o “ódio” é compreendido na lógica industrial, que apresenta determinada produção material de bens/serviços. A partir do termo, é possível pensar que os sujeitos de ódio representados são peças fundamentais da “indústria”, porque a identificam e a representam, assim como em 16, com o sujeito que ensina.

Na compreensão de Bakhtin, “Em cada enunciado [...] abrangemos, interpretamos, sentimos a *intenção discursiva* de discurso ou a *vontade discursiva* do falante, que determina o todo do enunciado, o seu volume e as suas fronteiras.” (2011, p. 281). Toda a configuração enunciativa, então, tem um quê discursivo, orientado socialmente ao “outro”. A escolha como “indústria” para “ódio”, assim como os sujeitos estampados, é uma visão ideológica materializada, porque, nessa concepção, são estes os que “fabricam” “ódio”, imerso na disputa de sentidos. São construções que revelam a maneira “produtiva” de conceber o “ódio”.

Na entrada, representações de Jair Bolsonaro (ao centro), Silas Malafaia (à esquerda) e um sujeito *Ku Klux Klan*. A imagem de Bolsonaro, corriqueiramente associada a armas, acrescenta sentido à “indústria”: figura política a favor do armamento. Malafaia, por sua vez, integra o fio de sentidos de “ódio” pela religião. O livro, cuja capa tem uma cruz, se liga à arma, pois são objetos portados pelos sujeitos de ódio. Por último, a ideologia supremacista tem espaço ao lado, no mesmo enquadramento. Assim, é possível apontar que há uma ligação (o “ódio”) que une o armamentismo de Bolsonaro, a religião de Malafaia e a supremacia norte americana. São signos que caracterizam os sujeitos e o “ódio”, por consequência.

Para a visão social que sustenta o enunciado, são estes sujeitos que representam a “indústria do ódio” e que a tornam possível. Das maneiras de representar, foram

escolhidas as figuras e os objetos, em um jogo de identidades e definições. O signo “ódio”, portanto, tem sentidos de armamentismo, religião (a caracterizada a partir de Malafaia) e supremacia. Os sujeitos representados são os pontos de referência identitária e ideológica da cadeia de “produção” de “ódio”.



Figura 19– Canal da Direita²⁸

No enunciado 19, “ódio” é construído por uma teia dialógica, que traz outro enunciado ao contexto político brasileiro. Com referência direta e explícita ao desenho animado *Tom and Jerry*, o enunciado traça toda a narrativa: quem é o sujeito de ódio e seu alvo, em um contexto de motivos e meios. Assim, pela remissão ao discurso outro, ocorre uma valoração de “ódio” referente ao PT – Partido dos Trabalhadores e a Bolsonaro. Tais identidades se chocam novamente nas narrativas de “ódio” e, nesse enunciado, compreendem uma dinâmica da vida política no Brasil.

A materialidade verbal “descreve” a situação de “ódio”: PT à espera da saída de Bolsonaro para “debate”. Desse aspecto, o partido político é identificado como sujeito de ódio contra Bolsonaro. O verbo no gerúndio traz a ideia de ação contínua, que, representada pela materialidade visual, significa uma tocaia por Bolsonaro. Nessa perspectiva, Bolsonaro é vítima de ódio do partido, narrativa que também diz respeito ao embate entre “vermelho” e “verde e amarelo”.

O termo debate aparece entre aspas no enunciado. Isso porque significa não apenas debater, mas sim a ação do ódio. Nessa interpretação enunciativa, PT é representado pelo gato, Tom, em busca do rato, Jerry, que representa Jair Bolsonaro. “Cada enunciação da vida cotidiana [...] compreende, além da parte verbal expressa,

²⁸ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 17. Out. 2018. Acesso em: 20. Jan. 2021.

também uma parte *extra verbal* não expressa, mas subentendida – situação e auditório – sem cuja compreensão não é possível entender a própria enunciação.” (VOLOCHÍNOV, 2013, p. 159, destaques do autor). Como pontua o pensador, a presença do contexto é fundamental para compreender o enunciado. Esse aspecto constitui os sentidos em “debate”, porque faz alusões aos ataques sofridos por Bolsonaro. A ligação com o solo social, que constitui o enunciado, possibilita o tom cômico presente neste texto.

O cenário da tocaia do PT representa as “armadilhas” para atrair Bolsonaro. As ratoeiras, machado e pistola com queijo são as iscas e materialização do “ódio”, que, nesse enunciado, tem um teor físico. A casa de Bolsonaro é o buraco onde Jerry se esconde. O PT, à espera, é sedento e armado. Tais configurações moldam perspectivas sobre o sujeito de ódio, PT e o alvo, Bolsonaro. É o sujeito armado contra o indefeso. Nesse ponto, é flagrante as modalizações: querer fazer mal e poder fazê-lo. O querer se materializa na feição de Jerry-PT e pelo aspecto verbal. O poder, por sua vez, é marcado pelas armas e armadilhas, que denotam o perigo e o mal.

O armamento, nesse caso, é negativo. Há enunciados nos quais Bolsonaro está armado, e isto tem um sentido positivo. A diferença de valor é ideológica e depende da organização enunciativa. De todo modo, o sujeito de ódio se difere do “outro” pela identidade. “A forma do vivenciamento concreto do indivíduo real é a correlação entre as categorias imagéticas do *eu* e do *outro*; e essa forma do eu, na qual vivencio só a mim, difere radicalmente da forma do *outro* [...]” (2011, p. 35, destaques do autor). A arma ou outro objeto que integre o poder fazer é parte da identidade do sujeito de ódio. Nesse enunciado, é flagrante o uso de armas, fato que denota a ânsia pelo mal.

Nessa direção, o PT é o sujeito de ódio contra Bolsonaro, e as aspas em “debate” constrói um determinado riso por causa do duplo sentido. Também, o “ódio” tem um teor físico explícito e ideológico, já que traz a narrativa PT vs Bolsonaro ao centro. Por meio de uma remissão clara a outro enunciado, o texto analisado constrói “ódio” representando-o em uma narrativa verde amarelo contra vermelho.

A legenda dada pela página cria um diálogo e faz defesa de Bolsonaro. Há uma citação da Constituição Federal²⁹, que dispõe sobre eleições presidenciais, para reforçar a defesa de Bolsonaro, embasando-a por um argumento de autoridade, a Constituição. Em seguida, introduz Ciro Gomes e Fernando Haddad na narrativa, alegando que, caso

²⁹ Disponível em: [Art. 77 da Constituição Federal de 88 \(jusbrasil.com.br\)](http://jusbrasil.com.br). Acesso em: 25. Jan. 2021.

ocorra mal a Bolsonaro, aqueles iriam ao segundo turno. A legenda, por fim, pede proteção a “Deus”, constituindo a ideia de que Bolsonaro, de fato, corre perigo e é alvo de ódio, por causa das eleições, dado o potencial do candidato, agora presidente.



Figura 20 – Burguesia fede³⁰

No enunciado 20, ocorre a corporificação do ódio, processo no qual a compreensão dos signos ganha materialidade e significa a partir do corpo. Nesse caso, as mãos fazem o papel de representar o “ódio”, que tem uma ação e características identitárias marcadas por verbos. São marcadas identidades, ainda, a partir da menção material a cor e ao gesto no enunciado. Assim, infere-se um sujeito de ódio contra um “eu”, a partir dos sentidos de “cegar” e “calar”.

No primeiro momento, a mão que representa o “ódio” cega uma pessoa, como descrito verbalmente. Para Volóchinov, “Qualquer signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também uma parte material dessa mesma realidade.” (2017, p. 94). A forma do enunciado e do signo, como pontua o autor, está associada à aspiração ideológica que o penetra e constitui. Assim, a ideia de “ódio” que cega, nesse enunciado, é um fragmento de visão social, construído a partir de uma determinada realidade.

³⁰ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 28. Out. 2018. Acesso em: 20. Jan. 2021.

O segundo momento, já “cego”, agora o “outro” do sujeito de ódio é “calado”. São duas características, portanto, do “ódio”, nesse enunciado: cega e cala. Os traços que as permeiam estão ligados à ideia de perda de sentido. “Ódio”, portanto, afeta a capacidade de percepção, para esta construção enunciativa e é possível inferir um processo de perda.

A mão que representa o “ódio” tem uma forma específica. As cores predominantes são preto e branco, ao passo que somente as mãos, o “ódio”, têm cor, isto é, uma definição ideológica. Trata-se de uma mistura de verde e amarelo que demarca o juízo de valor compreendido como “ódio”. O conjunto verde e amarelo, como em outros enunciados, aparece como ponto fundamental da identidade do “ódio”. Além das cores, o gesto da mão também traz alusões: faz referências a arma. Assim, o “ódio” é uma mão em forma de arma verde e amarela.

A legenda³¹ da publicação traz outros fios de relações, já que se posiciona contra a “ditadura”, à qual se associa o “ódio”. A partir das representações do enunciado, é possível interpretá-lo na narrativa em que Bolsonaro é sujeito de ódio, uma vez que verde e amarelo e armas são marcas identitárias do político. Assim, “ódio” é caracterizado por um processo de perda, no qual ser calado e cegado são momentos fundamentais e marcantes. É, ainda, verde e amarelo e armamentista, fazendo alusão a narrativas que interpretam Bolsonaro como sujeito de ódio maior. A crítica, por fim, é estabelecida ao apontar sujeitos cegos e calados pelo “ódio” de uma corrente ideológica.

³¹ “Ditadura nunca mais!!”

“Ódio” é construído pelo grupo homogêneo. Nesse aglomerado, destacam-se o signo do comunismo, que também é característica do sujeito de ódio, nesse enunciado. A “família” também é alvo, assim como “Deus”. São relações de sentido construídas a fim de identificar quem são os sujeitos de ódio: a partir de um grupo que ataca e apredreja, forma-se uma narrativa de que o sujeito B17, nacionalista e cristão é o alvo. Para essa construção enunciativa, o sujeito de ódio também é agressivo tanto em ato aparente e ato prático, já que diz e faz o “ódio”. As placas cujos dizeres enformam identidades se enquadram na construção do constrante entre “ódio” e “amor”. É alvo o ser diferente, que não concorda com o “eu”. Nesse ponto, o fato de o sujeito feminino ser eleitor de Bolsonaro, junto aos sentidos de cristianismo, nacionalismo, é um motivador do “ódio”.

As falas dos sujeitos de ódio, como em demais enunciados, são um ato aparente, que entra em colisão com o ato prático, fato que denota uma característica marcante, a contradição. “Nazi” e “fascista” são recuperados novamente na teia dialógica e enformam o “outro”, alvo de ódio. Nesse perspectiva, servem como também respaldo ao “ódio”, constituindo uma teia dialógica na qual tais signos são ainda mais polemizados.

Para Bakhtin, “Um tom emotivo-volitivo, uma valoração real, não se referem ao conteúdo enquanto tal, tomado isoladamente, mas na sua correlação comigo no evento singular do existir que nos engloba.” (2017, p. 90) Na ideia do autor, o contato com o “outro”, diferente do eu”, cria o valor e os sentidos, de tal modo que a interação é fundamental no processo de criação ideológica. Nesse ponto, as identidades representadas estão em contraste e se chocam na diferença que representam. “Ódio”, portanto, habita essa diferença, pois enforma o “eu” contra o “outro” diferente.

A narrativa presente no enunciado compreende que o sujeito cristão, nacionalista e eleitor de Bolsonaro é a minoria, alvo do sujeito de “ódio”. O grupo homogêneo, contraditório, agressor, está posicionado contrário ao diferente, posição marcada pelo “comunismo”, pelo “ódio” a “Deus” e à “família”.

3.3 As ironias da resistência

Quanto ao signo “resistência”, ao longo do desenvolvimento de pesquisa, a ideia de ironia é flagrante. A inversão da narrativa é o ponto irônico forte desses embates sociais. Há um sentido “primeiro”, que interpreta Bolsonaro e suas respectivas visões

sociais como opressão. As inversões se concentram na identificação dos sujeitos das narrativas, que se polemizam na compreensão de “opressor” e “resistente”.

Nesse processo, o choque de forças demarca o que é “resistência”: o sujeito que oprime direciona uma força a “outro”, que resiste. Esse confronto, por vezes, é materializado pela corporificação, à qual se associam a metonímia e a metáfora, para, em um nível amplo, representar os confrontos sociais, corporificados diversamente.

A “resistência” polemiza também identidades raciais, de gênero/sexuais (em geral, de minorias), porque, em maioria, são os “resistentes“. A mão entra como um grande signo relacionado à “resistência”. A inversão e paródia de estruturas (como a materialização visual da mão) é um procedimento comum na construção de sentido, que vai se arquitetando de modo relacional na cadeia discursiva.



Figura 22– Jornalistas Livres³³

No enunciado 22, a ideia de “resistência”, que será ressignificada nos enunciados seguintes, é marcada pela ideia de união entre sujeitos não identificados. A narrativa da “resistência” (quem, como e a quê) tem lacunas nessa construção, que representa mãos unidas junto a uma flor centralizada. Essa estrutura enunciativa (a composição visual e a verbal) é ressignificada no contexto político, evidenciando a ironia da “resistência” e os jogos de valor que balizam os confrontos sociais.

Bakhtin, na obra sobre Dostoievski, aponta: “Um membro de um grupo falante nunca encontra previamente a palavra como uma palavra neutra da língua, isenta das aspirações e avaliações de outros ou despovoada das vozes dos outros.” (p.239). O trecho ajuda a compreender todo o processo de ressignificação pelo qual passa o enunciado 22:

³³ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 03. Nov. 2018. Acesso em: 25. Jan. 2021.

a “resistência” chega ao sujeito já prenhe de sentidos e, a partir deles, constroem-se outros, na interação. As aspirações e avaliações no signo entram em choque e provocam outras, vistas nos enunciados seguintes. Trata-se, sobretudo, de ideias sobre “resistência” em contraste e conflito, pela linguagem.

As relações de sentido encontradas nos enunciados são explícitas, já que se constituem pela similaridade da arquitetura de linguagem: são compostos da “mesma” oração e da construção imagética. Tais remissões acontecem em um pequeno tempo da cultura e evidenciam que o contexto social, junto à construção linguística, fundamenta a disposição ideológica e as relações de sentido enunciativas. “Toda a vida da linguagem, seja qual for o seu campo de emprego (a linguagem cotidiana, a prática, a científica, a artística, etc.), está impregnada de relações dialógicas.” (p.212). Para a compreensão desse processo, é necessário, como aponta Bakhtin, compreender o solo social do qual parte as relações dialógicas. Nesse caso, a polêmica em torno da “resistência” no cenário político no Brasil de 2018. O enunciado 22 tornou-se popular, devido ao impacto das redes, representou e sintetizou um entendimento maior de “resistência”.

A construção do enunciado se dá por uma divisão em quadrantes, pelos quais se dividem o componente verbal. Ao centro, ligando-os, duas mãos se encontram, contato no qual a flor se materializa. Nessa direção, o sentido de “resistir” está associado à interação com o “outro”, pois é no contato que há “resistência” e “união”. Ainda que se trate de um sujeito in-definido, a identidade de “resistente” se constrói na ideia de “dar a mão” ao “outro.

Paula e Oliveira (2019) destacam a não identificação do sujeito nesse enunciado, porque o “ninguém” é o pronome que determina a pessoa do discurso. Tal procedimento tanto serve a uma universalização do sentido de “resistir”, quanto indefine o sujeito que resiste e o “outro” a quem dá a mão. Como destaca os autores, a coletividade é um ponto fundamental, já que “resistir” tem um sentido de “união”, nesse enunciado.

O componente verbal (“ninguém solta a mão de ninguém”) traz a in-definição do sujeito que resiste, ao passo que destina à mão, importante signo para os sentidos de resistir, um valor crucial, pois é o espaço de contato entre sujeitos e do qual nascem a “resistência”, a “união” e a flor. Esta, por sua vez, faz remissões dialógicas. Paula e Oliveira destacam os sentidos da flor em composições que têm sentidos de resistir, como o movimento *Flower Power*. A legenda da publicação faz uma recuperação histórica da

expressão do enunciado, que alude aos “Anos de Chumbo”. O enunciado faz tanto remissões passadas, quanto futuras, pelas renovações de sentidos ocorridas.



Figura 23– Nordeste Livre³⁴

O enunciado 23, por sua vez, fazendo remissão à arquitetura anterior e aos sentidos lá construídos, traz uma ressignificação de “resistir”, que deixa de representar “união” para referir ao direito de propriedade privada. A “resistência” é ressignificada por mudanças na oração: o sujeito in-definido permanece, mas o verbo e o objeto, não. De “soltar a mão” para “mexer com a propriedade”, a “resistência” passa por uma paródia e ironia, por meio da mudança da estrutura do enunciado.

Não há encontro, mas sim uma mão armada com revólver. O sentido de “resistir” com o “outro” é reinterpretado pela razão e defesa da propriedade privada. A mão, nesse caso, em vez de representar “união”, significa “liberdade”. O armamento, nessa construção, tem um sentido positivo, já que é meio de proteção de um objeto, a propriedade privada. O ponto de sentido do enunciado, em vez de “resistência”, é a “propriedade”. Trata-se, contudo, de uma valoração de “resistir” porque ocorre uma paródia e reconstrução de sentidos de uma estrutura linguística corriqueira de “resistência”. Essa mudança denota uma visão ideológica, já que, para a voz social presente, a “propriedade privada” é o objeto de defesa, não a “resistência”.

Além da arma, as cores e a marca d’água também integram o sentido de “liberdade”. Amarelo é predominante no enunciado. Esta cor e a defesa da “propriedade privada” marcam1 aspirações ideológicas liberais. A marca d’água, com as mesmas cores,

³⁴ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 31. Out. 2018. Acesso em: 25. Jan. 2021.

traz referência à revista Carta Capital³⁵ e à bandeira de Gadsden³⁶, utilizada em alusão a conservadorismo. A mudança em “Carta Ancapital” também denota a ideologia pautada no anarcocapitalismo. “Liberdade (de propriedade)” e “resistência” são, portanto, ressignificadas nesse enunciado, à luz do liberalismo. A legenda³⁷, dada pela página *Nordeste Livre*, procura um diálogo e confirmação da ideia apresentada, fazendo referência a uma expressão típica de Bolsonaro, o *talkei*³⁸. Com isso, a página ainda gera humor e riso.

Esse processo, além de linguístico, é também ideológico. Segundo Volóchinov, “Em cada palavra de um enunciado compreendido, acrescentamos como que uma camada de nossas palavras responsivas. Quanto maior for o seu número, quanto mais essenciais elas forem, tanto mais profunda e essencial será a compreensão” (2017, p.232). Nesse princípio, o enunciado 23 é único e elo na cadeia verbal, relacionando-se explicitamente com o 22 e 24, porque parte de uma estrutura corriqueira que denota “resistência”, para construir sentidos outros, como o de “liberdade”. Constitui-se, por fim, uma malha dialógica entre os sentidos dos enunciados, na qual a palavra é sempre palco e arena de disputas sociais.



Figura 24 – Caneta Desesquerdizadora³⁹

Na mesma direção, o enunciado 24 modifica os sentidos de “resistir”: permanece o sujeito in-definido, mas o verbo e o objeto, não. Nesse caso, faz referências a prisões de políticos, em principal o ex-presidente Luís Inácio Lula. De imediato, é preciso

³⁵ Disponível em: [Manifesto - CartaCapital](#). Acesso em: 27. Jan. 2021.

³⁶ Disponível em: [Desenho de cobra presente no ato pró-Trump foi de símbolo independentista a bandeira conservadora - 06/01/2021 - Mundo - Folha \(uol.com.br\)](#). Acesso em: 27. Jan. 2021.

³⁷ “Fica combinado, talkei?”

³⁸ Disponível em: [Glossário de ‘bolsonarês’ para entender o novo governo | VEJA \(abril.com.br\)](#). Acesso em: 27. Jan. 2021.

³⁹ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 20. Dez. 2018. Acesso em: 25. Jan. 2021.

destacar que “Qualquer palavra, dita ou pensada, exprime um *ponto de vista* a respeito de vários acontecimentos da realidade objetiva, em diferentes situações.” (VOLÓCHINOV, 2013, p. 196, destaques do autor). O enunciado, cujas cores predominantes são preto e branco, faz uma defesa e uma valoração: a permanência da prisão de políticos.

O verbo que ajuda a construir sentidos é “abrir”, cujo objeto é “a cela”. As mãos que antes eram “união”, representam o conjunto da cela, com predominância do preto. As grades cercam as mãos, contato no qual a flor está. Porém, as mudanças linguísticas e visuais alteram os sentidos da flor e do contato de mãos. Entra em cena o “abrir” de celas, que recupera polêmicas da política brasileira. Uma delas é a prisão de Luís Inácio Lula, mencionada na legenda: “Incluindo a do chefe de quadrilha preso em Curitiba.”. O ex-presidente é compreendido como “líder”, e compreendê-lo assim implica a existência de uma “quadrilha”. O campo lexical compõe também a teia de sentidos e de resignificação. O contato com a ideia de “resistir” é parodiar e construir ironia e riso a partir de uma construção “típica” da “resistência”.

Estão em contato, nesses três enunciados, fragmentos da polêmica do signo “resistência”, sentidos conflitantes e que se constroem e se constituem um do outro. “Com efeito, no horizonte ideológico de qualquer época e de qualquer grupo social não existe uma única verdade, mas várias verdades mutuamente contraditórias, não apenas um caminho ideológico, mas vários divergentes” (MEDVIÉDEV, 2012, p. 63). A partir da visão do autor, é possível dizer que os três enunciados, analisados em conjunto, veiculam uma determinada verdade sobre a política brasileira, em especial a polêmica da “resistência”. A partir de uma síncrece enunciativa “primeira” (a figura 22), ocorre o diálogo social e o confronto de aspirações e visões ideológicas.



Figura 25 – Quebrando o Tabu⁴⁰

⁴⁰ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 07.Out.2018. Acesso em: 04. Fev. 2021.

No enunciado 25, a resistência é materializada de modo verbovisual. As cores, as diferentes fontes e posições integram os sentidos de resistir, atribuindo-lhes vivacidade. A condição base da resistência tem um traço temporal (quando e sempre) e implica uma oração principal em que o verbo ser, no futuro do presente, constrói o sentido de resistência, que se centra em um “eu”, diferente de outras construções sígnicas. Em vez de “ninguém”, há um “eu” oculto e que resiste mediante a própria existência. Volóchinov (2017) apresenta que, dentre as cinco teses em *Marxismo e filosofia da linguagem*, “A estrutura do enunciado é uma estrutura puramente social.” (p. 225, destaques do autor). Nesse sentido, cada enunciado que materializa as noções plurais de “resistir” o faz sempre ideologicamente e responde a demais enunciados na cadeia discursiva.

Nesse caso, não há sujeito que fere, apenas um “ele” implícito na pessoa do verbo, do mesmo modo que em “eu”. As lacunas de quem, como e a que se resiste são preenchidas em demais enunciados, a fim de criar uma sátira. A menor especificação do processo de resistência, porém, abre margem a uma universalização. Nesse sentido, o “eu” que será resistência é ser cabível a demais sujeitos. A opção por “ser resistência” também constrói um sentido de estado/permanência, já que o predicativo do sujeito é resistir. Assim, na condição e temporalidade, há uma forma de identificação, construída na alteridade e diferença do/com o “outro” que fere.

A legenda⁴¹ da publicação preocupa-se em mudar o sentido restrito a um “eu”. Ao definir “existência” sob o valor de “alguma”, a “resistência” contempla o “outro”, já que o verbo ser, agora, está conjugado na segunda pessoa do plural. Tal reiteração da legenda, ao ampliar os sentidos ideológicos, construídos especificamente pelas formulações linguísticas, é também uma posição de valor, uma vez que também se encontram *emojis* de coração e de mão fechada. Sendo a estrutura do enunciado social, a posição de modificar a pessoa do verbo faz referência a uma visão de resistir, pois engloba o “outro”.

Considerando o aspecto social e de valor na construção enunciativa, Bakhtin diz que “Todo enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva. É a posição ativa do falante nesse ou naquele campo do objeto e do sentido. Por isso cada enunciado se caracteriza, antes de tudo, por um determinado conteúdo semântico-objetal.”

⁴¹ “Não só a minha. Se fere alguma existência, seremos resistência. 🤝❤️”

(BAKHTIN, 2011, p. 289). Por esse motivo, ao posicionar como “eu” da publicação, o sujeito se coloca ideologicamente na cadeia discursiva e constrói uma resistência voltada ao “nós”, complementando o sentido e respondendo a outros.



Figura 26 – Canal da Direita⁴²

No enunciado 26, a “mesma” construção verbal se mantém, para criar um sentido de humor e riso. A palavra outra de “resistência” aqui é compreendida em um enunciado que mostra um outro arco de resistir. O sentido, que antes trazia à cena embates de minorias contra uma opressão política, agora é modificado revelando uma narrativa: quem, como e a quê. As noções do signo presentes no enunciado se materializam de modo verbovisual e fazem uso de inversão para o humor político.

O enunciado se reparte em quatro quadros, cada qual como uma etapa do arco de resistência. Aqui, ao contrário do enunciado anterior, há uma identificação maior da narrativa de resistir: há o sujeito que resiste, o modo como o faz e a direcionamento da resistência. No primeiro quadro, Jair Bolsonaro é o sujeito cuja existência é ferida no episódio da facada, ocorrida em setembro de 2018, em um sentido físico e político. Parte da construção verbal acompanha e legenda o ato de ferimento. Em seguida, já hospitalizado, Bolsonaro segue a condição e temporalidade de resistir: se ferir, é resistência. No terceiro, em pé com apoio, Bolsonaro se recupera e finaliza, portanto, a resistência, sendo presidente da nação.

A “resistência” aqui é também invertida, pois é recuperada em um contexto de cisão política a partir da qual Bolsonaro representa, por vezes, a voz totalitária à qual se resiste. No enunciado analisado, porém, constrói-se uma resistência de Bolsonaro, ocorrência que denota a polivalência dos sentidos de resistir. Nessa composição

⁴² Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 02.Nov.2018. Acesso em: 04. Fev. 2021.

enunciativa, chegar à presidência é um ato de resistência de Bolsonaro contra atentados, oposição e afins que fisicamente e simbolicamente o feriam. Paula e Oliveira (2019) destacam como o signo “resistir” é polemizado, a partir das ocupações das lacunas de narrativas. Os autores apontam que a resistência é reinterpretada nos diversos contextos da divisão política no Brasil, gerando ironia e efeitos diversos.

Como nos demais enunciados, a ressignificação da palavra outra gera a satírica política, pois se parte de um sentido para modificá-lo: o sujeito que antes era visto como opressor também é resistente. A mudança de sentido que a figura de Bolsonaro adquire é ponto crucial da arquitetura de sentido do enunciado analisado, já que, nessa narrativa e voz social, Bolsonaro também resiste, seja ao ataque da facada, seja à oposição.

Na compreensão de Volóchinov, “Um sentido novo se revela em um antigo e com a ajuda dele, mas com o objetivo de entrar em oposição a ele e o reconstruir.” (2017, p.238). A relação entre os enunciados analisados diz respeito a uma reavaliação social da “resistência”, que ocorre, como aponta o autor, mediante o horizonte ideológico do grupo social. O tom valorativo reconstitui os sentidos da “mesma” construção linguística, a exemplo em Paula e Oliveira (2019), em outro enunciado. É possível apontar, então, que “A língua entra em contato com a comunicação apenas por meio do enunciado, tornando-se repleta de forças vivas e, portanto, real.” (VOLÓCHINOV, 2017, p.262)



Figura 27 – Viola Davis⁴³

No enunciado 27, ocorre a corporificação da “resistência”, pois os sujeitos representados resistem e são a “resistência”, além de serem também a identidade de um

⁴³ Disponível em: [VIOLA DAVIS no Instagram: “Brazil, I stand with you! BR 🇧🇷 @fil.lima”](#). Publicado em: 31. Out. 2018. Acesso em: 27. Jan. 2021. O perfil de Viola Davis foge do critério de páginas política. A escolha, no entanto, se deu pelo fato da grande visualização da atriz e do impacto, em termos de circulação, que o enunciado tem.

grupo social. Por consequência, o corpo é “resistente” e “identitário”. Cada sujeito traz uma forma de concepção do grupo social e o integra na narrativa de “resistência”. A “união” é um sentido presente entre os sujeitos, constituindo-os.

Na materialidade verbal, a oração, em imperativo, prega “união” e “força”, sentidos que constituem o signo “resistência”. No componente visual, ocorre a identificação de quem resiste: cinco sujeitos, cada um representando um grupo social. “É por isso que todas as ênfases ideológicas, embora feitas por uma voz individual (por exemplo, na palavra) ou por qualquer organismo individual, são ênfases sociais, que pretendem o *reconhecimento social* [...]” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 111, destaques do autor). Como pontua o autor, a voz dos sujeitos resistentes dizem respeito a ênfases sociais. Isto significa que o sujeito que representa o Nordeste engloba um direcionamento e compreensão de povo nordestino unido e resistente.

O primeiro sujeito (da esquerda para direita) é colorido de tons da gama salmão, tem cabelo longo e é identificado pelo espelho de Vênus. Esses aspectos constroem a ideia de mulher e de identidades femininas. Em seguida, está o sujeito que representa a população LGBTI+, por causa da referência à bandeira arco-íris, que serve de identidade a esse sujeito. Nesses dois casos, a cor é fundamental, porque representa, isto é, reflete e refrata visões sociais. Como esclarece Volóchinov (2017; 2013) sobre o signo, este possui significação e representa algo fora dele. As cores, portanto, como forma ideológica de conceber a população LGBTI+ e a mulher/feminino, representam e trazem valorações, porque veiculam identidade e juízos de valor.

Os três sujeitos seguinte têm identidades não-brancas e fazem referência à raça em consonância à “resistência”. Para Hall, “A raça é uma categoria *discursiva* e não uma categoria biológica. Isto é, ela é a categoria organizadora daquelas formas de falar, daqueles sistemas de representação e práticas sociais (discursos) [...]” (2011, p. 63, destaques do autor). As características físicas e aspectos culturais são recuperados para marcar a negritude, o nordestino (não branco) e a identidade indígena. As construções referidas trazem tanto uma concepção de raça, quanto a relação entre elas com uma valoração de “resistência”.

Ao centro, o sujeito se constitui como negro, com a mão fechada (sentido importante para a “resistência”) e a forma do cabelo. Em seguida, o desenho do Nordeste e o chapéu em couro, alusivo ao cangaço, constituem a identidade de sujeito nordestino.

Por fim, o coçar é o meio de representar o sujeito indígena. A partir de Hall e Volóchinov, é possível dizer que tais signos constituem visões de negritude, ser nordestino e sujeito indígena em uma conformidade de “união” e “resistência”.

Abraçados, os sujeitos são a “resistência”, constituída na “união” entre grupos sociais. Cada aspecto, entre cores e características físicas e culturais, identificam o sujeito da resistência e revelam as compreensões sociais, já que são escolhas ideológicas de representação. Assim, cada um dos sujeitos representados trazem uma noção uniforme de identidade e explicita quem são os afetados pelo “a quê” se resiste, isto é, minorias. A legenda da publicação traz a ideia de “estar junto” e reforça que a “resistência”, nesse enunciado, se dá pelo contato entre os resistentes.



Figura 28– Jornalistas Livres⁴⁴

No enunciado 28, a flor é construída como “resistência”, instaurando a narrativa de quem contra o quê. Com uma representação de movimento, o pé calçado, em dois momentos, pisa a flor, que resiste. O sentido, então, de “resistência” engloba forças em disposição horizontal e jogo de figuras de linguagem. As cores se articulam no sentido de evidenciar a flor e transformá-la em ponto destoante na construção visual, e a identificação do sujeito que oprime acontece por meio de uma metonímia e metáfora.

No primeiro momento, a bota avança contra a flor, que é a única representada. A *hashtag* traz o verbo resistir no imperativo e opera na construção do sentido de “resistência”, encenado pela flor. No segundo, a bota pisa, mas não a esmaga nem danifica. O primeiro sentido de “resistir” se dá nesse ato: a força da flor resistindo à do

⁴⁴ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 07. Out. 2018. Acesso em: 28. Jan. 2021.

pé que a pisoteia. O fato de a bota ser perfurada pela flor revela o embate de forças, que também são sociais.

A bota é militar, fato que identifica o sujeito opressor. Trata-se de uma metonímia porque é uma relação de parte (o pé e a bota) pelo todo (o corpo e o militarismo). E ocorre metáfora porque faz alusões a sentidos outros: a bota, à opressão; a flor, à resistência. O embate retratado, assim, não é apenas “alguém” que pisa a flor, mas é perfurado por ela. Trata-se de representação de “resistência” à opressão, marcada pelo militarismo. A legenda da publicação faz referência ao movimento #EleNão (figura 14), fato que traz a identidade de Bolsonaro e suas posições ideológicas ao cenário de “resistência”. A bota, nesse enunciado, se associa a Bolsonaro, que se torna opressor.

O ato de pisar a flor é construído de frente e não toma ângulo nem da flor nem da bota. Trata-se de uma visão de espectador do ato de “resistência”. Esse aspecto, junto à opção pela flor e pela bota são construções ideológicas feitas no enunciado. A flor vermelha, nessa direção, resiste a algo maior, cuja força vem de cima. Como aponta Bakhtin, “O enunciado em sua plenitude é enformado como tal pelos elementos extralinguísticos (dialógicos), está ligado a outros enunciados. Esses elementos extralinguísticos (dialógicos) penetram o enunciado também por dentro.” (2011, p. 313). Os elementos de que fala o autor estão materializados pela/na linguagem e faz referências a realidades em contraste, como no enunciado analisado. A disputa entre a flor e a bota é uma disputa social. Assim, a “resistência” é física, mas representando o confronto de vozes sociais, é também ideológica.



Figura 29– Rua Direita⁴⁵

⁴⁵ Disponível em: [Rua Direita no Instagram: “#RuaDireita”](#). Publicado em: 31. Out. 2018. Acesso em: 28. Jan. 2021.

No enunciado 29, o teor militar está presente e marca o sentido de “resistir”. Em especial, ocorre um confronto de “resistências”: o sujeito militar resiste à “resistência”. Há um grupo homogêneo de militares que se confronta com os valores de “resistir”. Nesse processo, o riso se instala, e fica explícita a dialogicidade entre o enunciado 28 e 29 (mas não só entre esses). As relações dialógicas se dão pela construção de sentidos entre as referências e alusões sociais. Como em 28, há o sujeito militar na narrativa em atributos negativos, mas, em 29, essa presença é encarada como positiva.

De início, como aponta Volóchinov, “[...] a palavra torna-se a arena da luta de classes, a arena da dissidência de opiniões e de interesses de classes orientados de modos distintos.” (2013, p.197). A palavra “resistência”, signo ideológico, é arena em que os sentidos de 28 e 29 se confrontam, porque, destarte, concebem a narrativa da “resistência” de maneiras variadas. O militarismo é reinterpretado e ganha contornos positivos, ao passo que provoca riso. A voz social que constitui o enunciado 29 dá uma visão do confronto pela ótica da bota militar, em contraste ao 28.

A oração, dividida entre cima e baixo da imagem, caracteriza o grupo homogêneo: “de boas aqui” e “à espera” são expressões que marcam o estado. O confronto não é direto, como no enunciado anterior. Em 29, o grupo militar é resistente, e coloca os sentidos vistos anteriormente em um cenário de riso, porque se tornam o sujeito o “outro” (agora “eu”) da “resistência”, o sujeito opressor.

A vestimenta do grupo é militar, que inclui cassetete, arma de fogo etc. Nesse enunciado, são representados mais elementos dessa identidade, os quais reforçam o teor de “resistência”, porque são meios de confronto. A descrição nos escudos faz referência à Tropa de Choque da Polícia Militar, que atua, entre outros pontos, em controle de manifestações. Desse modo, coloca-se um perfil específico de militar.

Essa mudança se trata de interesses distintos de classe/grupo, que faz soar a linguagem de um modo específico. O riso é oriundo do estado “de boas” e “à espera”. A “resistência” ganha a ótica do sujeito opressor, em consonância ao enunciado 28, e projeta esse confronto de sujeitos que resistem uns aos outros, motivados por aspirações sociais. Em cada enunciado, há uma valoração diferente do sujeito militar que oprime, fato que revela a distinta concepção de “resistir” e de militarismo.



Figura 30– Jornalistas Livres⁴⁶

O enunciado 30 integra a disputa de sentidos entre o 28 e 29, de tal modo que faz uma identificação outra do sujeito que resiste e do opressor. Signos diversos compõem o sentido nesse enunciado e participam da narrativa “militar opressor vs sujeito resistente” de um modo específico. A arquitetura é a bota que pisa um grupo heterogêneo de identidades, contato este que representa, em última instância, um confronto político. A “resistência” tem identidades plurais em uníssono que resiste ao sujeito opressor, representado pela bota militar e a suástica nazista.

A materialidade verbal do enunciado recupera a distinção política e discursiva entre “nós” e “eles”, presente em outros textos analisados nesse relatório. O “nós” é o grupo homogêneo (o jogo de sombra e perspectiva ainda constrói demais sujeito ao longe, que integram o grupo) que resiste e que, por consequência, partilha determinada visão e princípio ideológico. “Eles”, por sua vez, é a bota militar (metonímia e metáfora, como visto em 28 e 29), o sujeito opressor e nazista. Tais caracterizações se baseiam em interesses sociais, que se pautam em signos (linguagem) para representar o adversário político como “eles”, o sujeito “outro” que oprime.

Para Volóchinov, “Uma palavra nos lábios de um único indivíduo é um produto da interação viva das forças sociais.” (2017, p. 140). Os signos em jogo no enunciado são recuperados a partir de um tom específico para construir determinado sentido. Nessa direção, os diferentes tons de pele, que denota pluralidade de raça, são um ponto de

⁴⁶ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 10. Out. 2018. Acesso em 29. Jan. 2021.

significação que constitui “resistência”. Outros signos (o terço no pulso; a pulseira *punk*; o lápis; a pulseira com pena; a pulseira violeta e a arco-íris; a luva com a ferramenta) constituem identidades raciais, de profissão e de gênero/sexualidade. Todos com a mão fechada, diferentes e plurais, contra o sujeito militar, que oprime. Isto significa que diferentes identidades se unem na “oposição” e na “resistência”.

Os signos elencados para identificar os sujeitos são pontos de vista sobre cada identidade representada. As vozes individuais, como aponta Volóchinov (2017), dizem respeito a aspirações sociais mais amplas. Todo esse conjunto de identidade, representado por um sujeito (corporificação), traz o confronto ideológico que sustenta cada perfil contra o opressor militar. Nesse caso, ocorre a metonímia profunda de ambos os lados, porque, por exemplo, a mão que segura o lápis reflete e refrata uma visão ideológica de docência, que se choca com a opressão. Dessa aspiração social maior ao lápis em confronto, está em processo a representação (reflexo e refração) de realidades.

A bota militar, por sua vez, tem um novo signo: a suástica nazista, que representa o autoritarismo, a supremacia e a barbárie, atributos, portanto, do sujeito opressor. A força que exerce é diagonal. Nesse ponto, a oração do enunciado traz o sentido de “resistir”: devolver o medo. A “união” e a “força” se direcionam em devolver o medo, que é o debate da “resistência”.

Os sujeitos que resistem se constituem como tal na interação entre o grupo e na divergência com o opressor, que, por sua vez, na interação com os resistentes. Esses processos de alteridade são multifacetados e multidirecionados. Por esse fator, é possível apontar que o sujeito opressor é também resistente. A “resistência”, portanto, é signo ao qual se associam outros na construção de sentidos em contraste.



Figura 31– Consciência Patriótica⁴⁷

⁴⁷ Disponível em: [Facebook](#). Publicado em: 31. Out. 2018. Acesso em: 07. Fev. 2021. Em última visualização, o endereço da página, assim como o da publicação, não estava mais disponível.

No enunciado 31, a “resistência” se situa em uma representação de barco-país (PAULA, OLIVEIRA 2019), levado pela correnteza de um rio ao precipício. Na embarcação, estão os brasileiros que, comandados por um militar, ajudam o “Brasil” a sair do precipício e da queda. A ideia de “resistência” é negativa, porque, nesse enunciado, é prejudicial ao progresso da “nação”, signo polemizado no enunciado.

Cinco sujeitos aparecem na embarcação. O primeiro, militar, em posição ereta, comanda o barco-país. A postura representa a liderança, assim como a vestimenta, em especial a faixa presidencial. Com referências a Bolsonaro, o enunciado o constrói como sujeito que salva e sabe comandar a “nação” em um caminho “não-precipício”. Essa ideia polemiza a identidade de Bolsonaro e a de militar, porque, nesse enunciado, ambas têm sentidos positivos e fortemente atrelados ao “Brasil”, cuja bandeira, representando o “país”, está logo abaixo do comandante.

Em seguida, dois outros sujeitos que remam e contribuem à “nação”. O de capacete amarelo se confronta com o sujeito da resistência, o vermelho. Nesse ponto, a identificação do resistente se dá pela cor e da referência (a estrela na camisa) ao PT – Partido dos Trabalhadores. Instaura-se, portanto, a narrativa vermelho/PT/comunismo vs verde e amarelo/Bolsonaro/Brasil, isto é, uma representação dicotômica da situação política no país. O sujeito vermelho afirma: “Serei RESISTÊNCIA!”. Em contraste, é ordenado que ajude a remar. Nessa construção, fica explícita o relacionamento de vozes sociais em contraste.

Para Volóchinov, “É a significação que faz com que uma palavra seja uma palavra. É também a significação que faz com que uma vivência seja uma vivência.” (2017, p. 117). Esse conflito ocorre pela significação que os grupos sociais têm quanto à “resistência”. Para o sujeito vermelho, “resistir” é benéfico e ato político, ao passo que, para os demais e para a “nação”, é prejudicial, pois significa “queda” (precipício). Assim, cada sujeito, emanando determinada voz social, tem vivência social no signo “resistência”, polemizada nesse barco-país.

A crítica que se dá pela ação do sujeito “resistente” diante a situação do barco-país, que está prestes a cair. Nessa construção de realidade enunciativa, o “Brasil” está mal, porém o sujeito militar e presidente, Bolsonaro, ajuda a comandá-lo pelo caminho não-precipício, de tal modo que a “resistência” é prejudicial e atrapalha o andamento do

barco-país. A narrativa ainda se pauta na ideia de que o sujeito resistente, o petista e vermelho, está alheio à situação do “país”.

De acordo com Volóchinov (2017), o enunciado tem sempre uma orientação avaliativa. A estrutura enunciativa se orienta, portanto, a dar este ou aquele sentido. Em 31, avalia a “nação” como um barco simples, que está prestes a cair em precipício; o sujeito comandante, Bolsonaro, como salvador; o sujeito resistente e petista, que prejudica e não ajuda o “país”. Em suma, “resistir” é contribuir ao caos no “Brasil”, avaliação maior que o enunciado faz.

3.4 MITO ou deus?

O signo, para Volóchinov, é ideológico, situado e palco/arena da luta de classes, porque concentra os valores distintos dos grupos sociais. Além dessa característica nodal, o autor aponta que “[...] a compreensão de um signo ocorre na relação deste com outros signos já conhecidos; em outras palavras, a compreensão responde ao signo e o faz também com signos.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 95). Como já apontado, a pesquisa aqui desenvolvida sempre compreendeu os signos nessa cadeia relacional, em que “nação”, “ódio” e “resistência” compõem narrativas políticas conflitantes. A partir dessas noções, o signo “mito” também está presente, sob reflexo e refração da imagem de Jair Bolsonaro. Também se chocam vozes e juízos sociais nesse referido signo, palco do embate sobre o que é ser “mito”. A relevância de destacar este aspecto da pesquisa é a emergência das significações diversas oriundas de “mito” e suas figuras.

Presente em vários enunciados, o “mito” é o sujeito que salva o “Brasil”, mas é o “deus” que potencializa o “ódio”. A imagem de Bolsonaro está fortemente associada à “nação”, porque se usa desse discurso (Brasil como partido) para negar o sistema político brasileiro (representado como corrupto, na figura de partidos políticos como PT). Nessa direção, muitas ideias de “país” se atrelam ao ideário bolsonarista. Do mesmo modo, há uma negação desse “Brasil”, na medida em que este representa a ascensão do “ódio” e de regimes totalitários à brasileira.

Há um conflito, que pode ser resumido entre “novo” e velho”. Bolsonaro, em vários enunciados, é o “novo”, a reconstrução política e nacional. Ao contrário, é o “velho”, que representa o retrocesso e a opressão. Com essa dualidade, há as disputas de “ódio”: Bolsonaro e seus eleitores/sujeitos a ele associados são opressores? Sim e não, a

depende da visão social. É o sujeito de ódio por excelência, mas também aquele que sofre e resiste ao ataque da “velha política” e do “mal”, corriqueiramente representados pelo comunismo/PT. Independente da visão social, sujeito de ódio é contraditório, porque entre os atos (aparente e prático) há uma incompatibilidade.

Nessa disputa, o “mito” também encena a “resistência”, porque é opressor e resistente, dependendo da visão social. Como dito, é representado como ser de ódio, e isto gera a “resistência”, muito oriunda de minorias, como mulheres, população LGBTI+, comunidades indígenas etc., representadas por signos como cor de pele e aspectos culturais. As características de Bolsonaro, como o militarismo, encenam as marcas identitárias dos sujeitos de ódio e opressores. Nesse mote, há a “resistência como valor político (embate representado, por vezes, em sujeitos em disputa física), que implica identificação de sujeitos e forças. Nas lacunas da “resistência”, ocorrem a inversão, a ironia, a paródia etc. que a relativizam, construindo outros sentidos.

Entre “MITO” e “deus”, há uma constituição pela alteridade. As visões sociais que incidem sobre Bolsonaro o interpretam a partir de realidades distintas. Esse contato de vozes o constitui, entre “eu” e “outro”, em várias escalas de aceitação e rejeição, em exclusão e pertencimento, de modo variado e plural. Para Bakhtin: “A partir do lugar único que eu ocupo, se abre a todo o mundo na sua unicidade, e para mim, somente deste lugar.” (2017, p.106). Nesse sentido, é possível pensar a constituição de Bolsonaro como sujeito se dá no contato entre os eleitores e não-eleitores, “resistentes” ou não etc., de distintas formas e orientações.

Como signo, “MITO” e “deus” são construções ideológicas, representam realidades e óticas diferentes de conceber a vida social. A dialética do signo também se aplica nesse caso, pois, em momento de crise, essa disputa é mais a florada, conforme as análises feitas. “A significação é a função do signo e por isso é impossível imaginar uma significação (que representa uma pura relação, uma função) que exista fora do signo, como um objeto isolado e autônomo.” (VOLÓCHINOV, 2017, p. 119). Assim, a polêmica entre mitos e deuses só pode acontecer no signo, na palavra, na linguagem em constituição pelo contexto social.

DIÁLOGO INCONCLUSO

A presente pesquisa teve como objetivo analisar a polarização discursiva no contexto eleitoral de 2018 no Brasil. Os enunciados que materializam esse fenômeno de linguagem e que foram analisados são *posts* de redes sociais. Tais enunciados trazem três signos ideológicos: nação, ódio e resistência, que foram centro da discussão política em 2018 no Brasil e arena/palco das diversas tensões sociais em questão. As vozes sociais que circularam nesse período se enlaçam na história do signo, na cadeia discursiva e compõe um diálogo tanto interno, com questões brasileiras, quanto externo, polemizando fatos e eventos históricos mundiais.

Tais enunciados são, em conformidade ao Círculo, fragmentos e elos de discurso desse período de crise e cisão política. Estão presente, portanto, elementos, tais como a disputa pela narrativa nacional, que balizaram o cenário polarização. Nesse contexto, a problemática da identidade apareceu fortemente, pois os diversos sujeitos em embate representam visões de mundo, ao passo que a voz social e o juízo de valor se corporificam.

No signo “nação”, foi possível perceber e analisar uma disputa sobre os valores de “Brasil”. Cada voz social, então, recuperou eventos da história nacional a fim de compor uma dada visão de “ser brasileiro”. A partir de Hall (2011) e Volóchinov (2017), discutiu-se como esse processo é histórico, social e ideológico. Nessa direção, demais signos que trazem à tona as divergências de “nação” também se relacionam, tal como a bandeira nacional, porque enformam valores de “Brasil”. Há, nesse quesito, um discurso de “nós” e “eles” centrado no apagamento e memória de identidades.

No signo “ódio”, discutiram-se as características que compõe o sujeito de ódio. Contradição e intolerância lhe constituem o modo de vida, pois são o ponto crucial entre o ato aparente e ato prático. Há sempre o “ódio” a um “outro” diferente, figurativizado, por vezes, por minorias, ao passo que o “amor” é sempre destinado ao “igual” (até mesmo a visão de mundo), único possível capaz de receber o respeito do sujeito de ódio. Também aqui ocorre a corporificação das vozes sociais do “ódio”.

A “resistência”, por fim, se materializa no jogo de narrativas: quem, como e a quê? A ironia política e a polissemia ideológica da palavra se instalam justamente nas lacunas de tais narrativas. De uma “resistência” universal, contra um “ele” que oprime, a figuras específicas do jogo político. Invertem-se assim os sentidos. O signo, portanto, vive a mobilidade social e se torna arena e palco de conflitos sociais.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ronaldo de. Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira. *Novos estud.CEBRAP*, n.38, n.01, p.185-213, JAN-ABR, São Paulo.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. (1920-1974). (Edição traduzida a partir do russo). São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- BAKHTIN, Mikhail. (1920-1924). *Para uma filosofia do ato responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2017.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 11ªed, 2011.
- MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Em guarda contra o "perigo vermelho": o anticomunismo no Brasil (1917-1964)*. Tese (História Econômica). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.
- PAULA, L de; FIGUEIREDO, M; PAULA, S.L. *O marxismo no/do Círculo de Bakhtin*. Slovo – O Círculo de Bakhtin no contexto dos estudos discursivos. Curitiba: Appris, 2001, v.1, p.79-98.
- PAULA, Luciane de; OLIVEIRA, Fábio, A. A “nação” nas redes sociais e na política brasileira. *Entrepalavras*, v.3, p.1-23, 2020.
- PAULA, L. de; OLIVEIRA, F. A A. de. O signo “resistência” nas eleições presidenciais de 2018 no Brasil. *Entreletras (Araguaína)*, v. 10, n. 2, p. 350-371, jul/dez 2019.
- ROLNIK, Raquel. Apresentação. In: (org). MARICATO, E *et al. Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo, 2013.
- SBROCCO, Fernando Moreira. *A Alemanha no período entre-guerras: um estudo sobre a hiperinflação e a ascensão do nazismo*. Trabalho de conclusão de curso (bacharelado - Ciências Econômicas) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara, 2011.
- SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. *Cadernos Pagu (28)*, Campinas-SP, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu/UNICAMP, 2007, pp.19-54.
- STANLEY, Janson. *Como funciona o fascismo: a política do “nós” e “eles*. Porto Alegre: L&PM, 2018.
- VOLOCHINOV, V. *A construção da enunciação e outros ensaios*. São Carlos: Pedro e João Editores, 2013.
- VOLOCHINOV, V. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: 34, 2017.

ANEXO - CERTIFICAÇÃO



CERTIFICADO

Certificamos que Fábio Augusto Alves de Oliveira participou como ouvinte do *I Encontro Aberto do Grupo de Pesquisa PsiPoliS*, ocorrida no dia 26 de agosto de 2020, no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Campinas, 26 de agosto de 2020.

A handwritten signature in blue ink, enclosed in a light blue oval.

Prof. Dr. Lauro José Siqueira Baldini
Coordenador-associado
Centro de Pesquisa PoEHMaS



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO
RECÔNCAVO DA BAHIA
CENTRO DE FORMAÇÃO DE
PROFESSORES**

CERTIFICADO

Certificamos que **FÁBIO AUGUSTO ALVES DE OLIVEIRA** participou da mesa-redonda *Mulheres na ciência: Linguística e protagonismo*, promovido pelo projeto de extensão *Café com Linguística: diálogos em torno da linguagem humana e seu estudo científico*, no dia 18 de setembro de 2020, com carga horária de 3 hora(s).

AMANDA DOS REIS SILVA

COORDENADORA DO
PROJETO CAFÉ COM
LINGUÍSTICA - DOCENTE -
CFP-UFRB

**ADIELSON RAMOS DE
CRISTO**

COLABORADOR DO
PROJETO CAFÉ COM
LINGUÍSTICA - DOCENTE -
CFP-UFRB

**LISANA RODRIGUES
TRINDADE SAMPAIO**

COLABORADORA DO
PROJETO CAFÉ COM
LINGUÍSTICA - DOCENTE -
CFP-UFRB



Certificamos que **FÁBIO AUGUSTO ALVES DE OLIVEIRA** participou com êxito da atividade **Conferência - Polifonia - Paulo Bezerra (UFF)**, realizada em 24/10/2020, durante o Encontros Discursivos "Café com Tapioca", contabilizando carga horária de 2 horas.

28 de novembro de 2020.

Luciane de Paula
Representante dos Grupos Organizadores
GEBAK, GED, GEDIS, GEDISC, GELID



ENCONTROS DISCURSIVOS "CAFÉ COM TAPIOCA"

CERTIFICADO

Certificamos, para os devidos fins, que Fábio Augusto Alves De Oliveira, RG 20568129, CPF 04995471103, participou, como ouvinte, da palestra intitulada "*Diálogos sobre a leitura literária com Bakhtin e o Círculo*", ministrada pela Profa. Dra. Leticia Queiroz de Carvalho (IFES), no **ENCONTROS DISCURSIVOS "CAFÉ COM TAPIOCA"**, promovido pelo GED – Grupo de Estudos Discursivos, GEBAK – Grupo de Estudos Bakhtinianos, GELID – Grupo de Estudos sobre Linguagens e Dialogismo, GEDIS – Grupo de Estudos Discursivos e GEDISC – Grupo de Estudos Discursivos sobre o Círculo de Bakhtin, realizado na modalidade evento online, no dia 05 de setembro de 2020, com carga-horária total de 3 horas.

Araraquara, 05 de setembro de 2020.

Luciane de Paula
Presidente do GED
representando os Grupos Integrados



Ciclo de palestras SLOVO - Grupo de Estudos do Discurso
13 de agosto de 2020

CERTIFICADO

Certificamos que **Fábio Augusto Alves de Oliveira** participou como **ouvinte** da palestra *Ética, linguagem e comunidade constitutiva: a proposta filosófica de Bakhtin*, ministrada pelo Prof. Dr. Adail Sobral. O evento, com carga horária de 2 horas, foi realizado na modalidade à distância, em 06/10/2020, e integrou o Ciclo de palestras do SLOVO - Grupo de estudos do discurso (UNESP/FCLAr).

06 de outubro de 2020

Marina Célia Mendonça
Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa - UNESP/Araraquara (FCL/Ar)
Departamento de Linguística, Literatura e Letras Clássicas

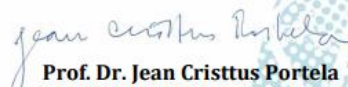


CERTIFICADO

Certificamos, para os devidos fins, que **FÁBIO AUGUSTO ALVES DE OLIVEIRA** assistiu à palestra **"Discurso e sociedade: reflexões sobre a intolerância, a mentira e a educação"**, proferida pela Prof. Dra. Diana Luz Pessoa de Barros (Mackenzie/USP/CNPq), como Aula Magna do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da Faculdade de Ciências e Letras da Unesp, câmpus de Araraquara(SP), no dia 31 de agosto de 2020, às 14h30, via *YouTube*.

Carga horária: 2h.

Araraquara, 31 de agosto de 2020.


Prof. Dr. Jean Cristtus Portela

Coordenador do Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa

Verifique o código de autenticidade 6705723.085993.760763.9.0420934728830140138 em <https://www.even3.com.br/documentos>



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"



CERTIFICADO

Certificamos que **Fábio Augusto Alves de Oliveira**, participou das atividades previstas na Programação da 1ª Fase do XXXII Congresso de Iniciação Científica da Unesp realizada nos dias 20, 21 e 22 de outubro de 2020, apresentando o trabalho intitulado "Nação", "ódio" e "resistência": uma análise dialógica da política brasileira". A carga horária total do evento é de 24 horas.

São Paulo, 22 de outubro de 2020.

Carlos F.O. Graeff
Pró-Reitor de Pesquisa da UNESP

DECLARAÇÃO

Declaramos, para os devidos fins, que Fábio Augusto Alves de Oliveira apresentou o trabalho intitulado "Notas bakhtinianas sobre as conflitantes identidades de "Brasil"" na modalidade pôster, durante o V SEDISC – Seminário Discurso, Cultura e Mídia. O evento foi promovido pela Universidade do Sul de Santa Catarina, Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Universidade Estadual de Campinas, entre os dias 08 de outubro a 26 de novembro de 2020.

Palhoça, 1º de dezembro de 2020.



Dra. Nádía Régia Maffi Neckel
Organizadora do evento - UNISUL



Dra. Giovanna Gertrudes Benedetto Flores
Organizadora do evento - UNISUL



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo



CERTIFICADO

Certificamos que **Fábio Augusto Alves de Oliveira**, CPF 049.954.711-03, apresentou o trabalho "As ironias da "resistência": a política brasileira na ótica bakhtiniana" no dia 08 de outubro de 2020, entre as 10h e as 12h, em sessão de comunicações orais da **I Escola de Estudos Linguísticos do GEL (I ELinG)**, evento organizado pelo Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL) e realizado de forma remota entre 06 de setembro e 24 de outubro 2020.

São Carlos - SP, 09 de outubro de 2020.

Luiz André Neves de Brito
Presidente do GEL (2019-2021)

Diretoria

2019 - 2021 (UFSCar)

Presidente: Luiz André Neves de Britto

Vice-Presidente: Mariana Luz Pessoa de Barros

Secretário: Renato Miguel Basso

Tesoureira: Rosa Yokota

Escola de estudos linguísticos do GEL

Linguística dentro e fora da academia

Organizadores: Luiz André Neves de Brito, Mariana Luz Pessoa de Barros, Matheus Granato, Renato Miguel Basso, Rosa Yokota

Revisão: Letraria

Capa, projeto gráfico e diagramação: Letraria

ISBN: 978-65-86562-21-7

Publicação: Editora Letraria – Araraquara, 2020.

As ironias da “resistência”: a política brasileira na ótica Bakhtiniana

Autoria: **Fábio Augusto Alves de OLIVEIRA**

Este trabalho, cujo fundamento teórico-metodológico é o pensamento do Círculo de Bakhtin, versa sobre os sentidos de “resistência” na política brasileira, especialmente na época de eleição presidencial (2018). A relevância desta temática é discutir e analisar procedimentos discursivos que dão o tom de narrativas políticas. Para tanto, faz-se uso, especialmente, do conceito dos estudos bakhtinianos de signo ideológico/palavra, de modo a compreendê-lo enquanto palco e arena de embates sócio-ideológicos. O *corpus* de análise são duas publicações (oriundas das páginas *Jornalistas Livres* e *Caneta Desesquerdizadora*) de Facebook (o recorte temporal são os dois meses finais de 2018; o temático, o discurso político; o quantitativo, páginas com mais de 50.000 curtidas.), nas quais os sentidos de “resistência” são expressos, mediante determinadas vozes sociais. Ao compreender a “resistência” como signo ideológico, é possível discutir e analisar as mudanças de sentido e ressignificações pelas quais passa a palavra no movimento discursivo da tensão política. A proposta, assim, é refletir como tais publicações evocam valores distintos para a noção de “resistir”. Tal embate social, materializado na linguagem, ocorre por meio das relações dialógicas. A partir da índole responsiva do enunciado, estas publicações trazem à tona a bivocalidade polêmica do signo. Os resultados parciais apontam que a mudança de sentido se

A “nação” nas redes sociais e na política brasileira

The “nation” on social networks and on the Brazilian politics

Luciane de PAULA (UNESP)
lucianedepaula1@gmail.com

Fábio Augusto Alves de OLIVEIRA (UNESP)
Fabio.Augusto357@live.com

Recebido em: 02 de abr. de 2020.
Aceito em: 29 de jun. de 2020.

PAULA, Luciane de; OLIVEIRA, Fábio Augusto Alves de. A “nação” nas redes sociais e na política brasileira. *Entrepalavras*, Fortaleza, v. 10, n. 3, e1858, p. 1–23, set.-dez./2020. DOI: 10.22168/2237-6321-31858.

Resumo: Este trabalho se fundamenta teórica e metodologicamente nos estudos bakhtinianos e se propõe a analisar a concepção de “nação” como signo ideológico, seja verbal, vocal, visual ou sincrético, expresso em enunciados multimodais veiculados nas redes sociais (por meio de bandeiras ou das cores nacionais, de frases-slogans e outras formas) e sua função na política brasileira atual (2018–2019). As plataformas digitais, na contemporaneidade, têm cumprido, dentre outras, a função de arena discursiva, onde se confrontam juízos de valor e vozes sociais as mais diversas. Três posts do Facebook compõem o *corpus* de análise deste artigo para reflexão a que se propõe. Coletados em páginas de cunho político, os posts trazem, mais explicitamente, a tensão social sobre o que é “Brasil” para sujeitos e grupos distintos. Signo ideológico é o conceito que sustenta a análise empreendida. Este artigo discute o embate acerca da noção de “Brasil”, na esfera política, bem como as formas de resignificação do signo ideológico, na circulação social midiática. Debater acerca do papel do signo ideológico como fenômeno de linguagem se justifica, tanto teórica quanto analítica e socialmente, pela importância desses